

**SARUG DAGIR RIBEIRO**

**COM LAPLANCHE, LER MARIE BONAPARTE:  
CONTRIBUIÇÕES À PSICANÁLISE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo.

Belo Horizonte - MG  
Fevereiro / 2020

150	Ribeiro, Sarug Dagir.
R484c	Com Laplanche, ler Marie Bonaparte [manuscrito] :
2020	contribuições à psicanálise / Sarug Dagir Ribeiro. - 2020. 115 f. Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Sexo – Teses. 3. Psicanálise – Teses. 4. Laplanche, Jean . 5. Bonaparte, Marie, Princess, 1882-1962. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**COM LAPLANCHE, LER MARIE BONAPARTE: CONTRIBUIÇÕES À PSICANÁLISE**

### SARUG DAGIR RIBEIRO


Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo - Orientador  
UFMG

P/   
Prof(a). Fernando César Bezerra de Andrade  
UFPB

  
Prof(a). Maria Teresa de Melo Carvalho  
UFMG

  
Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli  
PUCSP

  
Prof(a). Felipe Latanzio  
UFMG

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2020.

Dédicace à l'homme que j'aime, Edson do Nascimento Silva, qui m'a réappris le verbe aimer!!!!

Réflexions émouvantes sur le drame de la vie et de la mort inspirées par la disparition d'êtres aimés, lecteurs manquants, vivre des évocations de mon passé, qui marque pour mon présent et qui est toujours protégé et enchanté par ma mémoire.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço *ad honorem* meu orientador e amigo Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo pelas proveitosas trocas de ideias no entendimento da obra laplancheana, tão úteis à elaboração desta tese, e que também de bom grado acolheu meu interesse pela obra bonaparteana. Pela sua valiosa assistência contínua em todas as etapas de consecução deste trabalho, suas preciosas sugestões que tanto me auxiliaram na solução de problemas diversos dentro do texto, mostrou-me a alegria e o prazer que envolve a construção do conhecimento.

A Dila Bragança de Mendonça, pelas ajudas na revisão e normalização.

Reconheço os esforços de muitos amigos, colegas de curso, professores, servidores da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFMG e a Chefia da Biblioteca da Fafich/UFMG no propósito de me auxiliarem tanto na busca e aquisição das obras de Marie Bonaparte na França, quanto nas despesas pessoais. Sem essas pessoas talvez essa pesquisa não chegasse ao seu fim. Meus sinceros agradecimentos ao amparo de: Alline Hellen, Cristina Duarte, Maria Nassif P., Verlaine Freitas, Hugo Schayer S., Lucas Leitão S., Bianca N. Lara, Marcela Adriana, Mirian E. Matias, Ronaldo Pimenta, Camila Peixoto, Airi Macias AS, Francisco José, Rodrigo Lopes, Gidalte Lúcio, Débora Nogueira, Isabella C. B. F., Regina C. F. Ribeiro, Tarcisio Botel, Luana G. Veríssimo, Francini Nicole, Cristina G. Alves, Tales A. M. AB. S. Silas Rezende, Claudia Maria, Maria Goreti, Samuel Lima XI, Ana Carolina F., Érika Lourenço, Camila Macek, Rafaela P. Vert., Bruna Oliveira, Ellen Camila C., Ana Pereira, Anna Cecília O., Flávia Klausin, Cristiano da C. Ana Luiza d. B., Maria DEA, Vinícius Caros, Paulo O. Rodrig., Jorge Ferreira, Lígia Maria DU., Sérgio Quintão, Tatiane Pires, Tais Diniz GAR., Érica Silva E., Paulo de Tarci., Thiago Aguiar, Michele Aguil., André Luiz ALM., Eginia L. A. Tei., Regina Augusta, Raquel Correa, Isadora Maria, Wilton Carlos, Ângela Maria Q., Maria Aparecida, Livia Vilas Boas, Felipe Figueira, Cristiane Vidm, Raquel R. Soares, Rachel Starlin, Luciana Pereira, Livia Gomes Do, Pedro Eduardo, Raissa de Matos, Izabel C. F. Passos, Júlio Sérgio V., Carolina Angla, Daniela Almeida, Ana C. Fernandes, Sergio Dias Cirino, Rafael POP FLD, Marcela Redá. G., Agnes Fonseca, Aparecida Mesq., Daniele Torres, Gabriele C. Car., Tales Bedeschi., Sergio Renato, Bruna R. R. S, AC., Roy David Fran., Maurilene Bati., Beatriz de Alm., Vicente Souza, Marco Antonio, Lenise Cristian, Marina Calixto, Pedro Ambra, Pedro Corgozinho, Hugo Schayer Sabino, Eugênio Pacelli de Oliveira, Ângela Maria Vieira Pinheiro, Samara Gabi Pimenta, Eni de Faria, Marina Almeida, Marcus Vinícius Neto Silva, Henrique de Oliveira Lee, Vilma C. S. (Chefe da Biblioteca da Fafich/UFMG, Anália Gandini Pontelo (Biblioteca da UFMG), Cida Lopes, Cláudio E. R. Alves, José Wilson Ricardo, Karina Ferreira, Sérgio D. Cirino (Coordenador do PPG-Psi/UFMG), Ingrid Gianordoli-Nascimento (SubCoordenadora do PPG-Psi/UFMG), Izabela Dias V., Sofia Machado, Sara Angélica, Jaíza Pollyanna Dias da Cruz.

Agradeço, num primeiro momento, a FAPEMIG e num segundo momento, a CAPES, pelo auxílio financeiro a essa pesquisa.

Com gratidão sempre renovada agradeço a Evanita Matos Ribeiro, minha mãe, que nos seus 90 anos de idade ainda me ensina a manter meu coração sempre puro e caridoso.

“Eu me envergonho de portar joias diante de uma pessoa pobre, de comer diante de quem tem fome, de viver diante de quem morre. [...] É para os pobres que é preciso deixar as coroas, principalmente para os pobres de coração e de sentimento. Sou rainha do mundo pelo meu olhar e meu pensamento do que por todas as coroas externas a mim que possa vir a portar.” [tradução minha].

Marie Bonaparte

## **RESUMO:**

Esta tese pretende revisar as noções de falo passivo (Bonaparte, 1967/1949), complexo de perfuração (Bonaparte, 1952c) e o caso Lefebvre (Bonaparte, 1952f/1927) levando em conta o método laplancheano 'interpretar [com] Freud' (Laplanche, 1988b) e a teoria da sedução generalizada. Para isso, são desenvolvidos três artigos em que são redesenhadas novas interpretações dos postulados bonaparteanos por meio desta nossa aposta teórico-metodológica.

**Palavras-chave:** falo passivo; complexo de perfuração; Lefebvre; sedução originária.

## **ABSTRACT:**

This thesis aims to review the notions of passive phallus (Bonaparte, 1967/1949), drilling complex (Bonaparte, 1952c) and the Lefebvre case (Bonaparte, 1952f/ 1927) taking into account the Laplanchean method 'interpret [with] Freud' (Laplanche, 1988b) and the theory of generalized seduction. For this, three articles are developed in which new interpretations of the Bonapartean postulates are redesigned through this theoretical and methodological approach.

**Keywords:** passive phallus; piercing complex; Lefebvre; originary seduction.



## **RÉSUMÉ:**

Cette thèse vise à revoir les notions de phallus passif (Bonaparte, 1967/1949), de complexe de perforation (Bonaparte, 1952c) et de cas Lefebvre (Bonaparte, 1952f / 1927) en prenant en compte la méthode laplanchienne “interprétez [avec] Freud” (Laplanche, 1988b) et la théorie de la séduction généralisée. À cette fin, trois articles sont développés dans lesquels de nouvelles interprétations des postulats de Bonaparte sont remodelées à travers notre approche théorique et méthodologique.

**Mots-clés:** phallus passif; complexe de perforation; Lefebvre; séduction originaire.

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Artigo 1: Falo passivo e sedução originária. ....	19
Artigo 2: Repensando o caso Lefebvre com Jean Laplanche .....	40
Artigo 3: Complexo de perfuração: uma interpretação a partir da teoria da sedução generalizada. ....	60
Conclusão .....	80
Referências bibliográficas .....	83
Anexos .....	93
Anexo 1: Artigo 4: Os 201 clitóris de Marie Bonaparte.....	93
Anexo 2: Artigo 5: O que é falo passivo? .....	102

## INTRODUÇÃO

A ideia central a partir da qual se desenvolveu a presente pesquisa de tese de doutoramento em Psicologia foi-me sugerida após intensos debates sobre o tema da sexualidade da mulher na psicanálise durante o curso de Especialização em Gestão em Políticas Públicas com ênfase em Gênero e Relações Etnorraciais (GPP-GeR), oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto e Universidade Aberta do Brasil, na modalidade de Educação a Distância, no qual desempenhei as funções de tutora EaD, orientadora de TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso) e professora do Módulo de Gênero, entre os anos de 2009 à 2015. Minhas atividades nesse curso de Especialização consistiam em desenvolver aulas e atividades pedagógicas dentro da temática de gênero, abordando diversas perspectivas, nas quais está inclusa à visão psicanalítica. No intuito de reexaminar às teorias sobre a sexualidade da mulher na psicanálise, procurei seguir algumas sugestões de professores do Curso GPP-GeR e também de alguns cursistas. Desta maneira, achei necessário aprofundar minhas pesquisas em direção ao estudo da produção científica da psicanalista e escritora francesa Marie Bonaparte (1882-1962), tendo em vista seus textos sobre a sexualidade da mulher (Bonaparte, 1967/1949; 1951a; 1952a; 1952b; 1952c; 1952d). Dessa maneira, procurei ler as principais obras da respectiva autora que expressassem meu problema de pesquisa.

Antes de apresentar meu problema de pesquisa, é importante destacar que a obra bonaparteana está dividida em alguns eixos, compostos por: arquivos<sup>1</sup>, as produções literárias, os estudos sociológicos e os escritos psicanalíticos propriamente ditos. Ela publicou aproximadamente cinquenta artigos e mais de vinte obras, que na sua maioria foram traduzidas para o inglês, o alemão, o grego, russo, espanhol, italiano e sueco (Amouroux, 2012). Contudo, infelizmente não há nenhuma tradução de seus textos para a língua portuguesa, mas já foi traduzida sua biografia escrita por Bertin (1989/1982) e o romance de Rousseau (2006) sobre a relação terapêutica e de amizade entre o pai da psicanálise e a princesa Marie Bonaparte, que o salvou das mãos dos nazistas que ocupavam Viena. Atualmente, mesmo na França, seus livros quase que desapareceram

---

<sup>1</sup> Conjunto de documentos diversos como cartas, ensaios avulsos, documentos judiciais, notas autobiográficas, suas anotações da análise com Freud (Jornal de Análise; Caderno Negro; ambos inéditos), dentre outros, oportunamente depositados pela própria princesa Marie na *Bibliothèque Nationale de France* (BnF), Biblioteca do Congresso de Washington (LOC), *Harry Ransom Center d'Austin* (HRC), *Institut Pasteur* (IP), *Institut Curie* (IC), no fundo Malinowski da Biblioteca de Yale, Connecticut, sob a condição de estarem disponíveis para consulta pública aproximadamente cem anos após sua morte.

das vitrines das livrarias. Assim, podemos atribuir hoje a seus livros certo grau de raridade, sendo encontrados pouquíssimos exemplares ainda disponíveis para venda em *sites* e livrarias especializados pela plataforma de vendas amazon.fr. No desenvolvimento desta pesquisa também fomos surpreendidos pela escassez da divulgação da obra de Marie Bonaparte no Brasil, com rara exceção temos conhecimento dos trabalhos de Alizade & Schust-Briat (1999/1990), Gordon (2009), além de estudos que realizam breves menções (França, 2013; Costa, 1995). Sabemos que Marie Bonaparte teve um papel muito importante na divulgação, na defesa e reconhecimento da psicanálise em seus primórdios (Bertin, 1989/1982) numa época cujos pioneiros do movimento eram quase todos majoritariamente homens e médicos (Bourgeron, 1993). Marie Bonaparte não possuía diploma universitário, mas foi-lhe dada uma educação exemplar, em que, por exemplo, com apenas quatro anos de idade foi iniciada nos estudos de língua alemã e inglesa, o que mais tarde favoreceu sua análise pessoal com o pai da psicanálise em Viena, bem como resultará nos seus significativos trabalhos de tradução de importantes textos freudianos. Não resta dúvida que ela foi uma personagem muito relevante na difusão e criação do movimento psicanalítico francês (Bourgeron, 1997; Roudinesco, 1994). Analisada por Freud, ela será a representante legítima da psicanálise na França, disputando com Jacques Lacan o cenário intelectual na época (Appignanesi & Forrester, 2011a; Roudinesco, 1994). A historiografia do movimento psicanalítico nos mostra que Marie Bonaparte participa em 1926 da criação e financiamento da *Société Psychanalytique de Paris* (SPP) e é também responsável pela elaboração da *Revue Française de Psychanalyse*, veículo de difusão das ideias da *Société...* (SPP). Mas, é provavelmente a sua ajuda, no que tange à fuga de Sigmund Freud e de sua família da Áustria nazista, que definitivamente lhe confere o *status* de heroína da psicanálise. Sobre o legado dos escritos bonaparteanos podemos dizer que poucas das suas numerosas obras psicanalíticas foram reeditadas em francês depois de sua morte ocorrida no ano de 1962. Em se tratando do livro *Sexualité de la femme*, publicado inicialmente em 1949 em três partes na *Revue Française de Psychanalyse*, foi beneficiado de três reedições: em 1957, em 1967<sup>2</sup> e em 1977. Podemos considerar que contemporaneamente, no meio acadêmico, principalmente das pesquisas voltadas à psicanálise, a obra científica de Marie Bonaparte está quase que totalmente desaparecida, e isso, dentre outros fatores, traz consequências para a história das idéias no campo psicanalítico.

---

<sup>2</sup> Utilizaremos essa edição no desenvolvimento desta pesquisa.

Encontramos nos trabalhos psicanalíticos atuais pouco eco da obra bonaparteana, a salvo os trabalhos de André (1996)<sup>3</sup> e Lanouzière (1991): geralmente percebe-se um interesse muito mais na vida pessoal da princesa Marie do que na sua produção intelectual. Por outro lado, na contramão, constatamos na área das Ciências Médicas e Biológicas, inúmeros trabalhos recentes que citam as pesquisas de Marie Bonaparte como fonte primária, como os estudos de: Cavalcanti & Cavalcanti (2012); Wallen & Lloyd (2008; 2011); Lloyd (2005); Garcia, J. R., Lloyd, E. A., Wallen, K., Fisher, H. E. (2014); Martin (2016); Pavliëv & Wagner (2016).

Atualmente Marie Bonaparte é relativamente conhecida do público em geral, não por sua obra científica, mas, devido à produção do filme lançado em 2003, pelo cineasta francês Benoit Jacquot, intitulado *Princesse Marie*, tendo Catherine Deneuve no papel da princesa, cujo roteiro inspirou o romance de Rousseau (2006). E também devido às múltiplas reedições e traduções em vários idiomas da biografia mais célebre de Marie Bonaparte, aquela escrita por Bertin (1989/1982). Atualmente, outras biografias estão surgindo como a de Stouten (2011). Por conseguinte, percebemos nos dias atuais um crescente interesse pela produção científica de Marie Bonaparte, como nos trabalhos de: Moore (2009), Bourgeron (1993; 1997), Thompson (2003), Amouroux (2010; 2012), dentre outros. Mesmo assim, consideramos que há poucos trabalhos universitários, principalmente no Brasil, que estão concentrados sobre a obra bonaparteana, o que favorece a relevância social, científica e original desta pesquisa, que até o momento já produziu alguns resultados com algumas publicações em Anais e artigos em periódicos indexados, inclusive os artigos que compõe esta tese (Ribeiro & Belo, 2019a; Ribeiro & Belo, 2019b; Ribeiro & Belo, 2019c; Ribeiro & Belo, 2019d; Ribeiro & Belo, 2018a; Ribeiro, 2018b; Ribeiro & Belo, 2017a; Ribeiro, 2017b; Ribeiro, 2017c; Ribeiro, 2016a).

Consideramos relevante situarmos primeiro algumas questões sobre a sexualidade feminina na obra de Maria Bonaparte, antes de formularmos o nosso problema de pesquisa: inicialmente Bonaparte (1967/1949; 1951a; 1952a; 1952b; 1952c; 1952d; 1952e; Narjani, 1924) parte da preocupação clínica com a frequente inadaptação da mulher à função erótica, estando isso expresso no sintoma da frigidez. Assim, ela esboça um quadro geral da situação, a partir de uma profunda discussão com trabalhos de

---

<sup>3</sup> O autor faz uma relevante citação das ideias bonaparteanas sobre a relação entre passividade, masoquismo e feminilidade (André, 1996, p. 109).

outros cientistas contemporâneos à sua época, nem todos psicanalistas, que expressaram questões da sexualidade feminina, como Abraham (1931), Goldschmidt (1932), Loewenstein (1935); Marañon, (1931), Le Bon (1875), além dos importantes trabalhos de Freud (1974g/1905; 1976c/1931; 1976b/1932[1933]). Todos esses estudos auxiliaram a autora a formular suas principais hipóteses das causas da frigidez, que é definida pela “insensibilidade da mulher ao coito normal”. (Bonaparte, 1952a, p. 13, [tradução nossa]). A autora aborda os tipos de frigidez que podem ser: a frigidez total, causada por “uma inibição de natureza histérica imposta ao longo da infância ou juventude por um meio moral educador”. (Bonaparte, 1952a, p. 15, [tradução nossa]). E a frigidez parcial, que pode ser localizada no clitóris ou na vagina. No artigo de Narjani (1924) encontramos a polêmica pesquisa bonaparteana com os 200 clitóris, em que tomadas 200 mulheres aleatoriamente na população de Paris, através de um exame ginecológico minucioso mediu a distância entre o clitóris e o orifício uretral e constatou uma variação de 1 a 4 cm, e, então, com base no exame e nas entrevistas com essas mulheres em torno do orgasmo, a autora deduz que quanto maior a distância maior a probabilidade da mulher ser acometida de frigidez por causa anatômica. E a solução estaria na cirurgia de aproximação do clitóris do orifício uretral, conhecida como operação Halban-Narjani<sup>4</sup> (Ribeiro & Belo, 2017a; Lemel, 2010). Marie Bonaparte analisa a gênese do clitoridismo na mulher partindo inicialmente do ponto de vista de Freud (1974g/1905; 1976b/1933 [1932]) e expõe os fatores perturbadores da evolução sexual feminina, como por exemplo: - independência relativa das zonas erógenas (clitóris e vagina) e dos objetos sexuais (mãe e pai); - aspectos relativos ao complexo de Édipo; - a bissexualidade na mulher; - os perigos inerentes às funções sexuais femininas, como a dor na defloração, os incômodos da menstruação, as dores do parto e os incômodos da amamentação; - aspectos da sedução e do narcisismo; - sadismo e masoquismo feminino essencial, dentre outros. Desta maneira, em meio aos seus densos estudos, Bonaparte formula dois conceitos: o falo passivo e o complexo de perfuração. Para efeito puramente didático, consideramos

---

<sup>4</sup> É daí que surge sua curiosa tipologia feminina bonaparteana levando em conta a distância da glândula do clitóris ao meato urinário, onde as mulheres estariam classificadas em três grupos: as teleclitorídias (> 2,5 cm); as mesoclitorídias (em torno de 2,5 cm); e finalmente as paraclitorídias (< 2,5 cm). Entende que as primeiras seriam anorgásticas e necessitavam de tratamento cirúrgico, enquanto que, as segundas tinham orgasmos eventuais, podendo aumentar a frequência deles com certas posições facilitadoras, e as paraclitorídias seriam as verdadeiramente orgásticas (LEMEL, 2010). De fato, Bonaparte (Narjani, 1924) via além da tipologia feminina freudiana (Freud, 1976b/1933 [1932]; 1976c/1931).

relevante realizarmos um breve levantamento dos termos. Primeiro, o falo passivo foi elaborado conjuntamente com Loewenstein (1935), compreendido:

A noção de falo passivo nos ajudará a compreender alguns fenômenos aparentemente contraditórios: a ejaculação precoce sem ereção, e todas as variedades de masoquistas, em particular os flagelantes de diversas sortes. [...] Mas talvez seja conveniente aqui, antes de prosseguir, definir o que entendemos por falo passivo. Certos analistas, de fato, nos têm objetado que o falo é sempre ativo, desde que ele esteja em ereção, e sobre qualquer modo que ele assim esteja. Então nós entendemos por falo ativo aquele que espontaneamente, por excitação nervosa central, à vista ou desta maneira considerado, por exemplo, diante do objeto amado, é capaz de entrar em ereção e de desejar penetrar. O falo passivo, ao contrário, necessita de excitações periféricas localizadas, podendo até mesmo, em certos casos extremos de passividade, chegar ao orgasmo sem ereção. (Bonaparte, 1967/1949, 72 e 79, [tradução nossa]).

E em segundo, sobre o complexo de perfuração compreendemos que:

Aqui eu estou feliz por ver Freud aprovar meu ponto de vista central: que este medo existe[...] a mulher pode temer sobre este modo a penetração pelo homem [...] Então a angústia da mulher diante da penetração sexual, angústia que se manifesta sobre o modo sadicamente terrificante do complexo de perfuração. (Bonaparte, 1952c, p. 21 e 38, [tradução nossa]).

Em resumo, o conceito de falo passivo (Bonaparte, 1967/1949) foi formulado com base em suas exaustivas análises das mutilações ou excisão do clitóris em mulheres muçulmanas, costume comum em países localizados no norte da África e Oriente Médio (Bonaparte, 1952d), o que possibilitou à autora abordar aspectos psíquicos e culturais do clitóris. Assim, a passividade fálica do clitóris é localizada como uma fase decisiva da função vagino-clitoridiana da mulher, servindo como ponto de apoio tanto para a anorgasmia ou quanto para o orgasmo feminino. E quanto ao complexo de perfuração (Bonaparte, 1952c) serve para entender a angústia feminina diante da penetração, onde a cena primária (coito dos pais) testemunharia de forma traumática para a menina que a penetração no coito é um ataque que machuca o corpo e esse medo da efração corporal compunha o principal afeto do Complexo de Perfuração. Esse Complexo estaria em paralelo com o Complexo de Castração. A mulher só aceitará o falo penetrante do homem no coito por meio de doses homeopáticas sucessivas de masoquismo que permitam aos poucos à aceitação feminina da penetração erógena. Desta maneira, os estudos bonaparteanos sobre a sexualidade da mulher trazem elementos que abordam conceitos fundamentais em psicanálise tais como complexo de Édipo, complexo de Castração, narcisismo, masoquismo primário, dentre outros, e também traz uma investigação concernente ao campo clínico e cultural. De fato, suas preocupações pessoais (frigidez) concernentes à sexualidade feminina dão às suas pesquisas um aspecto original e a

diferencia dos seus confrades psicanalistas. Nesse percurso, interessa-nos também o caso clínico de Lefebvre (Bonaparte, 1952f/1927), considerado um dos primeiros casos de psicose relatados na literatura psicanalítica e é também a maior contribuição de Bonaparte à clínica das psicoses. A interpretação realizada pela autora do caso foca tanto na classificação nosológica quanto no entendimento da dinâmica do homicídio (assassinato da nora) cometido pela paciente. A hipótese é de uma psicose raciocinante, em que o erotismo anal é manifesto na hipocondria e na avareza da paciente, assim como a compreensão da configuração edípica do crime, pois, Lefebvre mata a nora por amor ao filho.

Desta maneira, constituirão o material para a tese os conceitos de falo passivo, complexo de perfuração e o caso Lefebvre que serão desenvolvidos em três artigos distintos em que pretende-se cada um à sua maneira realizar uma leitura crítica dos postulados bonaparteanos via à teoria da sedução generalizada e o método laplancheano 'interpretar [com] Freud' (Laplanche, 1988b).

#### **Referências teórico-metodológicas:**

Em qualquer trabalho científico em psicanálise que se preze é indispensável à utilização das obras e dos postulados de Sigmund Freud, seja para ratificar ou refutar, até mesmo para termos uma dimensão da evolução da teoria psicanalítica (Assoun, 1983). Por sua vez, acreditamos que os procedimentos interpretativos da teoria psicanalítica realizados por Jean Laplanche são indispensáveis nesta pesquisa, porque com seu método de 'interpretar Freud' (Laplanche, 1988b) é possível clarificar os recuos (direcionamento do vetor de explicação para a biologia) e os avanços (direcionamento do vetor de explicação para a alteridade) nos postulados bonaparteanos, nosso objeto de análise. Esse método para Laplanche (1988b) consiste em aplicar ao texto freudiano os procedimentos interpretativos elaborados neste mesmo texto, considerando todos os elementos do discurso como tendo o mesmo valor, bem como a busca constante das tensões, remanejamentos e omissões no nível do enunciado teórico. Aqui nosso texto é o texto de Bonaparte.

Sabemos que as ideias bonaparteanas não cessam de aproximar a psicanálise da biologia (Lebovici, 1983). A autora acreditava encontrar nas pesquisas biológicas a origem de certos fenômenos da vida psíquica. Esta perspectiva esteve presente também na obra freudiana como se denuncia no trecho:



Os fenômenos de que estamos tratando não pertencem somente à Psicologia; têm um lado orgânico e biológico também, e por conseguinte, no decorrer dos nossos esforços para a Psicanálise, fizemos também algumas importantes descobertas biológicas e não pudemos evitar a estruturação de novas hipóteses biológicas. (Freud, 1976a/1940 [1938], p. 224).

Esse fato foi oportunamente denunciado por Laplanche (1999a; 2006) como um verdadeiro descaminho freudiano. Tema muito debatido e que levou o autor a usar metáforas inspiradas da astronomia para indicar os recuos (ptolomaicos), quando Freud se apoia na biologia, e os avanços (copernicanos), quando Freud não se apoia na biologia, mas no sexual/pulsional<sup>5</sup>. O desvio biologizante caracteriza um tipo de revolução copernicana inacabada na obra freudiana (Laplanche, 2008a/1992). O biologismo também esteve presente nas obras de muitos outros psicanalistas ligados ao pai da Psicanálise como W. Reich (1975/1942) e P. Federn (Carvalho, 1996), dentre outros. Fato é que, hoje, essa corrente biologicista da psicanálise não é vista com bons olhos, principalmente depois das contribuições das perspectivas iniciadas nas décadas de 1950 e 1960, com o surgimento do chamado giro linguístico e do estruturalismo (Iñiguez, 2005). Essas teorias efetuaram uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais. No momento em que Marie Bonaparte morreu no ano de 1962, a psicanálise francesa está realizando um retorno a Freud, proposta feita principalmente por Lacan (1998/1966) sob as influências dessas novas ideias. E nesse caminho, os avanços em psicanálise só foram possíveis com a aliança com as Ciências Humanas (Foucault, 1984), em vez de com as Ciências Naturais, campo do qual faz parte a Biologia. Cabe lembrar que a separação entre a psicanálise e a biologia é ambígua no próprio pensamento freudiano, pois, por um lado, a biologia poderia ser ignorada na construção da psicanálise, por outro, conduziam-se explicações que se fundam em observações biológicas, caindo no chamado “*fourvoisement biologisant*” (desvio biologizante) (Laplanche, 2006, p. 132), termo usado para denotar o uso “mitológico” da biologia na obra freudiana. Assim, o método laplancheano propõe uma releitura crítica que coloca em evidência certos impasses biologisantes da teoria freudiana (caminho ptolomaico) e também os avanços (caminho copernicano) quando este inclui a sedução (generalizada), o outro (a alteridade) como prioritário na constituição psíquica e na formação do inconsciente.

O esteio dessa perspectiva metodológica parece muito pertinente no estudo da obra bonaparteana sobre a sexualidade da mulher, em que a autora se esforça por

---

<sup>5</sup> Define-se sexual: “É múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise”. (Laplanche, 2015, p. 155). Neste trabalho optamos por grafar a palavra sexual em minúsculo.

biologizar os conhecimentos adquiridos na pesquisa psicanalítica (Lebovici,1983). Então, cabe-nos fazermos as seguintes perguntas: a visão da sexualidade feminina dentro da psicanálise defendida por Marie Bonaparte pode se constituir em matéria profícua para os estudos psicanalíticos atuais? Em que medida podemos encontrar avanços nas ideias bonaparteanas (caminho copernicano) com o caso Lefebvre e os conceitos de falo passivo e complexo de perfuração? A tese aqui desenvolvida é o caminho de leitura desses conceitos que abrem para a perspectiva que toma como baliza a acepção da sedução (generalizada), do sexual que é implantado na criança a partir do universo parental, de suas significações e de suas fantasias, onde a ordem vital é infestada (Laplanche, 1985/1970) pela ordem sexual (vinda do outro), a primeira servindo apenas como apoio. Assim, em que medida, um olhar copernicano sobre os pontos de vista defendidos por Marie Bonaparte, inclusive no caso Lefebvre, contribuirá na construção de um novo olhar sobre a autora, permitindo extrair material novo e consistente, comprometido com a noção de inconsciente fundado na relação com o outro? É o que veremos a seguir nos três artigos que compõem o corpo desta Tese de doutorado em Estudos Psicanalíticos.

Antes de apresentarmos um resumo de cada artigo, reforçamos que interpretar os textos bonaparteanos implica em desbiologizá-los, ou seja, tirar a pulsão sexual do modelo do instinto, como resposta a uma necessidade natural. A pulsão apoia-se numa função vital, função corporal essencial à vida (por exemplo, sucção do seio, função alimentar) no autoerotismo, conferindo-lhe uma nova dimensão, deslocamento pelo que vem do outro enquanto mensagem enigmática comprometida com a sexualidade inconsciente do adulto na relação antropológica fundamental (Laplanche, 2015; 1992). Possivelmente a visão laplancheana da teoria da sedução generalizada adotada nesta pesquisa permitirá uma posição sensivelmente diferente dos estudos já então realizados sobre os trabalhos psicanalíticos de Marie Bonaparte, salvo o trabalho de Lanouzière (1991), que daremos continuidade, o que confere a essa pesquisa sua originalidade. Desta maneira, com base no curso do desenvolvimento dessa pesquisa, que sofreu inúmeras alterações de acordo com as dificuldades surgidas durante seu percurso, que não foram poucas, apresentamos os respectivos resumos dos três artigos que formam o *corpus* da Tese:

**Artigo 1: Falo passivo e sedução originária**, nesse artigo a partir da teoria da sedução generalizada, propomos um resgate histórico-epistemológico da noção de “falo passivo”, elaborada por Loewenstein e Bonaparte. Criticamos as teorias dos autores para

mostrar que a castração e as narrativas de gênero como códigos tradutivos permitem compreender o falo passivo como uma possível resposta às seduções precoces.

No **Artigo 2: Repensando o caso Lefebvre com Jean Laplanche**, propõe-se uma releitura do caso Lefebvre de Bonaparte (1952f/1927) com o objetivo redirecionar o vetor de explicação dos fenômenos psíquicos da psicose, aquele que aponta para o descentramento radical da constituição psíquica. Assim, apresentamos os possíveis destinos e os fracassos das seduções originárias, tendo como princípio a primazia da sedução do outro nas origens da vida psíquica inconsciente e o ganho de realidade na psicose.

No **Artigo 3: Complexo de perfuração: uma interpretação a partir da teoria da sedução generalizada**, abordamos o complexo de perfuração via teoria da sedução generalizada, focalizando na chamada sexualidade orifical e nas fantasias parentais, sobretudo, de arrombamentos dos orifícios, que acabam inoculando na criança o medo de perfuração. E é nessa penetração originária (da mensagem do outro) que localizamos a mudança no vetor de explicação do medo paralisante presente no complexo de perfuração, que no pensamento bonaparteano sai da reação protoelular.

Por fim, após esse percurso achamos importante acrescentar dois anexos ao final, composto por outros dois pequenos artigos, os quais inicialmente não fizeram parte diretamente do plano da tese, mas discutem algumas ideias bonaparteanas originais e inegavelmente fecundas. O primeiro desses artigos é o Artigo 4: Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2017). Os 201 clitóris de Marie Bonaparte. *Reverso*, 74(39), 61-67, em que apresentamos um panorama da doutrina bonaparteana em torno da sexualidade da mulher, por meio do qual damos destaque especial ao papel do clitóris no desenvolvimento da psicosexualidade feminina e a subsequente tese da causa anatômica da frigidez. O segundo, Artigo 5, publicado também na *Revista Reverso* n. 78, jul./dez. 2019, intitula-se “O que é falo passivo?”, nosso objetivo nesse artigo é esclarecer o sentido inaugural do termo falo passivo (Bonaparte, 1967; Loewenstein, 1935) e demonstrar sua pertinência para os estudos psicanalíticos na atualidade. Tal noção, até então negligenciada pela maioria dos psicanalistas, mostra-se relevante em nossos dias por ser promissor sob o auspício da teoria da sedução generalizada e subjacente ao entendimento do metabolismo obsessivo. Desse modo, à seguir temos cada artigo da Tese.

ARTIGO 1:

## FALO PASSIVO E SEDUÇÃO ORIGINÁRIA<sup>6</sup>.

*Passive phallus and originary seduction.*

*Phallus passif et séduction originaire.*

### **Resumo:**

A partir da teoria da sedução generalizada, propomos um resgate histórico-epistemológico da noção de “falo passivo”, elaborada por Loewenstein e Bonaparte. Criticamos as teorias dos autores para mostrar que a castração e as narrativas de gênero como códigos tradutivos permitem compreender o falo passivo como uma possível resposta às seduções precoces. Concluimos demonstrando que a noção poderia apontar para a diversidade do pulsional, mas tal como apresentada por ambos autores, reproduz a operação de recalçamento na medida em que é conceituada em termos de diferença.

**Palavras-chaves:** falo passivo, sedução originária, Bonaparte, Laplanche, Loewenstein.

### **Abstract:**

From the generalized seduction theory, we propose an historical and epistemological rescue of the notion passive phallus, elaborated by Loewenstein and Bonaparte. We criticize the theories of both authors in order to show that castration and gender narratives as traductives codes allow to understand the passive phallus as a possible response to the early seductions. We conclude demonstrating that the notion could point to the drive diversity, but as showed by both authors, reproduces the repression operation inasmuch as conceptualized in terms of difference.

**Keywords:** passive phallus, originary seduction, Bonaparte, Laplanche, Loewenstein.

---

<sup>6</sup> Artigo publicado: RIBEIRO, S. D.; BELO, F. R. R. (2018a). Falo passivo e sedução generalizada. *Memorandum*, Belo Horizonte, vol. 35, p. 205-223.

## Introdução

O tema deste estudo histórico-epistemológico é a recuperação da noção de “falo passivo”, cunhada por Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967), sob a chancela da sedução originária ou generalizada segundo Laplanche (1992). Uma das razões que motivam essa pesquisa é justamente as repercussões clínicas de tal investigação, que, no uso do método da pontuação laplancheana, “a revolução copernicana inacabada” (Laplanche, 2008a) nos possibilitará.

Primeiro, cabe elucidar que o termo “revolução” (Laplanche, 2008a), apanhado de empréstimo da astronomia, diz respeito à movimentação dos corpos celestes e à chamada “revolução copernicana”, que remete à proclamação, por Copérnico, de que não era o Sol que se movimentava em torno da Terra, mas justamente o contrário – era, então, a Terra que se movimentava em torno do Sol. Assim, a antiga teoria astronômica de Ptolomeu (geocentrismo) se vê abalada de forma contínua e constante até sua completa superação, e Copérnico, com a teoria do heliocentrismo, abala o mundo com uma *novus ordo saeculorum*<sup>7</sup>. A partir daí, Laplanche (2008a) vai além do significado latino exato, que designa o movimento regular e necessário dos astros em suas órbitas, e cunha a já mencionada expressão “revolução copernicana inacabada” para justamente buscar, enquanto método de leitura dos textos do pai da psicanálise, os dois movimentos: o movimento ptolomaico e o movimento copernicano. Esse movimento ptolomaico é caracterizado por Laplanche (1999; 2006) como “desvio biologizante”, isto é, a tentativa de explicar o funcionamento psíquico atrelando-o a causas biológicas e não à história libidinal do sujeito. É verdade que os avanços copernicanos são sempre difíceis de serem sustentados e a tendência mais fácil e recorrente é relativizar a descoberta revolucionária (Laplanche, 2008a). Essa interpretação exerce forte apelo ao senso teórico e clínico em psicanálise, pois preserva as noções de primado do sexual (primado do outro/sedução) e de inconsciente<sup>8</sup>.

Os méritos da reivindicação do sentido apontado por Laplanche (2008a) para tal palavra são propositadamente inovadores, pois, pela primeira vez, se faz uma aplicação

---

<sup>7</sup> “Nova ordem secular”.

<sup>8</sup> A psicanálise inflige à terceira ferida narcísica ao homem, ao mostrar-lhe que o Eu não é senhor pleno em sua própria casa, há sempre algo que lhe escapa a Consciência. A primeira, como já dito, foi a descoberta astronômica de Copérnico (heliocentrismo), a segunda, por Darwin, em que o homem não é mais visto como uma criatura fruto da criação divina, mas sua origem tem fortes ligações com o mundo animal, o mundo dos primatas (Laplanche, 2008a, p. 32).

metafórica do termo com vistas à restauração do pensamento freudiano, ao auferir-lhe a direção revolucionária específica do absolutamente novo trazido por sua descoberta, ou seja, a descoberta do inconsciente e do pulsional que nos habita. É nesse sentido que utilizaremos as expressões de “movimento ptolomaico” (biologismos) e “movimento copernicano” (alteridade do outro sexual, o pulsional), respectivamente com referência aos movimentos dos textos lowensteinianos e bonaparteanos. Esse instrumento de análise nos parece bastante profícuo principalmente quanto ao fato de que ambos os psicanalistas anteriormente citados são exemplos de uma psicanálise impregnada desses dois movimentos. Portanto, nosso anseio será mostrar que estes dois movimentos norteiam a concepção de “falo passivo”.

Segundo, é fundamental apresentar de que maneira a noção de “falo passivo” pode ser articulada teoricamente com a noção de “sedução originária ou generalizada”, a sedução da situação antropológica fundamental, aquela na qual o bebê é passivo diante dos cuidados do outro (Laplanche, 1992). E é nesta situação de sedução originária que o bebê, para se tornar um sujeito, terá que realizar traduções e metabolizações das chamadas implantações e intromissões – ou seja, das mensagens vindas do inconsciente do outro –, que podem se dar pela via mais comum, a da implantação, ou pela via mais traumática, a da intromissão, a partir da qual muitas vezes essas mensagens permanecerão sem tradução por toda a vida (Laplanche, 2008b). É nesse caminho que o processo de assimilação de gênero (Laplanche, 2015), que, na nossa cultura, está dividido de forma binária entre homem e mulher, ou fático e castrado, é o resultado da tradução das mensagens enigmáticas endereçadas à criança pelo adulto na situação antropológica fundamental e na qual o falo passivo se relaciona. Não precisamos insistir agora sobre este ponto, mas teremos de voltar a ele adiante, para vermos com mais detalhes o entendimento da castração como código tradutivo (Laplanche, 1988; 2015) pela interpretação dos termos “diferença” (*Unterschied*) e “diversidade” (*Verschiedenheit*), o que tornará possível uma interpretação copernicana do falo passivo.

A primeira vez que o termo “falo passivo” apareceu na literatura psicanalítica foi em junho de 1934, em uma conferência de Loewenstein na *Société Psychanalytique* de Paris, cujo conteúdo resultou em uma comunicação apresentada no XIIIº Congresso Internacional de Psicanálise, em agosto de 1934, em Lucerne, ganhando publicação posterior (Loewenstein, 1935). O termo falo refere ao órgão anatômico pênis e ou clitóris. Bonaparte (1967) e Loewenstein (1935) entendiam que as origens do falo passivo remontam à compreensão das fases pré-genitais da organização da libido (Freud,

1974/1905), fases em que a pré-história passiva do falo está localizada como resultado dos cuidados maternos com a higiene do bebê. A situação com a *toilette* da criança demanda por parte do adulto carícias provedoras essenciais de excitações sexuais no corpo da criança no momento em que a mesma é “lavada, limpada, acariciada”. (Bonaparte, 1967, p. 117, tradução nossa)<sup>9</sup>, e nessa situação de acariciar, a mãe ou adulto acaba tocando no clitóris ou no pênis, fenômeno que assegura que a passividade fálica esboce a possibilidade de existência no aparelho psíquico, o que veremos com mais detalhes nas seções seguintes.

### **O que é falo passivo?**

A primeira vez que o termo “falo passivo” apareceu na literatura psicanalítica foi em junho de 1934, em uma conferência de Loewenstein na *Société Psychanalytique de Paris*, cujo conteúdo resultou em uma comunicação apresentada no XIIIº Congresso Internacional de Psicanálise, em agosto de 1934, em Lucerne, ganhando publicação posterior (Loewenstein, 1935). O termo falo refere ao órgão anatômico pênis e ou clitóris. Bonaparte (1967) e Loewenstein (1935) entendiam que as origens do falo passivo remontam à compreensão das fases pré-genitais da organização da libido (Freud, 1905/1974), fases em que a pré-história passiva do falo está localizada como resultado dos cuidados maternos com a higiene do bebê. A situação com a *toilette* da criança demanda por parte do adulto carícias provedoras essenciais de excitações sexuais no corpo da criança no momento em que a mesma é “lavada, limpada, acariciada”. (Bonaparte, 1967, p. 117, tradução nossa)<sup>10</sup>, e nessa situação de acariciar, a mãe ou adulto acaba tocando no clitóris ou no pênis, fenômeno que assegura que a passividade fálica esboce a possibilidade de existência no aparelho psíquico, o que veremos com mais detalhes nas seções seguintes.

Tanto para Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967) o falo é compreendido como o pênis ou o clitóris e deve seguir a lei geral que rege os fenômenos orgânicos, começando pela passividade e passando em seguida para a atividade ou ainda uma mistura desses dois estados. Nessa concepção a distinção entre o falo ativo e o falo passivo é que o primeiro é “aquele que espontaneamente, por excitação nervosa central, na visão ou no pensamento, por exemplo, do objeto amado, é capaz de entrar em ereção e de desejar

---

<sup>9</sup> No original: “lavé, soigné, caressé.” (Bonaparte, 1967, p. 117).

<sup>10</sup> No original: “lavé, soigné, caressé.” (Bonaparte, 1967, p. 117).

penetrar” (Bonaparte, 1967, p. 72, tradução nossa)<sup>11</sup>, e o segundo, o falo passivo, é aquele que por “necessidade de excitações periféricas localizadas, pode mesmo assim, em certos casos extremos de passividade, chegar ao orgasmo sem ereção” (Bonaparte, 1967, p. 72, tradução nossa)<sup>12</sup>. O entendimento sobre o falo passivo aponta para as metas passivas da função genital, aquelas “que aspiram às carícias que vêm de fora, que esta seja de uma outra pessoa ou da mão do próprio sujeito” (Loewenstein, 1935, p. 38, tradução nossa)<sup>13</sup>. Desta maneira, o falo passivo surge nas primeiras manifestações genitais que se iniciam desde a primeira infância e é representado pelas tendências, pelos desejos e pelos atos com metas passivas, sejam esses: fazer ver, fazer tocar ou tocar seu próprio pênis ou clitóris.

## **Metodologia**

Ao fazermos a apresentação da noção de “falo passivo”, vamos recuperar o método de leitura desenvolvido por Laplanche (2008a) no intuito de identificar o duplo movimento na construção argumentativa dessa respectiva noção: o movimento ptolomaico, no qual as explicações biológicas elucidam os fenômenos da vida psíquica; e o movimento copernicano, no qual há a primazia da alteridade (da sedução) e do pulsional.

Metodologicamente, interessa-nos mostrar como a noção de “falo passivo” ora atua de modo ptolomaico, ora de modo copernicano. Ou seja, em um momento, é uma noção que conduz a uma redução do sexual ao biológico; em um outro momento, uma noção que aponta para as origens alteritárias e libidinais do funcionamento do corpo. O método analítico de apontar as tensões e contradições no fazer teórico da psicanálise será utilizado tendo em vista esse fim em particular.

Fizemos uma seleção dos textos de Bonaparte (1967) e de Loewenstein (1935) que introduzem a noção de falo passivo, e nossa intenção é fazê-los trabalhar, isto é, fazer com que essa reflexão sirva para explicitar como se dá a construção teórica na psicanálise

---

<sup>11</sup> No original: “celui qui spontanément, par excitation nerveuse centrale, à la vue ou à la pensée, par exemple, de l’objet aimé, est capable d’entrer en érection et de désirer pénétrer”.

<sup>12</sup> No original: “a besoin d’excitations périphériques localisées et peut même alors, dans certains cas extrêmes de passivité, parvenir à l’orgasme sans érection”.

<sup>13</sup> No original: “aspirant à des caresses venant du dehors, que ce soit d’une autre personne ou de la main du sujet même”.



e quais são as possíveis implicações clínicas do falo passivo.

### **Falo passivo e sedução originária**

A sedução é o "principal ato gerador em psicanálise" (Laplanche, 1992, p.111) e todos os acontecimentos sexuais prematuros marcarão a sexualidade de uma pessoa. Estes traços ou marcas serão decisivos e, por isso, as primeiras seduções merecem uma maior atenção por parte de nós psicanalistas. Laplanche (1992) vai além daquilo que se entende por sedução restrita ou episódica, aquela a qual nos parece ser o tipo de sedução mencionada por Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967), ou seja, uma sedução que ocorre de maneira episódica, por exemplo, a mãe que seduz o bebê ao lavá-lo e acariciá-lo e acidentalmente ou intencionalmente toca-lhe o clitóris ou o pênis. Segundo Laplanche (1992), a sedução é entendida como sendo sedução originária ou generalizada, em que na situação antropológica fundamental, momento onde o adulto dedica cuidados para com o bebê, sem o saber conscientemente, ele endereça à criança mensagens sexuais inconscientes (Laplanche, 2008b). O adulto age como um "duplo comutador" (Bleichmar, 1994), na medida em que não apenas seduz a criança, como também lhe fornece material tradutivo para as excitações depositadas nela. A tradução que a criança faz das seduções originárias ou generalizadas se vale de códigos tradutivos amplos e determina como a sexualidade é vivenciada na vida adulta, consequência das cenas das seduções sofridas.

O primeiro elemento copernicano que gostaríamos de destacar na obra de Bonaparte é justamente a intuição clara das origens alteritárias da sexualidade. Observemos, no entanto, que, quando a autora descreve a "longa pré-história passiva do falo" (Bonaparte, 1967, p. 74, tradução nossa)<sup>14</sup>, ou quando Loewenstein (1935) explica as origens do falo passivo, ambos não explicam o que leva a organização sexual à primazia do genital, pois acreditam, com Freud, que tal primazia é um destino biológico, e não uma operação defensiva:

os órgãos genitais do menino em certo período de sua evolução não se comportam em resumo, senão, como toda outra zona erógena, por exemplo, como o mamilo da mulher, ou ainda melhor o clitóris, órgãos eréteis como a vara da criança, cuja função erógena tem objetivos puramente passivos, esses são acariciados. É nessa particularidade que reside, do nosso ponto de vista, a diferença entre o estado passivo do período fálico e seu estado ativo. Com a aparição deste último quando começa a primazia dos órgãos genitais sobre as outras zonas erógenas extra-genitais (Loewenstein, 1935, p. 41, tradução

---

<sup>14</sup> No original: "longue préhistoire passive du phallus". (Bonaparte, 1967, p. 74).

nossa).<sup>15</sup>

Na citação acima, e nos outros trechos examinados de Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967), fica claro que não há a noção, por parte dos autores, de que há um esforço do indivíduo em metalobilizar e traduzir as mensagens endereçadas a ele na situação antropológica fundamental, e é também o outro que significa culturalmente a sexualidade genital. Segundo Laplanche (1988), o complexo de castração e o complexo de Édipo são códigos tradutivos, esquemas narrativos que auxiliam na tradução dos traumas originários gerados principalmente pelas intromissões de mensagens inconscientes sobre o psiquismo (em processo de constituição) do bebê. Assim, a lógica binária (fálico / castrado) serve para metabolizar a diferença anatômica entre os sexos. O trecho transcrito acima também afirma que a primazia do falo vai organizar as seduções, essa direção está correta (movimento copernicano), mas é preciso apontar que essa organização fálica é recalcante e ela pode acontecer pela via mais facilitada, o falo ativo, ou pela via menos frequente, da passividade do falo. Ou seja, o funcionamento do pênis ou do clitóris como organizador do prazer é um longo processo de tradução e metabolização que precisa ser feito pelo sujeito, não ocorre de maneira automática como os autores (e também Freud) pensam.

Vale notar que a sedução precoce tem importância fundamental na cunhagem do falo passivo, entretanto, esse aspecto se refere ao caráter da situação originária ou generalizada, situação bebê-adulto. O que significa que nos autores aqui analisados esse é um claro movimento copernicano, que aponta para os "chamados acontecimentos de experiência sexual prematura, na qual uma criança mais ou menos pequena é confrontada passivamente com uma irrupção da sexualidade adulta" (Laplanche, 1992, p. 114). Desse modo, a recuperação da noção de "passividade fálica" parece-nos promissora por meio do método laplancheano.

Do nosso ponto de vista, arriscamos o juízo de que a noção de "falo passivo" está, em relação direta com o conceito de "sedução originária ou generalizada", determinando-se reciprocamente. Entretanto, para realizar a articulação que estamos propondo, devemos esclarecer que é evidente a presença do que Laplanche (1992) chamou de "sedução restrita", ou seja, a sedução episódica, nos textos examinados. Entretanto, o falo passivo

---

<sup>15</sup> No original: "les organes génitaux du garçon dans cette période de leur évolution ne se comportent en somme pas autrement que toute autre zone érogène, comme par exemple le mamelon de la femme, ou encore mieux le clitoris, organes érectiles comme la verge de l'enfant, dont la fonction érogène a des buts purement passifs, ceux d'être caressés. C'est dans cette particularité que réside, à notre avis, la différence entre le stade passif de la période phallique et son stade actif. Avec l'apparition de ce dernier commence la primauté des organes génitaux sur les autres zones érogènes extra-génitales". (Loewenstein, 1935, p. 41).

não é apenas fruto de uma sedução restrita, mas é uma resposta / elaboração / metabolização / tradução em termos genitais da passividade originária:

a sedução materna precoce é, em última instância, o ponto de gravidade e, nesse sentido, a verdade da sedução. Aqui, a fantasia toca o solo da realidade efetiva, pois foi efetivamente à mãe que, no desempenho dos cuidados corporais, necessariamente provocou e talvez mesmo despertou pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital. Trata-se de um passo capital na via que nos faz recuar não apenas no tempo, pois se trata dos primeiros meses, mas também na categoria de realidade onde se devem situar os fatos de sedução (Laplanche, 1992, p.128).

Em nosso empenho em entender a faceta mais copernicana nos textos dos autores aqui examinados, é importante desenvolver uma teoria do falo passivo no campo da teoria da sedução generalizada. Esta proposição promete levar o movimento copernicano da revolução ao seu ponto máximo de movimentação. Pois o falo

É passivamente que ele é antes de tudo excitado, em plena fase pré-genital e sob o reino maternal; todas as histórias, ressurgem do fundo do inconsciente, das seduições eróticas para a mãe em testemunho e essas histórias ou fantasmas são reais a seu modo, já que é a mãe ou aquela que fica em seu lugar, não somente as primeiras carícias, mas também os primeiros cuidados com a higiene (Bonaparte, 1967, p. 71, tradução nossa).<sup>16</sup>

Chama-nos muito a atenção às palavras utilizadas pela princesa Marie Bonaparte que, sob esse aspecto, parece poder afinar com as ideias laplancheanas. No entanto, cabe ressaltar a forte presença do movimento ptolomaico no pensamento bonaparteano, pois a autora, ao dar muito valor ao órgão anatômico, acaba se tornando uma perita em clitóris (Lemel, 2010). Suas pesquisas levaram-na a prenunciar a notável tese da causa anatômica da frigidez (Narjani, 1924; Bonaparte, 1952) – assunto que não abordaremos por desviarmos dos nossos propósitos –, além do fato de que este tema abre para uma enorme seara pois “o clitóris de Marie Bonaparte mascara uma floresta de interpretação, reflexões clínicas e teóricas que, no entanto, não têm relevância” (Bourgeron, 1997, p. 58, tradução nossa)<sup>17</sup>. Ainda hoje esta descoberta bonapartista gera muitos debates dissonantes fora do meio psicanalítico<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> No original: “C’est passivement qu’il est d’abord éveillé, en pleine phase prégénitale et sous le règne maternel; toutes les histoires, ressurgies du fond de l’inconscient, de séductions érotiques par la mère en témoignent et ces histoires ou fantasmes sont réels à leur façon, puisque c’est la mère ou celle qui en tint lieu qui donna, non seulement les premières caresses, mais aussi les premiers soins de toilette”.

<sup>17</sup> No original: “le clitoris chez Marie Bonaparte masque une forêt d’interprétation, de réflexions clinique et théorique qui pourtant ne manquent pas de pertinence”.

<sup>18</sup> Para uma discussão mais aprofundada da influência da tese da causa anatômica da frigidez (defendida pela princesa Marie) nas ciências médicas contemporâneas, ver: Cavalcanti & Cavalcanti, 2012; Martin, 2016; Wallen & Lloyd, 2008, 2011; Lloyd, 2005; Garcia, Lloyd, Wallen & Fisher, 2014; Pavlièev & Wagner, 2016.

O que nos interessa aqui é perceber que a sedução não é restrita, como pensa Bonaparte (1967), em que a menina pode ser submetida às seduções episódicas de um irmão mais velho ou de um homem adulto, com a possibilidade do prazer difuso ou do desencadeamento do orgasmo terminal pela primeira vez, o que resultaria na aprendizagem da voluptuosidade terminal pela vagina ou pelo clitóris. Este movimento ptolomaico é muito claro no texto, fazendo a autora se preocupar e investigar para qual região genital as primeiras seduções foram direcionadas, "se para o clitóris, ou para a vagina" (Bonaparte, 1967, p.138), numa crença em uma lógica linear e direta. Assim, escapa-lhe por completo a noção de generalidade da sedução. E também o fato de que a menina só tomará uma escolha acerca de qual via pretende obter prazer sexual depois das diversas possibilidades de tradução e metabolização das mensagens lhes endereçadas pelo adulto. O corpo pulsional escapa ao pensamento bonaparteano, que persiste em tomá-lo como prioritariamente biológico, como se a sedução tivesse que ser no pênis ou no clitóris para que houvesse falo passivo, como se a tradução genital não pudesse ser tradução de outros tipos de passividade<sup>19</sup>.

### **Sobre o desvio biologizante**

O que entendemos por desvio biologizante em psicanálise é, dentre outros fatores, a explicação dos fenômenos da vida psíquica com base nos eventos da biologia, sejam esses filogenéticos ou anatômicos (Laplanche, 1999; 2006). Pressupomos que se a teoria psicanalítica for pelo caminho da biologia, estará fazendo um movimento de retrocesso ou um movimento ptolomaico com relação à revolução copernicana em psicanálise.

Em outros termos, todo avanço freudiano feito pela descoberta do inconsciente e da pulsão, por exemplo, considerados como pertencentes ao movimento copernicano – uma vez que, tira o homem do centro de sua razão –, será, então, desconsiderado. Os psicanalistas, ao fazerem apelo aos conhecimentos da biologia para explicarem fatos da vida psíquica, estariam de certo modo se afastando do movimento copernicano da psicanálise, permaneceriam num estado de “revolução copernicana inacabada”

---

<sup>19</sup> Lembremos que Freud (1974/1914), quando toma a hipocondria e inicialmente a compara ao quadro das demais doenças orgânicas quanto a distribuição da libido, afirma que os hipocondríacos “tomando qualquer parte do corpo, sua atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes à mente, como sendo sua erogeneidade” (p.10). Podemos decidir considerar a erogeneidade como uma característica geral de todos os órgãos (Freud, 1974/1914). Esta linha de raciocínio abre para a possibilidade de pensar a erogeneidade do falo passivo para além da sensibilidade fisiologicamente própria do órgão anatômico.

(Laplanche, 2008a). De fato, nem mesmo o pai da psicanálise, considerado por muitos como sendo biologicista até o final de sua vida, escapa a esta crítica. Na própria obra freudiana, são vários os exemplos deste desvio biologizante, desde a escrita do *Projeto para uma psicologia científica* (1895) até o *Esboço de psicanálise* (1940). Contudo, escolhemos trazer um fragmento do texto de Freud (1980/1915), por ser ele um texto metapsicológico importante e representativo da teoria freudiana. Sendo assim, ele diz: “o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico, um concomitante dependente” (Freud, 1980/1915, p. 214). O autor articula o funcionamento mental ao inato, recentrando o sujeito nele mesmo, obnubilando sua origem alteritária e sexual.

Mas, então, o que pensar sobre o desvio biologizante em Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967)? Essa seara é por si ampla demais, por isso escolhemos selecionar apenas alguns pontos para reflexão. Entre os dois autores aqui examinados, sem dúvida, é o pensamento bonaparteano que caracteriza o desvio biologizante de maneira mais contundente, pois a força de seu empenho intelectual no sentido da união entre biologia e psicanálise foi extrema: “Ela jamais renunciou em biologizar a psicanálise” (Lebovici, 1983, p. 1081, tradução nossa)<sup>20</sup>. Nas ideias bonapartistas, o desvio biologizante se complexifica, pois, ela explora na biologia as supostas fontes dos fenômenos da vida psíquica, onde adota o modelo da célula para explicar as características do psiquismo humano. A princesa Marie Bonaparte vai mais longe que seu mestre, pois constrói uma espécie de “paleo-psicanálise” (Amouroux, 2012). Por exemplo, o choque, ou a surpresa, da menina diante da descoberta do pênis do menino se deve a alguma coisa muito arcaica, “isso deve ter alguma coisa de mais profundo, de mais antigo, e que é filogenético, paleobiológico” (Bonaparte, 1952, p. 20, tradução nossa)<sup>21</sup>, ou seja, ao medo da efração corporal que o ato da penetração pode suscitar, atitude que está presente no comportamento celular mais primitivo.

Toda a sua inspiração na biologia também se deve à forte influência de muitos biólogos e médicos de sua época, como Le Bon (1875; 1911), que a auxiliará a formular uma interpretação original de certas observações biológicas, na qual, segundo a autora, a virilidade encontra sua origem nas células especializadas do movimento. Por outro lado, a feminilidade será, pela mesma razão, intrinsecamente ligada à reserva de nutrientes, por exemplo, à gema do ovo, que constitui em reserva energética utilizada pelo embrião

---

<sup>20</sup> No original: “Elle n’aurait jamais renoncé à biologiser la psychanalyse”. (Lebovici, 1983, p. 1081).

<sup>21</sup> No original: “cela doit tenir à quelque chose de plus profond, de plus ancien, et qui est phylogénétique, paléobiologique”. (Bonaparte, 1952, p. 20).

durante o desenvolvimento embrionário, e que será nos mamíferos substituído pela placenta.

Para Bonaparte (1967) “o psiquismo inteiro da mulher está todo impregnado de vitelismo” (p. 60, tradução nossa)<sup>22</sup>, seja por ser a mãe que dá de mamar ao bebê, ou por ser a ela atribuída a responsabilidade de preparar a comida para toda a família. Desta maneira, ela liga o psiquismo humano a certas reações biológicas das células primitivas, em uma espécie de antropomorfismo celular. Entretanto, o pensamento bonapartista não se reduz a um biologicismo forçado, na medida em que ela proporciona uma síntese integral entre biologia e psicanálise (Amouroux, 2012) – aproximação esta que pode ter condenado ao ostracismo o pensamento bonapartista na psicanálise contemporânea.

Nos textos bonaparteanos e loewensteinianos, portanto, o falo passivo será uma noção que exemplifica o desvio biologizante de maneira inequívoca, como veremos a seguir.

### **Falo passivo nos meninos**

O termo “fase fálica” fora apresentado por Freud (1974/1923) na descrição da primeira maturação genital (gozo masturbatório), localizando, por exemplo, esse gozo no menino no pênis, eleito à função fálica, e, na menina, no clitóris. Muito baseado nos textos freudianos, é notório o êxito de Loewenstein (1935) em articular o falo passivo à impotência sexual no homem. As inúmeras descrições de casos clínicos apresentados por ele nos dão a dimensão da importância clínica de tal noção. Vejamos um trecho onde esta questão mostra-se evidente:

A análise de um homem acometido de transtorno da potência sexual, relativamente grave, permitiu-me descobrir os vínculos existentes entre a passividade fálica e os transtornos ejaculatórios. (...) Esse homem consegue ter um ou outro orgasmo, frequentemente quando ele permanecia imóvel até o fim sob as carícias da mulher, ou mesmo, sentindo o orgasmo se aproximando, ele se entregava aos movimentos de vai e vem, por meio dos quais acionava o orgasmo normal (Loewenstein, 1935, p. 40, tradução nossa).<sup>23</sup>

Percebemos, portanto, que existem diversos matizes da impotência sexual

---

<sup>22</sup> No original: “le psychisme entier de la femme semble aussi souvent tout impregné de ce vitellinisme”.

<sup>23</sup> No original: “L’analyse d’un homme atteint de troubles de la puissance sexuelle, relativement graves, m’a permis de mettre au jour les liens existant entre la passivité phallique et les troubles éjaculatoires. (...) Cet homme réussissait à avoir l’un ou l’autre orgasme, suivant qu’il restait immobile jusqu’au bout sous les caresses de la femme, ou bien que, sentant l’orgasme approcher, il se livrait à des mouvements de va-et-vient, qui, eux, entraînaient l’orgasme normal”. (Loewenstein, 1935, p. 40).

masculina e que a mesma pode se manifestar de diferentes maneiras na clínica (Cavalcante & Cavalcanti, 2012), e tal impotência não significa necessariamente insensibilidade, desprazer, muito menos evitação do encontro sexual, e, para Loewenstein (1935), a noção de falo passivo permite explicar algumas formas desta perturbação sexual.

Em outro trecho, o autor realiza um vínculo entre a passividade fálica e a homossexualidade, que mais uma vez demonstra uma adesão ao visível, às experiências vividas como sendo diretas e não fruto do recalçamento/simbolização, como se a passividade da cena trazida já fosse em si mesma a passividade pulsional do falo. Vejamos:

Os desejos desses homossexuais, que poderiam ser chamados de fálcos, culminam em fantasias cujo esquema é o seguinte: sua vara, pequena, é tocada por uma vara grande, pertencente ao homem amado. É fácil perceber que essa fantasia deriva dos desejos do complexo de Édipo dito reverso, passivo, aos quais a passividade fálica parece assim criar uma afinidade particular (Loewenstein, 1935, p. 42-43, tradução nossa).<sup>24</sup>

Esse é um ponto nodal para pensar a clínica psicanalítica, pois a noção de falo passivo mostra-se ser um instrumento teórico na análise da configuração da sexualidade em certos casos de homens que sofrem de impotência sexual. Por exemplo, podemos pensar no caso específico dos homens que, após o acometimento da cirurgia de câncer de próstata, apresentam clinicamente algumas das possíveis e recorrentes consequências dessa cirurgia, como, por exemplo, a incontinência urinária, havendo em alguns casos a necessidade do uso de fraldas geriátricas, ou, ainda, a perda total e definitiva da ereção peniana (Cavalcanti & Cavalcanti, 2012). E, então, como o indivíduo terá que se haver com o pênis sempre sem ereção nas relações sexuais? Quais mudanças subjetivas podem acontecer para o próprio indivíduo e também para seus parceiros sexuais? Podem alguns indivíduos assumirem a possibilidade de obterem prazer do pênis sem ereção durante as relações sexuais? Ou então, o falo passivo assumiria uma importante função para esses indivíduos que aprenderiam de alguma maneira a ter orgasmo com o pênis não ereto?

Obviamente, como já salientado por Loewenstein (1935), nesses casos a estimulação periférica é coadjuvante do prazer, pois há homens que não conseguem

---

<sup>24</sup> No original: “Les désirs de ces homossexuels, qu’on pourrait appeler phalliques, culminent dans des phantasmes dont le schéma est le suivant: leur verge, petite, est touchée par une grande verge, appartenant à l’homme aimé. Il est aisé de voir que ce phantasme dérive des désirs du complexe d’Oedipe dit renverse, passif, auquel la passivité phallique semble ainsi créer une affinité particulière”. (Loewenstein, 1935, p. 42-43).

realizar o coito quando as parceiras demonstram o mínimo de resistência, mas que o fazem quando as mulheres são ativas na relação. O autor ainda cita os casos dos pacientes que perdem a ereção na penetração vaginal, mas que conseguem ejacular apenas através da felação (Loewenstein, 1935). Há ainda pacientes que só atingem o orgasmo caso eles permaneçam imóveis, sob as carícias da mulher.

### **Falo passivo nas meninas**

Bonaparte (1967), por sua vez, afirma conhecer alguns casos clínicos de passividade fálica em mulheres que resultaram de seduções precoces que as marcaram para sempre. Um dos debates que circulavam entre os psicanalistas na época dizia respeito ao fato da mulher possuir duas zonas erógenas, o clitóris e a vagina, e sua sexualidade poderia ser desenvolvida em uma destas zonas ou, ainda, em ambas (Freud, 1980/1931; 1976/1932; Bonaparte, 1952; Appignanesi & Forrester, 2011). No que diz respeito ao falo passivo, Bonaparte (1967) afirma que é a direção da sedução precoce que influenciará a mulher na escolha em privilegiar uma zona em prol da outra na vida sexual adulta. Percebemos um claro movimento ptolomaico pelo fato da autora acreditar que a sedução só pode ser restrita e que as coisas acontecem de uma forma direta e simples, não exigindo por parte do indivíduo nenhum trabalho de tradução dos fatos da sedução. Para a autora, o resultado da sedução precoce poderá tornar a menina numa mulher clitoridiana exclusiva, ou numa frígida. E afirma: “Eu conheço outros casos em que o orgasmo sentido pela primeira vez pelo clitóris, parece ter marcado para sempre a sexualidade das mulheres” (Bonaparte, 1967, p. 194, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Com respeito ao debate sobre a sexualidade da mulher no que diz respeito à independência relativa das zonas erógenas e na escolha ou, no privilégio, de uma zona erógena em relação à outra (ou clitóris, ou vagina), não podemos deixar de considerar que essa escolha será tomada somente com o trabalho de tradução e metabolização do indivíduo, que também recebe os códigos tradutivos da cultura, passados primeiramente pelo seu meio social mais próximo, o *socius* (Laplanche, 2015). Fica evidente que, para Bonaparte (1967), a sedução é restrita na medida em que o que interessa é seu endereçamento, seja para uma zona mais fracamente carregada, em que provavelmente a

---

<sup>25</sup> No original: “Je connais d’autres cas où l’orgasme ressenti, appris, pour la première fois, par le clitoris, semble avoir marqué pour toujours la sexualité de la femme”. (Bonaparte, 1967, p. 194).



sedução permanecerá inoperante e não terá êxito, seja para uma zona mais enervada fisiologicamente, levando ao prazer terminal, por meio do orgasmo. A autora lê a sedução restrita como tendo resultado em linha reta, por assim dizer, sem tradução por parte do indivíduo.

É importante esclarecer para o leitor que a discussão acerca do falo passivo aparece em Bonaparte (1967) em meio à preocupação clínica quanto à questão da frequente inadaptação da mulher à função erótica ou à frigidez, assunto que, aliás, foi de extrema preocupação para a autora (Bonaparte, 1952). Ela retoma os grupos femininos estabelecidos por Freud (1980/1931; 1976/1932) frente às diferentes maneiras das meninas reagirem ao complexo de castração e a inveja do pênis. Assim, elas seriam de três tipos: àquelas do tipo reivindicadoras (*revendicatrices*), que possuem um complexo de virilidade poderoso e uma bissexualidade muito acentuada, o falo passivo, ou melhor, sua pré-história, garante-lhes uma sensibilidade erótica falicamente localizada no clitóris. As mulheres do tipo aceitadoras (*acceptatrices*) corresponderiam àquelas que no percurso do seu desenvolvimento sexual se submetem à involução sexual do clitóris e tomam um maior investimento erótico da vagina. Por fim, as do tipo renunciadoras (*renonciatrices*) correspondem às meninas que, na comparação com o órgão do menino, percebem a desvantagem e renunciam a todo tipo de satisfação sexual, permanecendo frígidas totais.

Desse modo, Bonaparte (1967; 1952) pesquisa as diferentes maneiras pelas quais o falo passivo, por meio do clitóris, se manifesta nas mulheres, cujos tipos indicarão a saída para a suposta inveja do pênis, em que a fase fálica ativa da menina estaria entre duas fases fállicas passivas: uma primeira, logo ao nascimento que acompanha os cuidados de amamentação e de higiene pessoal do bebê, contemporânea da fase oral e anal (pré-genitais), e uma segunda, que sucede o complexo de castração. Ou seja, a primeira fase fálica passiva será sucedida por uma fase fálica ativa, e em seguida ocorrerá uma regressão, biológica e normal, para a mulher, na segunda fase fálica passiva<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> A importância do falo da menina enquanto órgão anatômico (clitóris) no desenvolvimento do pensamento de Bonaparte (1967; 1952; Narjani, 1924), entendido por nós como movimento ptolomaico, por outro lado, é mais sugestiva que a própria tipologia feminina freudiana. Bonaparte, sob o pseudônimo Narjani (1924) tomando como base a distância da glândula do clitóris ao meato urinário, classificara as mulheres em três grupos: as teleclitorídias (> 2,5 cm); as mesoclitorídias (em torno de 2,5 cm); e finalmente as paraclitorídias (< 2,5 cm). A princesa Marie, tendo como base os fenômenos clínicos da frigidez (Bonaparte, 1952b; 1952c), entende que as primeiras seriam anorgásticas e necessitavam de tratamento cirúrgico, enquanto que, as segundas tinham orgasmos eventuais, podendo aumentar a frequência deles com certas posições facilitadoras, e as paraclitorídias seriam as verdadeiramente orgásticas. Sem dúvida, a princesa Marie foi uma pioneira no estudo do clitóris, e, dispondo dos poucos recursos de sua época, renunciou detalhes que só foram descobertos muitos anos depois com as pesquisas de O'Connell, Hutsn, Anderson, & Plenter (1998) sobre as estruturas internas do clitóris com a descrição de todo o amplo complexo clitoral.

Um dos casos clínicos apresentados por Bonaparte (1967) trata-se de uma situação de incesto entre irmãos, uma menina de dez anos de idade e um irmão mais velho, que tinha na época dezoito anos de idade. Na ocasião dos episódios, a menina era envolvida em coitos normais pela vagina, enquanto seu clitóris era concomitantemente tocado. A menina logo teve reações de satisfações eróticas. Aproximadamente depois de um ano, as relações incestuosas foram descobertas pelos pais, e, então, os jovens são separados e o irmão é enviado para longe. A menina, durante todo o curso da paixão fraternal, não teve a impressão que ele tinha feito alguma coisa de mal, mesmo após as condenações familiares. Quando mais tarde a menina se tornou mulher e casou-se, ela tinha com seu marido uma função erótica clitorido-vaginal normal, permitindo-lhe satisfação no coito. Segundo Bonaparte (1967) as lições do irmão iniciador não foram perdidas e a sedução precoce não foi desastrosa. A autora se engana, movimento ptolomaico, ao atribuir como resultado da sexualidade da mulher adulta apenas o resultado da direção que a sedução precoce se dirigiu, se para o clitóris, ou se para vagina, ou para ambos. A autora descarta a possibilidade de qualquer trabalho tradutivo e de metabolização por parte da menina das ações de sedução do irmão. E, também, fica claro que a sedução é vista como sendo apenas restrita e não generalizada (Laplanche, 1992).

Outro caso clínico narrado é o de uma mulher que, na infância, por volta dos nove anos de idade, foi seduzida por um homem adulto – no caso, tratava-se de um trabalhador doméstico da família. Este homem, nas sombras dos corredores da casa, procedeu na menina a masturbação clitoridiana, e essas relações duraram por algum tempo, até que tais atos foram descobertos pelos pais da menina, e o homem sedutor conseqüentemente foi banido do seio familiar. Bonaparte (1967) afirma que esta menina, mais tarde, já mulher, tornara-se uma clitoridiana exclusiva, para a qual somente as carícias externas em seu clitóris lhe proporcionavam a satisfação, permanecendo insatisfeita com o coito vaginal. Por conseguinte, pode-se afirmar que a autora desconsidera toda a dimensão do corpo pulsional<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Entretanto, por outro lado, ainda que em um quadro muito diferente, parece-nos que a perspectiva bonapartista do falo passivo está em sintonia com a tese sobre as origens femininas da sexualidade apontadas por André (1996), na qual a feminilidade estaria marcada pela sedução e pela passividade originária. Vejamos: “o elo intermediário que une sedução e feminilidade, o vetor pulsional que faz com que elas se juntem: a passividade” (André, 1996, p. 105). Algumas evidências apontam claras semelhanças, e evidentemente também muitas diferenças, entre o pensamento de ambos os autores, e para mencionar brevemente apenas algumas dessas semelhanças temos: a primeira é a ideia de “efração” (André, 1996; Bonaparte, 1952a.), utilizada por ambos os autores para explicar o medo da penetração; e, a segunda, quando se trata de evocar as relações entre feminilidade e masoquismo, quando André (1996) se beneficia de uma longa citação de um importante artigo de Bonaparte (1952). Entretanto, não será possível o

## **Castração como código tradutivo**

Laplanche (1988) realiza certos aprofundamentos na tentativa de abordar a distinção entre pênis e falo, que para nós serão necessários para esclarecer os movimentos ptolomaicos e copernicanos do falo passivo nas determinações loewensteinianas e bonaparteanas. Nesse percurso, é preciso distinguir vários níveis: o nível da anatomia, o nível da fisiologia e o nível da pulsão. Cabe lembrar que o nível da anatomia não envolve apenas a anatomia científica, mas, também, a popular (ou imaginária), tal como descrita pelas histéricas da época de Freud (1996/1889) a respeito dos seus sintomas corporais. Segundo Laplanche (1988), a distinção entre falo e pênis já ocorre no uso da língua corrente e se apresenta também em Freud (1974/1923; 1996/1925), visto que ele utiliza a expressão “fase fálica” e não “fase peniana”. Assim, pênis designa a realidade anatômica e fisiológica, entra numa série indefinida de órgãos: vagina, seio, testículo, próstata, etc. Falo, pelo contrário, não entra numa série indefinida, não é um termo entre outros, entra nas chamadas séries simbólicas, “no sentido de que pode substituir outros órgãos como equivalentes simbólicos. Mas o falo enquanto marca, enquanto marca de um corpo humano, é único” (Laplanche, 1988, p. 49). Isso significa que o falo tem valor simbólico e marca o corpo humano por sua presença ou sua ausência, ou seja, uma presença-ausência puramente óbvia, e nesse sentido o que nos interessa é a experiência mental, afetiva e pulsional do falo.

Nesse percurso, Laplanche (1988) realiza considerações consistentes para deslocar a lógica fálica binária (presença – ausência) que prevalece nas normas de gênero vigentes na nossa sociedade. Desse modo, faz a distinção entre diversidade (*Verschiedenheit*) e diferença (*Unterschied*) para mostrar que a distinção binária entre fálico e castrado é uma operação secundária e não algo dado pela fenomenologia dos corpos, pela simples percepção. Enquanto a diferença implica em uma polaridade, em uma dualidade, a diversidade, por outro lado, pode existir não apenas entre dois elementos, mas entre inúmeros itens. O exemplo que o autor menciona é a diversidade de cores, pois cada uma se define por sua qualidade própria e são em número infinito.

A importância dessa consideração lógica para o entendimento copernicano do falo

---

aprofundamento deste estudo comparado entre os respectivos autores, pois extrapolaria nossos propósitos. Entretanto, não poderíamos deixar de indicá-lo.

passivo é justamente mostrar que os autores, tanto Loewenstein (1935) quanto Bonaparte (1967), ambos estavam corretos ao pontuar que o falo não possui somente metas ativas. Entretanto, eles permaneceram ptolomaicos ao considerarem o falo como órgão anatômico, desconsiderando tanto a anatomia imaginária (popular) quanto sua dimensão pulsional. Ambos autores permanecem, portanto, no campo lógico da diferença. No entanto, nossa tese é a de que é possível encaminhar a noção de “falo passivo” para o campo lógico da diversidade.

Retomemos o que vimos nas seções anteriores. Ambos autores leem a fenomenologia da cena sexual de forma direta. Loewenstein (1935), por exemplo, quando fala do indivíduo que atinge o orgasmo parado, traduz essa cena como uma cena de passividade. Tal tradução tem o mérito de problematizar o binarismo ativo/passivo, mas ela ainda parece estar atrelada fortemente à série de pares masculino/feminino, ativo/passivo, heterossexual/homossexual e fálico/castrado.

A mesma crença em uma fenomenologia da cena anatômica – sexual vale para a tipificação proposta por Bonaparte (1967). Quando a autora diz que as “reivindicadoras” receberam uma carga de excitação maior no clitóris, e aqui o falo passivo garante uma sexualidade centrada no clitóris, tal descrição é rapidamente atrelada aos códigos de gênero: tais mulheres são mais masculinas, mais ativas. Mais uma vez: a diversidade cede lugar à diferença. Ali onde poder-se-ia ver um modo de gozo singular, oriundo das sedução precoces, a autora lê o fenômeno a partir do código binário masculino/feminino. Nesse caso, recorrendo a uma curiosa inversão, se comparamos com a tese de Loewenstein (1935): nos termos desta fenomenologia da cena sexual, o destino do falo passivo nos homens é a passividade, já nas mulheres é a atividade.

Criticamos esta leitura fenomenológica (ou supostamente empírica) da anatomia e da cena sexual, insistindo na tese de Laplanche (2015) de que a castração é um código tradutivo. A leitura dos corpos em termos de passivo/ativo, feminino/masculino ou até côncavo/convexo, depende dos códigos tradutivos que utilizamos para ler tais corpos e as cenas sexuais nas quais eles se envolvem. Também insistimos que tais códigos tradutivos são generificados e sempre designados<sup>28</sup> pelos adultos que participam do processo da constituição subjetiva da criança. Tais códigos tentam levar a diversidade do pulsional para o campo da diferença: essa operação é o recalçamento e constitui identidades

---

<sup>28</sup> Segundo Laplanche (2015), “A designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno” (p. 166).

generificadas.

Em suma, esta seção serviu-nos para mostrar que o falo passivo nos dois autores aqui analisados é confundido com o órgão genital – pênis ou clitóris. Além disso, os dois confundem a fenomenologia da cena sexual com a passividade pulsional. Desfeita essa confusão, é possível acolher, na obra de ambos, a intuição de que é devido às seduções originárias que os órgãos funcionam numa certa direção. Assim, defendemos a tese de que, clinicamente, é fundamental mostrar a prioridade da diversidade, isto é, de que o pulsional tem virtualmente infinitas formas de se arranjar. E nisso está à potência conceitual (copernicana) do falo passivo: ali onde se esperava uma associação intransponível (falo/atividade/virilidade), foi possível mostrar outro funcionamento.

## **Conclusão**

Seria tentador continuar discorrendo outras potencialidades do termo “falo passivo”. Contudo, concluímos no sentimento de que, provavelmente, muito mais veio a se ganhar o espírito da revolução (um novo espírito, de ter iniciado algo novo) nos tratados de Loewenstein (1935) e Bonaparte (1967). Fato que só foi possível pela escolha do melhor instrumento de análise, cujo voto de confiança foi-lhes dado, e o desafio fez-nos esmiuçar outras competências nos textos loewensteiniano e bonapartista.

Inicialmente, descobrimos que a sedução tem função ativa na determinação do falo passivo, só que não a sedução restrita (movimento ptolomaico), como acreditavam os primeiros a utilizar do termo, mas a sedução originária ou generalizada (Laplanche, 1992). Em seguida, utilizamos o termo “falo passivo” no rompimento do código binário (fálico/castrado) por meio da diversidade (*Verschiedenheit*) (Laplanche, 1988; 2015). Na realidade, isso corresponde ao fato de que o resgate histórico-epistemológico do termo é colocado dentro do debate contemporâneo em psicanálise.

O fato da noção de “falo passivo” não ser muito conhecida no meio psicanalítico contemporâneo não é absolutamente trivial. Sem dúvida, muitos concordariam com a avidez com qual a lógica binária hetero-normativa de gênero (fálico/castrado) domina nossa cultura, e, com efeito, é muito comum identificar na clínica os efeitos deste código tradutivo. No entanto, se entendermos por espírito revolucionário o espírito realmente nascido da revolução, é preciso distinguir as lutas modernas em torno dos gêneros (Butler, 1990; 1993; 1997), que muito têm impactado as pesquisas psicanalíticas contemporâneas

(Ribeiro, 2016)<sup>29</sup>. Assim, é digno de nota a ênfase sobre o falo passivo fora da lógica binária, mas pela diversidade como propõe Laplanche (1988), cuja importância clínica de tal noção garante-lhes sua relevância.

Desenterrar a noção de “falo passivo”, primeiro, restitui à psicanálise uma noção que faz parte de sua história enquanto ciência; segundo, o estudo mais copernicano de tal pressuposto provavelmente trará novos debates e possivelmente avanços científicos na área. A concepção do falo passivo aponta corretamente para os fenômenos clínicos (frigidez, impotência) que podem ser incluídos numa problemática mais ampla, qual seja, a da passividade originária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amouroux, Rémy. (2010). *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes. 275 p.

André, Jacques. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 148 p.

Appignanesi, Lisa, & Forrester, John. (2011). *As mulheres de Freud*. (Nana Vaz de Castro e Sofia Maria de Souza Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Record. 726 p.

Bleichmar, Silvia. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. (K. Behr, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Bonaparte, Marie. (1952). *Psychanalyse et biologie*. Paris: Presses Universitaires de France. 195p.

Bonaparte, Marie. (1967). *La sexualité de la femme*. Paris: Presses Universitaires de France. 285 p.

Butler, Judith. (1990). *Gender trouble: feminism and subversion of identity*. New York: Routledge.

Butler, Judith. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge.

Butler, Judith. (1997). *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge.

Cavalcanti, Ricardo, & Cavalcanti, Mabel. (2012). *Tratamento clínico das inadequações sexuais*. São Paulo: Roca. 382 p.

---

<sup>29</sup> O autor defende a saída da lógica binário (fálico/castrado) pela tese do “orifical” enquanto uma positividade: “Se a genitalidade externa feminina pode ser vista em sua positividade orifical e não em sua negatividade castrativa, então a diferença anatômica dos sexos pode encontrar seu lugar no inconsciente, que não comporta nenhum tipo de negação” (Ribeiro, 2016, p. 110).

Foucault, Michel. (1999). Lacan, o libertador da psicanálise. In Foucault, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (Vera Lúcia A. Ribeiro, Trad.) (pp. 298-299). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Freud, Sigmund. (1996). Casos clínicos: 2- Frau Emmy von N. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, pp. 91-152). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1889).

Freud, Sigmund. (1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 89-120). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)

Freud, Sigmund. (1980). O inconsciente. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 191-239). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915)

Freud, Sigmund. (1974). A organização genital infantil: uma interpretação na teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, pp. 179-188). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)

Freud, Sigmund. (1974). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 07, pp. 129-238). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)

Freud, Sigmund. (1996). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925)

Freud, Sigmund. (1980). Sexualidade feminina. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 254-279) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931)

Freud, Sigmund. (1976). Feminilidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, pp. 139-165.) Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932)

Garcia, J. R., Lloyd, E. A., Wallen, K., & Fisher, H. E. (2014). Variation in orgasm occurrence by sexual orientation in a sample of U.S. singles. *J. Sex Med*, 11, 2645-2652.

Laplanche, Jean. (1988). *Problemáticas II: castração, simbolizações*. (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 291 p.

Laplanche, Jean. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. 174 p.

Laplanche, Jean. (1999). *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Le plessis-Robinson, Institut Synthélabo. 300 p.

Laplanche, Jean. (2006). *Problématiques VII: Le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud, suivi de Biologisme et biologie*. Paris, França: PUF.

Laplanche, Jean. (2008a). Ponctuation: la révolution copernicienne inachevée. In Laplanche, Jean. *La révolution copernicienne inachevée. (Travaux 1967-1992)* (pp. 3-35). Paris: Quadrige /PUF.

Laplanche, Jean. (2008b). Implantation, intromission. In Laplanche, Jean. *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)* (pp. 355-358). Paris: Presses Universitaires de France.

Laplanche, Jean. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. (Vanise Dresch e Marcelo Marques, Trad.). Porto Alegre: Dublinense. 288 p.

Le Bon, G. (1875). *Physiologie de la génération de l'homme et des principaux êtres vivants*. Paris: Alfred Duquesne Éditeur.

Le Bon, G. (1911). *Les opinions et les croyances*. Paris: Flammarion.

Lebovici, Serge. (1983). À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, 47(4), 1081-1093.

Lemel, A. (2010). *Les deux cents clitoris de Marie Bonaparte*. Paris: Éditions Mille et une nuits. 255 p.

Loewenstein, Rudolph. (1935). De la passivité phallique chez l'homme. *Revue Française de Psychanalyse*, 8(1), 36-43. Recuperado em 31 outubro, 2015, de <http://gallica.bnf.fr/m/ark:/12148/bpt6k5444010p/f39.r=revue+fran%C3%A7ais+de+psychanalyse+1935+vol.lang.PT>.

Lloyd, E. A. (2005). The case of female orgasm: bias in the science of evolution. *Twin Research and Human Genetics*, 9(1), 181-184.

Narjani, A. E. (1924). Considérations sur les causes anatomiques de la frigidité chez la femme. *Bruxelles-Médical*, 768-778.

O'Connell, H. E., Hutsn, J. M., Anderson, C. R., & Plenter, R. J. (1998). Anatomical relationship between urethra and clitoris. *Journal of Urology*, 156, 1892-1897.

Pavlièev, M., & Wagner, G. (2016). The evolutionary origin of female orgasm. *J. Exp. Zool. (Mol. Dev. Evol.)*, 1(12), 326-337.

Ribeiro, Paulo de Carvalho. (2016). O sexual, o fállico e o orificial a partir da teoria da sedução generalizada. *Percurso*, 57(57), 105-112.

Wallen, K., & Lloyd, E. A. (2008). Clitoral variability compared with penile variability supports nonadaptation of female orgasm. *Evolution & Development*, 10(1), 1-2.

Wallen, K., & Lloyd, E. A. (2011). Female sexual arousal: genital anatomy and orgasm in intercourse. *Hormones and Behavior*, 59, 780-792.



## ARTIGO 2:

### REPENSANDO O CASO LEFEBVRE COM JEAN LAPLANCHE<sup>30</sup>

*Rethinking the Lefebvre case with Jean Laplanche*

*Repensando el caso Lefebvre con Jean Laplanche*

#### **Resumo**

Propomos uma releitura do caso Lefebvre, de Marie Bonaparte, com o objetivo de redirecionar o vetor de explicação dos fenômenos psíquicos da psicose, que aponta para o descentramento radical da constituição psíquica. Assim, temos como referente a teoria da sedução generalizada, por meio da qual trabalhamos o texto no sentido de fazer render seus elementos que concernem à sedução originária. Iniciamos com uma apresentação geral do caso e das explicações bonaparteanas acerca dos principais sintomas psicóticos da paciente; em seguida, com base na teoria tradutiva do recalçamento, apresentamos os possíveis destinos e os fracassos das seduções originárias, tendo como princípio a primazia da sedução do outro nas origens da vida psíquica inconsciente e o ganho de realidade na psicose. O resgate histórico-epistemológico desse caso tem interesse na psicanálise contemporânea justamente porque aponta para o descentramento radical.

*Palavras-chave:* Lefebvre; psicose; sedução.

#### **Introdução**

Propomos um resgate histórico-epistemológico, além de um debate teórico, em torno do caso Lefebvre, considerado um dos primeiros casos de psicose relatados na literatura psicanalítica e a maior contribuição de Marie Bonaparte (1952a) à clínica das psicoses.<sup>1</sup> Assim, ousamos pensar no vetor de explicação dos fenômenos psíquicos da psicose, defendidos pelo dossiê bonaparteano, como prioritariamente centrífugo, ou seja, os fenômenos psíquicos partem do  $Eu^2$  (interno), de forma muito semelhante ao sentido do vetor dos textos freudianos sobre o assunto (Freud, 1889/1996a, 1911/1969, 1915/1969, 1924[1923]/1996, 1924/1996a); tais ideias ainda influenciam os trabalhos na

---

<sup>30</sup> Artigo publicado: RIBEIRO, S. D.; BELO, R. R. F. (2019). Repensando o caso Lefebvre com Jean Laplanche. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 31, n. 3, p. 557 – 576.

psicanálise contemporânea, nas suas mais variadas linhas. Desse modo, as metáforas físico-astronômicas empregadas por Laplanche (2008a) na tradução, na interpretação dos textos freudianos e no desenvolvimento da teoria da sedução generalizada serão neste texto referidas pelos termos de forças centrífugas e forças centrípetas. Enfim, nosso objetivo é levar a interpretação bonaparteana do caso Lefebvre a um novo patamar, fazendo trabalhar a teoria da sedução generalizada nos seus argumentos.

A fim de atingir esse propósito, ancoramos nossa metodologia no método laplancheano de “fazer trabalhar” os textos freudianos (Laplanche, 1988; André, 2016), que levou o autor a formular os novos fundamentos para a psicanálise (Laplanche, 1992), vertendo em sua teoria da sedução generalizada advinda do descentramento radical do sujeito por meio da afirmação da prioridade do outro e do aspecto sexual na constituição psíquica. Desse modo, inverte-se o vetor de explicação dos fenômenos psíquicos, que passam a ser centrípetos. Esse modo singular de tratamento da alteridade interna constitui uma ferramenta teórica pertinente no esquema explicativo das psicoses.

Laplanche (1992) propõe a ideia de confrontação de mensagens sexuais entre o adulto e o bebê na chamada situação antropológica fundamental. Essa situação se refere à dissimetria que caracteriza a condição em que a criança se encontra, submetida pelo adulto a uma dimensão erótica, atulhando-a de mensagens “pré-conscientes-conscientes” (Laplanche, 2015, p. 168), cujas origens e cujos significados ele próprio desconhece.

Tarelho (2017) esclarece que nessa dissimetria se encontra a base do que a teoria laplancheana nomeia de enigma. Então, “é justamente devido a esse aspecto enigmático da mensagem adulta que a criança é incitada a desenvolver uma atividade insólita de tradução” (Laplanche, 2015, p. 61). O modelo da tradução, mais exatamente do fracasso da tradução, é muito importante para o entendimento de determinadas patologias psicológicas, bem como para nossa leitura do caso Lefebvre. Então, é pelo destino das mensagens enigmáticas ou o destino das mensagens não traduzidas, logo não recalcadas porém ativas, que desenhamos outro modo explicativo sobre a afirmação da condição psicótica de Lefebvre. Desse modo, não ingressamos nos argumentos bonaparteanos que recentram o Eu, mas buscamos a primazia da sedução do outro nos fundamentos do Eu.<sup>3</sup>

Com tal objetivo, subdividimos este ensaio em quatro partes. Na primeira parte, apresentamos dados biográficos de Lefebvre, esclarecendo aspectos desde sua infância à vida adulta. Focalizamos os fatos cujas dimensões se relacionam mais diretamente com a interpretação realizada por Bonaparte (1952a) no que diz respeito tanto à classificação

nosológica do caso quanto ao entendimento da dinâmica do homicídio (assassinato da nora) cometido pela paciente.

Na segunda parte, expomos a hipótese bonaparteana da psicose raciocinante ou de revindicação (Capgras & Sérieux, 1909) de Lefebvre. Em seguida, apresentamos os argumentos da autora que cotejam o erotismo anal (Freud, 1908/1976a) na hipocondria e na avareza da paciente, assim como a compreensão da suposta configuração edipiana do crime.

Na terceira parte, fazemos trabalhar a teoria de Laplanche (1992) na interpretação bonaparteana do caso Lefebvre, primeiro entendendo como a autora preconiza a sedução (Lanouzière, 1991), geralmente pensada de modo restrito, episódico ou ocasional, para em seguida expandir esse horizonte para o que Laplanche (1992) postula por teoria da sedução generalizada, paradigma que traz a dimensão do primado da alteridade do outro e do sexual, e se baseia no modelo tradutivo do recalçamento (Laplanche, 2015; Tarelho, 2017), o que vai propiciar ao caso Lefebvre o ganho de aportes na teoria psicanalítica contemporânea.

Na quarta parte, continuamos a abordar a psicose de Lefebvre por meio do modelo tradutivo do recalçamento e dos destinos dos enclaves, ou seja, daquilo que não pode ser metabolizado ou traduzido na história da paciente. Além disso, apresentamos a ideia do ganho de realidade na psicose (Carvalho, 1996, 2003), contrapondo-a à ideia freudiana clássica da perda da realidade (Freud, 1924/1996a).

### **Lefebvre: sobre sua vida e sobre o crime**

Vale esclarecer alguns pontos do caso, cujas informações biográficas colhidas na história da paciente, bem como os detalhes do crime e do estado mórbido que serão explanados a seguir, foram coletadas pela própria Bonaparte.<sup>4</sup>

Sobre a infância de Lefebvre<sup>5</sup>, o que mais chama nossa atenção em seu relato é a descrição da sua brincadeira infantil preferida: ela brincava no jardim com seu irmão, deixando de fora sua irmã caçula. A brincadeira consistia em ritos religiosos ligados aos funerais das pequenas aves (pintinhos) que ela própria matava e enterrava dentro das caixas de charutos do pai, em um cemitério improvisado com esse propósito. Seu irmão proferia as bênçãos solenes, e sobre as covas eles colocavam pequenas cruzes ornamentadas com coroas de margaridas. Na adolescência, ela começa a ter problemas de saúde e é acometida por uma diarreia que a atormenta sem cessar. Nessa época, seu

equilíbrio nervoso foi fortemente perturbado. Tornava-se triste sem causa visível e tinha, por razões fúteis, crises de choro: “[...] por uma simples observação feita por mamãe” (Bonaparte, 1952a, p. 7, tradução nossa). Na vida adulta, ela arranja um casamento de conveniência e afirma que aborda o casamento num estado de ignorância completa da realidade da vida íntima de um casal. Bonaparte (1952a) chega a atribuir-lhe a condição de mulher frígida, assunto de muito interesse investigativo da autora (Bonaparte, sob o pseudônimo Narjani, 1924, 1967, 1952b), mas não tomamos como nossa tarefa no presente artigo o desenvolvimento desse ponto, por extrapolar nosso propósito.

Lefebvre diz que sofreu muito durante as duas gestações que teve, principalmente de dor nos rins. Em 1890, tem seu primeiro filho, André, e em 1892, seu segundo, Charles. Com a proximidade da menopausa, apresenta os mesmos males que a afligiam na adolescência, só que com mais intensidade, ou seja, perturbações nervosas difusas e diversas, diarreia, contrações do estômago e toda sorte de sensações dolorosas, como acontece com os hipocondríacos em geral (Freud, 1914/1969). Seu filho Charles não se casa e permanece morando na casa de seus pais. Já André, aos 34 anos, conhece Antoinette Mülle, de 30 anos, e com ela se casa, contra a vontade da sua mãe.

A partir de então, surgem os sintomas mentais em Lefebvre, que culminarão no assassinato da nora. Assim, oito dias depois do casamento, explode a primeira cena de ciúmes: na igreja, Lefebvre se aproxima de Antoinette e lhe fecha acentuadamente a passagem numa atitude clara de monopolização do automóvel da família, ou seja, não queria que a nora fosse passear com seu filho. Então, com a gravidez de Antoinette, em junho de 1925, Lefebvre tem a primeira ideia de comprar um revólver. Em seguida, segue-se a situação do crime: durante um passeio de automóvel com o filho e a nora, esta lhe diz uma frase que ela cita muitas vezes durante a entrevista e que caracteriza uma das sintomatologias de sua psicose. Então, ela alega sofrer uma terrível ofensa, uma profunda falta de respeito e de grave injúria por parte da nora, que lhe disse: “Você me tem. Bem, agora, de fato conte comigo” (Bonaparte, 1952a, p. 11, tradução nossa). Durante o passeio, de modo repentino, Lefebvre solicita ao filho que pare o carro sob o pretexto de satisfazer uma necessidade fisiológica. Quando o automóvel pára, ela pega o revólver, se coloca à direita da nora e com implacável segurança dispara a bala, que lhe atravessa o crânio de um lado a outro. O crime causou na época intensa comoção pública na França e foi divulgado amplamente na mídia local. A assassina, já bastante idosa, foi julgada no ano seguinte ao crime, em 1926, no tribunal de Douai e condenada à morte.

## **Lefebvre: psicose de revindicação e crime edípiano**

O propósito principal do dossiê elaborado por Bonaparte (1952a) sobre o caso criminal Lefebvre é defender a ré como um caso de psicose, contrariando o exame mental dos peritos de acusação, que concluíram que a assassina tinha uma espécie de característica “um pouco particular” (p. 14, tradução nossa), que teve inteira e plena responsabilidade sobre o crime, e que o diagnóstico de psicose estava descartado. Assim, a autora realiza uma entrevista de avaliação nosológica e de compreensão psicodinâmica da personalidade de Lefebvre, discriminando indicadores relevantes para a avaliação psicopatológica da entrevistada.

O ponto de vista bonaparteano é que “Madame Lefebvre tem uma constituição paranoica, sob a qual se desenvolveu uma psicose de revindicação” (Bonaparte, 1952a, p. 14, tradução nossa). Trata-se de um tipo de psicose estudada e caracterizada por Capgras e Sérieux (1909)<sup>6</sup> como um tipo de delírio de interpretação, em que os doentes conservam a memória, a faculdade intelectual, “mas em um ponto sua razão é perturbada, neste que toca a faculdade dita de julgamento” (Bonaparte, 1952a, p. 14, tradução nossa). Uma ideia prevalente é tomada de um efeito poderoso que se estabelecerá e se tornará dominante. De fato, Lefebvre foi incapaz de dizer de um agravo sério cometido pela nora contra ela, pois das palavras mais insignificantes proveio, segundo ela, o mais grave agravo.

De acordo com Capgras e Sérieux (1909), o fato que caracteriza a impressão de anormal é justamente a maneira como as ideias se desenvolvem com precisão e se fixando num ponto em que

O delírio de reivindicação pode definir uma psicose sistemática crônica, caracterizada por uma predominância exclusiva de uma ideia fixa que se impõe ao espírito de uma maneira obsessiva, orienta toda a atividade no sentido manifestadamente patológico e se exalta em razão dos obstáculos encontrados (Capgras & Sérieux, 1909, p. 246, tradução nossa).

Trata-se de um estado psíquico de monoideísmo de prevalência mórbida que em nada se assemelha à demência. Nesse tipo de psicose, a ideia obsessiva é como um tirano que não deixa o doente um só instante em repouso e, de acordo com Bonaparte (1952a), Lefebvre apresenta as características próprias do delírio de reivindicação.

Por outro lado, com relação ao crime, a autora se questiona: teria Lefebvre cometido um crime edípiano? Para Bonaparte (1952a, p. 13, tradução nossa), “ela tinha, de fato, cometido um crime de um horror antigo: matar por amor de um filho como outros matam por amor de um amante; um aroma de incesto exala em torno do crime”.

Sabemos que, para Freud (1924/1996b), o complexo de Édipo é um estado de sentimento em que a criança direciona amor sexual ao genitor do sexo oposto e, em contrapartida lógica, deseja a morte ao genitor do mesmo sexo, considerado um rival. “Esse complexo, vivido em toda a sua realidade sexual, existe também nos pais, mas de maneira atenuada, ensurdecido pela longa corrente da censura moral” (Bonaparte, 1952a, p. 15, tradução nossa), em que o pai prefere a filha, e a mãe prefere o filho.

[...] no caso Lefebvre, é o crime edipiano ao contrário, ou seja, não de Édipo, mas de Jocasta [...] um amor carnal entre a mãe e seu filho [...] e expressou de um modo cruel e simplista esta verdade que Lefebvre é a Jocasta que matou (Bonaparte, 1952a, p. 15, tradução nossa).

Portanto, a autora justifica os motivos pelos quais o crime de Lefebvre muito repercutiu e repercutiu na mente e na opinião das pessoas justamente porque “em toda mãe, no fundo do inconsciente, há, inexprimido, um pouco de Jocasta e de Lefebvre” (Bonaparte, 1952a, p. 15, tradução nossa).

No dossiê bonaparteano consta que a mãe de Lefebvre foi muito avarenta na época de sua infância e apresentava muitos sintomas hipocondríacos ligados a vários distúrbios de ordem intestinal. Esses sintomas também acometerão Lefebvre muito fortemente na época de sua primeira menstruação e reaparecerão na época da menopausa. A autora questiona se haveria um elo de identificação de Lefebvre com a mãe, conotado tanto pela hipocondria como pela avareza.<sup>7</sup>

Quanto ao último sintoma, observemos que Bonaparte (1952a), seguindo a via interpretativa proposta por Freud (1908/1976a) e Abraham (1924), afirma que o gasto de dinheiro por parte da nora era sentido com intensa dor por Lefebvre justamente porque “todo dinheiro gasto é um dom, um dom transposto, sob o modo da regressão anal” (Bonaparte, 1952a, p. 21, tradução nossa) e que “nos produtos do inconsciente – ideias espontâneas, fantasias e sintomas – os conceitos de fezes (dinheiro, dádiva), bebê e pênis mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis” (Freud, 1917/1996, p. 160).

Segundo Bonaparte (1952a), o erotismo anal é reanimado em certos tipos de psicopatas, e deveríamos tomar como exemplo o caso Lefebvre, em que a hipocondria, além da avareza, é testemunha desse retorno aos estados pré-genitais da libido. Para Freud (1914/1969), a hipocondria exprime um retorno da libido sobre o próprio sujeito como uma “neurose narcísica atual” expressa na linguagem orgânica. Então, a hipocondria é

um estado preliminar das psicoses paranoicas. Segundo a interpretação bonaparteana, o caso Lefebvre corrobora as teses freudianas.

Outro aspecto importante no dossiê bonaparteano é a afirmação de que Lefebvre relata que se sentiu completamente incomodada e ressentida com a aparência da mãe gorda quando estava grávida da filha caçula, considerada sua arquirrival edipiana. Esses sentimentos, segundo Bonaparte (1952a), muito provavelmente foram revividos na ocasião da gravidez da nora e numa leitura laplancheana, como veremos adiante, podem ser entendidos pela reabertura do processo de fracasso de tradução do enigma das mensagens de cunho sexual vindas do outro e que não são metabolizadas, os chamados enclaves psicóticos (Laplanche, 2008c).

De acordo com Bonaparte (1952a), Lefebvre desejava matar a mãe quando esta estava grávida de sua pequena irmã, e o crime contra a nora foi a repetição dessa reação primitiva muito antiga, provavelmente o desejo edipiano de morte contra a própria mãe, para poder tomar o lugar da mulher do pai. A autora faz clara menção às ideias freudianas sobre o complexo de Édipo na menina (Freud, 1924/1996b, 1931/1996).

Na próxima seção faremos trabalhar a teoria da sedução generalizada como meio de aprofundar a elaboração dessas questões.

### **Gravidez e sedução: os destinos das mensagens**

Levando em consideração as indicações do estudo de Lanouzière (1991) relativo ao caminho que a noção de sedução traça no pensamento bonaparteano, podemos distinguir três tipos de agentes de sedução: a sedução maternal, a sedução pelos adultos e a sedução pelos pares. Sucintamente, temos o seguinte entendimento: a sedução maternal está relacionada aos cuidados com a higiene do bebê e é de natureza involuntária ou inconsciente. Bonaparte (1967) defende que, nos cuidados com a toalete, as carícias são provedoras essenciais de excitações sexuais na criança e geralmente ocorrem nos momentos em que ela é “lavada, limpa, acariciada” (p. 117, tradução nossa).

Já a sedução pelos adultos é aquela considerada como sedução sexual propriamente dita, de natureza intencional, que provoca a excitação direta das partes do corpo da criança, geralmente provocada por adultos pedófilos ou perversos. E é neste tipo de sedução que a autora também localiza aquelas seduções provocadas pela visão e audição, por parte da criança, de cenas sexuais entre adultos. Isso significa que a criança é testemunha de cenas sexuais reais, chamadas de cena primária (Bonaparte, 1952c;

Freud, 1899/1996b). Então, além das confabulações de suas teorias sexuais infantis (Freud, 1908/1976b), é despertada na criança a masturbação (Lanouzière, 1991, p. 141), que na fase fálica ou genital está repleta de fantasias edípicas. Na teoria freudiana clássica, o menino deseja se deitar com a mãe e rivaliza com o pai, e a menina abandona a mãe como objeto de amor, disputando com ela o amor pelo pai, de quem espera um dia ter um filho, como forma de compensação da falta anatômica do pênis, mas percebe que o pai ama a mãe, por isso é acometida por uma grande decepção amorosa, que marca seu psiquismo de maneira inequívoca (Freud, 1924/1996b, 1931/1996).

Por fim, na manifestação da sedução pelos pares, os postulados bonaparteanos (Bonaparte, 1967) se referem aos jogos sexuais entre crianças ou entre irmãos de mesma idade ou idades próximas. Geralmente as crianças imitam os jogos sexuais dos adultos e se masturbam ou evoluem para o coito completo. De maneira geral, para o pensamento bonaparteano, a sexualidade reside na articulação desses três fenômenos preparatórios: a sedução, a masturbação e os devaneios edípianos.

Por outro lado, Laplanche (1992, 1985) se opõe à noção de sedução restrita, acidental ou conjectural, que tão costumeiramente aparece nos textos bonaparteanos e freudianos. A teoria laplancheana vem ampliar a noção de sedução reconhecendo que os inelutáveis encontros do bebê com a mãe e/ou o pai (o mundo dos adultos), que estão permeados de sexualidade e, seguindo modalidades diferentes de mensagens a ele endereçadas, vão enchendo seu corpo de materiais discursivos e não discursivos, que estão comprometidos com o inconsciente do adulto. Essas mensagens provocam um efeito traumático no bebê por causa da sua imaturidade na organização psíquica, que o impede de traduzir ou tratar o excesso de excitação. Esses excessos traumáticos serão esquecidos e farão parte de seu inconsciente pelo efeito do recalçamento originário. Cabe alertar o leitor que a teoria da sedução generalizada não se confunde com a generalização ou a banalização da sedução (dos abusos sexuais na infância), mas trata-se de explicar as origens da vida psíquica inconsciente (Laplanche, 1985).

Como mencionado anteriormente, na situação antropológica fundamental, em que o bebê depende de ser cuidado pelo adulto, são transmitidas a ele mensagens conscientes e pré-conscientes (de amor, ódio, raiva, entre outras), que vão aos poucos colonizando seu corpo com afeto. Segundo Laplanche (2008b), essas mensagens podem ser endereçadas via “implantação”, que são aquelas mensagens que ocorrem corriqueiramente e passarão por algum processo de tradução, ou via “intromissão”, que são aquelas de cunho mais violento e que muitas vezes permanecem no inconsciente como



restos não metabolizados ou não traduzidos. Esses jogos de mensagens são seduções que partem do outro e, como assinalamos acima, o modelo de tradução dessas mensagens é uma das chaves da teoria da sedução generalizada (Laplanche, 1992) e de nosso entendimento sobre as psicoses. Isso significa que a “intromissão” de mensagens implica para o Eu um fracasso radical de tradução, o que se deve, entre outros aspectos, “ao fato de que tais mensagens já se apresentam como não metabolizadas no próprio outro” (Cardoso, 2017, p. 89). E é isso que na teoria laplancheana nomeamos de enclave psicótico. Segundo Laplanche (2008c), os enclaves correspondem às impressões não traduzidas de mensagens advindas do outro cujo ingresso no psiquismo se deu via “intromissão”. Esses enclaves se mantêm como marcas traumáticas e tendem a reaparecer na vida psíquica de maneira quase imutável. Então, tais mensagens ficarão “encravadas” no psiquismo (Laplanche, 2015).

Fazendo trabalhar a teoria da sedução generalizada nas elaborações bonaparteanas no dossiê clínico sobre Lefebvre, podemos avançar na interpretação bonaparteana mudando o vetor de explicação que, por exemplo, esclarece a raiva sentida por Lefebvre quando a mãe estava grávida da filha caçula. Sabemos que a gravidez soa para o mundo infantil como enigma, cujas confabulações ou teorias sexuais encontrarão várias explicações (Freud, 1907/1996, 1908/1976b), como a história da cegonha que, voando pelos céus, traz os bebês para as mães, entre outras crenças. Mas o que nos interessa aqui é o enigma (da mensagem do outro) no jogo do processo tradutivo (Laplanche, 1985, 2015), que funciona como o elemento focal do desenvolvimento psicosexual. Dessa maneira, entendemos que com o desenvolvimento do bebê vai ocorrendo a formação das representações mentais, as quais darão sentido a algumas das mensagens a ele endereçadas (*implantações*), cujo processo tradutivo tem como base as informações recebidas do ambiente, do seu meio social mais próximo (tios, tias, avós, primos, vizinhos, dentre outros). Esses valores e essas crenças, por exemplo, lhe fornecerão o sentido do que é ser homem ou mulher e, então, a criança dará conta da introjeção e/ou identificação com o objeto.<sup>8</sup> Esses valores e essas crenças darão sentido ao enigma da gravidez ou à chegada de um(a) irmãozinho(a). Já as mensagens designadas “intromissões”, de cunho mais violento, como dito anteriormente, permanecerão sem tradução e constituirão parte do inconsciente da criança como enclaves ou encravada (Laplanche, 2008b, 2015). Em outros termos, “a intromissão de mensagens implica para o ego um fracasso radical de tradução [...] Isso poderia ser devido [...] ao fato de que tais

mensagens já se apresentariam como não metabolizáveis no próprio outro, já são enclaves no adulto” (Cardoso, 2017, p. 89).

Assim, pensamos, por exemplo, na gravidez da mãe de Lefebvre como uma mensagem, que pode ter sido endereçada de forma rude e severa, fato que nos faz pensar numa possível qualidade de mensagem que a fez fracassar na tradução, inundando-a de raiva. Lefebvre afirma que “ressentia-se brutalmente com a gravidez de sua mãe, gravidez de sua pequena irmã” (Bonaparte, 1952a, p. 16, tradução nossa). Portanto, a mensagem da gravidez “é aquilo que perdeu a ligação de sentido e que assim, estará sempre escapando a esta tentativa de significação, de criação de sentido” (Tarelho, 2017, p. 29). Cabe lembrar que o esforço tradutivo do sujeito para integrar o sexual que veio de fora é a chave da compreensão da constituição psíquica de forma geral (Tarelho, 2016), inclusive, que levará o sujeito à psicose. Assim, pela teoria da sedução generalizada a direção do vetor é centrípeto, do sexual que vem de fora, do outro e não do interior do Eu como se apresenta nos argumentos bonaparteanos. Assim, a gravidez da mãe de Lefebvre, entendida como uma mensagem a ela endereçada, escapou de uma ligação de sentido e a fez ter uma reação tradutiva mortífera, como expressa em sua brincadeira predileta de infância de matar os pintinhos e enterrá-los no quintal.

Quando Bonaparte (1952a) afirma que “é a gravidez de sua nora que o inconsciente de Mme. Lefebvre não pode suportar” (p. 35, tradução nossa), precisamos interpretar que não é o inconsciente de Lefebvre que não pode suportar a gravidez da nora, mas sim seu Eu. Os elementos, no caso, sugerem que a própria gravidez é que produz o ataque de angústia. Vale lembrar que a descrição dos sintomas hipocondríacos se assemelha ao peso de uma gravidez e às dores do parto. E inverso à direção do vetor (centrípeto), o sexual que vem do outro nas cenas de sedução as quais Lefebvre foi submetida na sua infância, da “mensagem do outro, sexual-pré-sexual, enigmática” (Laplanche, 1999, p. 35, tradução nossa) nos seus aspectos mais violentos ou de desligamento do funcionamento psíquico nos permitem conceber o ataque da mensagem da mãe grávida. E a posteriori, ao vê a nora grávida a sua memória traumática é ativada, o que a faz repetir a reação primitiva mais antiga da época em que a sua mãe estava grávida da sua irmã caçula.

A interpretação bonaparteana da psicose da paciente é semelhante à teoria sobre as psicoses da tese clássica de Freud (1911/1969), que via um movimento centrífugo comandando o sintoma psicótico: algo interno intolerável é projetado para fora e retorna como se viesse do exterior. Mas, tomando as indicações do caso Lefebvre de Bonaparte

(1952a) para ilustrar a teoria da sedução generalizada, reconhecemos nossos limites na explicitação do vetor sexual que vai da mãe de Lefebvre à própria Lefebvre, exemplificada quando narra a raiva e o medo que sentia da mãe, principalmente quando estava grávida da filha caçula.

Conforme a teoria da sedução generalizada, esses afetos já são resposta às “intromissões” sofridas pela criança Lefebvre. A crítica de Laplanche (1999) às teorias freudianas sobre a psicose visa a destacar que há um movimento centrípeto (do outro ao Eu) anterior à defesa projetiva. A sedução vem primeiro do outro externo, o sexual é intrometido no sujeito e só então ele encontra alguma tradução e pode ser projetado para, mais uma vez, retornar vindo de fora.

A gravidez da mãe entra na mesma lógica afetiva de desprezo e violência por meio da qual Lefebvre fora tratada por ela. Uma reação da menina na época foi justamente matar os pintinhos (pequenas aves) como uma tentativa de simbolizar uma tradução das mensagens que a mãe endereçava à criança Lefebvre. Era ela também a menina enterrada e morta pelo ódio da mãe. Sua saída cruel ativa traduz a passividade brutal à qual é submetida. Quando se depara com a nora grávida, temos novamente uma cena sexual que lhe é endereçada. Tal cena reabre a situação originária: antes de edipianizar a cena, dizendo que o filho da nora é o filho que ela gostaria de ter com o próprio filho, insistimos que o que é perturbador são os efeitos sexuais internos produzidos pela cena da gravidez.

Veremos na seção seguinte como a insistência da literalidade da memória traumática de Lefebvre é correlativa à má delimitação das fronteiras do seu Eu.

### **A primazia da sedução do outro nos fundamentos do Eu e o ganho de realidade na psicose**

Para Bonaparte (1952a, p. 36), os mecanismos psíquicos do Eu de Lefebvre só lhe permitem amar o marido e os dois filhos, não admitindo a entrada de ninguém mais no seio familiar; por isso, ela considerava a nora uma intrusa, alguém que perturbava a ordem e a harmonia familiar. Sobre esse ponto podemos pensar que “o Eu é uma realidade criada e mantida pelo investimento libidinal. O Eu deve ser considerado como uma experiência contínua do psiquismo, cujos contornos modificam-se” (Carvalho, 2003, p. 45). As modificações dos contornos do Eu incluem a despersonalização, a alienação e o estranhamento. Isso implica pôr em evidência a vulnerabilidade do Eu e dizer que o Eu do psicótico é modificado e, no caso Lefebvre, “um Eu com as fronteiras encolhidas,

esbarrando com o órgão doente” (Carvalho, 2003, p. 47) e um Eu que fazia ligações libidinais apenas com seu pequeno grupo familiar. Portanto, segundo Carvalho (2003), as elaborações sobre as fronteiras do Eu e a realidade dos fenômenos psicóticos não são “a perda da realidade, mas o ganho de realidade daquilo que, anteriormente, era meramente pensamento” (p. 49).

Por conseguinte, com base na ideia de que a psicose se caracteriza pelo “ganho de realidade dos conteúdos inconscientes” (Carvalho, 1996, p. 239, tradução nossa), é possível propor a compreensão da regressão a um estado do Eu passado como a atualização de uma situação de sedução originária.

O surgimento da psicose tem uma relação decisiva com exigências pulsionais que se apresentam como enigmáticas e ameaçadoras na justa medida de sua incompatibilidade com o que pode ser reconhecido como pertencente ao eu, ou seja, na medida de sua alteridade (Ribeiro, 2001, p. 123).

Segundo Laplanche (1999, p. 52), “a ‘realidade psíquica’ não é criada pelo Eu, ela é invasiva”.<sup>9</sup> É no movimento centrípeto, vetor que vai do outro para o interior do sujeito, que se encontra nosso ponto de partida. Lembramos ao leitor que essa perspectiva é bem diferente daquela dos postulados freudianos sobre a psicose, que se diferencia da neurose pelo fato que o “[...] ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade” (Freud, 1924/1996a, p. 229), cujo reparo da perda da realidade se dá de maneira autocrática, com a criação de uma nova realidade, seja por meio do delírio, da alucinação, seja por meio de uma infeliz ideia mórbida. Por conseguinte, a noção de ganho de realidade na psicose nos ajuda a entender de outro modo o respectivo caso, na medida em que sua sintomatologia (a hipocondria, o delírio e o ato homicida) está intimamente interligada a um Eu que aparece mal delimitado em suas fronteiras internas ou externas. E equacionado a um processo sedutivo marcado por injunções paradoxais que a levaram à subsequente falha radical de tradução (clivagem), cujos conteúdos inconscientes alcançaram um ganho de realidade: minha nora me insultou, então, é meu dever eliminá-la como “se tira uma erva daninha do jardim” (Bonaparte, 1952a, p. 28, tradução nossa), num tipo de reabertura de cenas originárias, a cena da mãe grávida considerada ofensa.

Conforme a teoria da sedução generalizada, a realidade psíquica está relacionada à realidade da mensagem sexual do outro. Quanto ao delírio de Lefebvre, ele é retirado da frase mais banal, que encerra a essência daquilo que se transformará em sua loucura. Ou seja, da fala corriqueira: “Você me tem. Bem, agora, de fato conte comigo” (Bonaparte, 1952a, p. 11, tradução nossa), que aos ouvidos de Lefebvre soa como ofensa

moral ou sexual. E quanto à gravidez da nora, nossa interpretação nos faz levar em conta que essa gravidez endereçou a Lefebvre mensagens sexuais da mãe, cujo caráter sedutor e sexual é velado e só pode ser deduzido *a posteriori*, quando colocada lado a lado com a nora grávida. Desse modo, a gravidez da nora atualiza uma situação de sedução mais antiga, a sedução da mensagem da gravidez da mãe. É nessa cadeia associativa que liga a mãe à nora, em que “a regressão a um estado passado do Eu deve ser compreendida como a atualização de uma situação de sedução” (Carvalho, 2003, p. 56), que percebemos o ganho de realidade de conteúdos inconscientes pelo Eu de Lefebvre.

A fixação da ideia sobre a suposta ofensa da nora, repetida monotonamente, marca um modo explosivo e um ponto de fixidez da realidade da mensagem sexual intrometida em seu psiquismo pelo enigma da gravidez. Segundo Laplanche (1999), “o primado do outro e seu enigma não se ‘fecha’ necessariamente quando desaparece a relação concreta adulto-bebê” (p. 5, tradução nossa), o que o autor chamará de abertura à inspiração. No que tange ao estudo das psicoses, as asserções seduzir, perseguir e revelar são os verbos ativos da ação do outro sobre o Eu (da criança), e essas ações merecem ser interrogadas no estudo das psicoses.

Para Laplanche (1999), “[...] sustentar ‘a realidade da sedução’ é afirmar sua prioridade, sua primazia com relação aos outros cenários ditos originários” (p. 10, tradução nossa). Nas cenas de sedução está a realidade psíquica do inconsciente, em que entre o adulto e o bebê “se postula uma comunicação imaterial de inconsciente a inconsciente, de fantasia a fantasia, isso postulado de maneira totalmente injustificada, a preexistência de uma fantasia e de um inconsciente no bebê” (p. 12, tradução nossa).

Na teoria de Freud (1911/1969), assim como na de Bonaparte (1952a), esses traços no psiquismo estão funcionando como um resíduo da “revivescência [do ódio] das meninas que foram suas amigas na infância, ou das irmãs, que foram suas rivais verdadeiras” (Freud, 1911/1969, p. 87). Para Laplanche (1999), seria interessante pensar no ódio como, primariamente, proveniente do outro: só então o percurso prosseguiria: (1) eu sou odiada; (2) odeio minha agressora/rival; (3) eu me culpo pelo meu ódio; (4) projeto meu ódio para a agressora, invertendo-o: sou odiada/perseguida. Talvez a diferença do ponto (1) para o ponto (4) seja o caráter persecutório, que ganha o ódio proveniente da projeção, o que não está presente no ódio inicial, proveniente do outro da situação originária. Portanto, Laplanche (1999) situa essa suposição de inversão do ódio em perseguição justamente na inversão do movimento do vetor, que, em vez de ser centrífugo, tem seu ponto de partida no exterior, “como movimento que toma sua origem

no outro” (p. 54, tradução nossa). Assim, perseguir aparece como um retorno da passividade originária em atividade no que concerne à vetorização centrípeta, da intervenção do outro, pela qual o sujeito toma ser a origem daquilo que primeiramente o submete.

Freud (1911/1969) explica o delírio ou, mais precisamente, sua forma persecutória como se fosse provocada por “uma percepção interna suprimida, e seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa” (p. 89). Vemos claramente a direção do vetor (centrífugo) na explicação da psicose, tal como no texto bonaparteano sobre Lefebvre. Mas, conforme a teoria da sedução generalizada, invertamos esse vetor: o que importa são as mensagens que vêm de fora, do outro, em que na situação antropológica fundamental “o *infans*, por sua imaturidade de base, seu desamparo, passa um bom tempo girando em torno desse astro-rei, o adulto com seu calor, que aquece e é a fonte de vida, mas que não deixa também de queimar” (Tarelho, 2017, p. 19). E é desse modo que a sexualidade pulsional chega à criança. Assim, compreendemos que a projeção, essencial à paranoia, está relacionada à dimensão tradutiva da metabolização das mensagens endereçadas à criança pelo adulto. Então, essa defesa psicótica se efetua pela via da projeção. Em vez de se pensar numa sensação interiormente suprimida pelo exterior, o delírio faz proeminência como alteridade irreduzível, levando Lefebvre a ter feito seu dever de matar.

“Quando eu falo de um descentramento originário, de um copernicanismo de base, eu não falo em geral, mas especificamente no domínio sexual” (Laplanche, 1999, p. 52, tradução nossa). No texto bonaparteano há uma confusão do sexual (da sedução) e da autoconservação (uma visão endógena do sexual), em que o simbolismo exagerado nas interpretações do caso Lefebvre a fez silenciar a origem alteritária do Eu.

### **Para concluir**

Vimos que, esquematicamente, o dossiê clínico Lefebvre de Bonaparte (1952a) se compõe de duas partes: uma concernente aos sintomas hipocondríacos e às fases pré-genitais da libido, demonstrando a origem de sua avareza e a especificidade da *folie raciocinante*, e outra concernente ao conteúdo edípico do crime e sua dinâmica.

De certa maneira, constatamos que há continuidade da psicopatologia freudiana das psicoses nas ideias bonaparteanas. E o resgate desse caso se mostra importante nos dias de hoje por mostrar como essas ideias sobre a psicose, de certa maneira, ainda

predominam na psicanálise contemporânea, que muitas vezes a relaciona aos fenômenos internos ao Eu. Um dos méritos desta pesquisa é recuperar o fazer teórico em psicanálise ao mostrarmos como o movimento centrífugo recalca as origens alteritárias do Eu e como isso se traduz do ponto de vista teórico. Nosso esforço, ao contrário, é pensar o descentramento radical na teoria das psicoses com base na teoria da sedução generalizada.

Nosso caminho foi, então, priorizar o domínio da mensagem do outro, do sexual, movimento centrípeto e não centrífugo, pois, “a ‘realidade psíquica’ não é criada pelo Eu, ela é invasiva” (Laplanche, 1999, p. 52, tradução nossa). No que tange ao caso, repetimos, a realidade da mensagem da nora grávida reabre em Lefebvre o efeito da sedução do outro (a mãe), efeito sexual disruptivo, que exige a passagem ao ato – matar a nora – como uma maneira de tradução das “intromissões” da mãe.

Finalizamos reconhecendo o conhecimento profundo do texto freudiano que o texto de Bonaparte (1952a) testemunha, mas é pela ideia da realidade da sedução, vetor centrípeto que mantém essa discussão no campo próprio da psicanálise. Ao realizarmos este estudo, pensamos ter aberto novas possibilidades de pesquisas e de descobertas no pensamento bonaparteano, que, de fato, se mostrou um campo fecundo a ser explorado.

## Referências

- Abraham (1924). *Versuch einer Entwicklungsgeschichte der Libido*. Leipzig: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.
- André, J. (2016). Laplanche-e-Pontalis. *Percurso*, 56/57, 153-160.
- Bonaparte, M. (1952a). Le cas de Madame Lefebvre. In: *Psychanalyse et Anthropologie*, p. 5-45. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1927).
- Bonaparte, M. (1952b). Les deux frigidités de la femme. In: *Psychanalyse et Biologie*, p. 12-19. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952c). Notes sur la découverte analytique d’une scène primitive. In: *Psychanalyse et Biologie*, p. 146-152. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1967). *La sexualité de la femme*, Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1949).
- Capgras, J.; Sérieux, P. (1909). *Les folies raisonnantes, le délire d’interprétation*. Paris: Alcan.
- Cardoso, M. R. (2017). Repensando o trauma e o intraduzível com Jean Laplanche. In: Ribeiro, P. de C. (org.). *Por que Laplanche?* p. 82-104. São Paulo: Zagodoni.

- Carvalho, M. T. de M. (1996). *Paul Federn: Une autre voie pour la théorie du moi*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Carvalho, M. T. de M. (2003). As fronteiras do eu na psicose – O trabalho pioneiro de Paul Federn. *Psicologia em Revista*, 9(13), 43-58.
- Freud, S. (1889/1996a). Casos clínicos: 2 – Frau Emmy von N. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 2, p. 91-152. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1889).
- Freud, S. (1899/1996b). Lembranças encobridoras. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 3, p. 333-358. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1899).
- Freud, S. (1907/1996). O esclarecimento sexual das crianças. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 9, p. 137-147. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907).
- Freud, S. (1908/1976a). Caráter e erotismo anal. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 9, p. 175-186. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).
- Freud, S. (1908/1976b). Sobre as teorias sexuais infantis. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 9, p. 213-232. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).
- Freud, S. (1911/1969). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 12, p. 23-104. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (1914/1969). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 14, p. 89-120. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1915/1969). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 14, p. 297-307. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1917/1996). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 17, p. 157-166. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).



- Freud, S. (1921/1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 18, p. 91-184. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1924[1923] /1996). Neurose e psicose. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 19, p. 189-198. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924[1923]).
- Freud, S. (1924/1996a). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 19, p. 229-238. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (1924/1996b). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 19, p. 217-228. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).
- Freud, S. (1931/1996). Sexualidade feminina. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trad. J. Salomão), vol. 21, p. 254-279. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1931).
- Lanouzière, J. (1991). Marie Bonaparte. In: *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*, p. 123-153. Paris: Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. (trad. C. P. B. Mourão & C. F. Santiago). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1970).
- Laplanche, J. (1988). Interpretar [com] Freud. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*, p. 21-32. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1999). Séduction, persécution, révélation. In: *Entre séduction et inspiration: l'homme*, p. 7-56. Paris: Quadrige / Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2008a). La révolution copernicienne inachevée. In: *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*, p. III-XXXV. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2008b). Implantation, intromission. In: *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*, p. 355-358. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2008c). Le traitement psychanalytiques des états psychotiques. In: *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*, p. 125-130. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1992).

- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. Porto Alegre: Dublinense.
- Narjani, A. E. (1924). Considérations sur les causes anatomiques de la frigidity chez la femme. *Bruxelles-Médical*, 4(42), 768-778.
- Ribeiro, P. de C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro, P. de C. (2001). O real é sexual: mal-estar na clínica lacaniana das psicoses. *Percurso*, 2, 113-125.
- Ribeiro, P. de C. (2007). Identification passive, genre et séduction originaire. *Psychiatrie Française*, 4, 21-48.
- Sadock, B. J.; Sadock, V. A. (2008). *Manual conciso de psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artemed.
- Tarelho, L. C. (2016). A tópica da clivagem e o supereu. *Percurso*, 56/57, 133-142.
- Tarelho, L. C. (2017). O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana. In: Ribeiro, P. de C. (org.). *Por que Laplanche?*, p. 15-49. São Paulo: Zagodoni.

## Notas

- <sup>1</sup> Cabe destacar que Lefebvre nunca foi analisada por Bonaparte. Essa publicação é fruto de uma entrevista clínica realizada na prisão onde a assassina cumpria sua pena. O dossiê gera mais tarde, por parte da autora, uma série de estudos sobre os tratamentos psiquiátricos de criminosos e assassinos notórios, em que ela se posiciona veementemente contra a pena de morte. Portanto, é crível que seu interesse por Lefebvre se dê pela crença de que seu diagnóstico como psicótica pudesse salvá-la da pena de morte.
- <sup>2</sup> Usamos inicial maiúscula na grafia de ‘Eu’ para denotar que se trata da instância metapsicológica do aparelho psíquico, e não do pronome pessoal (eu) da primeira pessoa.

- <sup>3</sup> Em linhas gerais, o que está em jogo é a questão da “centração”, que, segundo Laplanche (2008a), começou com a mudança do centro da astronomia da Terra para o Sol, o que abre caminho para consequências bem mais drásticas, considerando a imensidão do universo e seus infinitos sistemas, que significa a abertura para a ausência de centro, porque o centro do universo passa pela noção de infinito. E, na psicanálise, se refere à descentração do nosso Eu.
- <sup>4</sup> Em entrevista com a assassina na penitenciária de Lille, em 14 de janeiro de 1927, com duração aproximada de quatro horas. Acreditamos que nessa situação a paciente não foi um objeto passivo da observação da pesquisadora (Marie Bonaparte), mas que ambas se influenciaram mutuamente, o que não pode ser desconsiderado no tratamento do texto bonapartiano. A entrevistadora também se valeu dos detalhes do dossiê médico-legal realizado pelos médicos Dr. Raviart, Dr. Rogues de Fursac e Dr. Logre, além dos documentos jurídicos disponíveis na época. Como mencionado anteriormente, a autora era veementemente contra a pena de morte e militava nessa causa.
- <sup>5</sup> Madame Lefebvre, nascida Marie-Félicité-Elise Lemaire, nasceu em Fromelles, no norte da França, em 13 de novembro de 1864. Ela pertencia a uma honorável família de grandes lavradores. Seu pai, Charles-François Lemaire, cultivava extensos hectares de terras. Sua mãe, Nathalie-Sidonie Waymel, era de uma família comum. Dois anos após seu nascimento, veio o irmão Charles-François e, dezoito meses mais tarde, a irmã caçula Nelly.
- <sup>6</sup> Atualmente esse tipo de psicose é caracterizado como transtorno delirante inespecificado (Sadock & Sadock, 2008, p. 183).
- <sup>7</sup> Não perfilhamos como nossa empreitada no presente artigo o desenvolvimento do tema da relação entre a identificação e a sedução originária, mas remetemos o leitor aos trabalhos de Ribeiro (2000, 2007).
- <sup>8</sup> Isso gerará em termos da formação do aparelho psíquico o ideal do eu e eu ideal, e todo o processo da identificação. Ao leitor que deseje se aprofundar nesse assunto sugerimos a leitura dos textos de Sigmund Freud (1914/1969, 1921/1996, 1924/1996b).
- <sup>9</sup> “La ‘réalité psychique’ n’est pas créée par moi, elle est invasive” (Laplanche, 1999, p. 52).

### ***Abstract***

We propose a re-reading of Marie Bonaparte's Lefebvre case, with the aim of redirecting the vector of explanation of the psychic phenomena of psychosis, which points to the radical decentering of the psychic constitution. Thus, we have as reference the generalized theory of seduction, through which we work the text in order to make it surrender its elements concerning the original seduction. We start with a the general presentation of the case and the Bonapartean explanations about the main psychotic symptoms of the patient; then, based on the translation theory of repression, we present the possible destinations and the failures of the original seductions, having as principle the primacy of the seduction of the other in the origins of unconscious psychic life and the gain of reality in psychosis. The historical-epistemological rescue of this case has an interest in contemporary psychoanalysis precisely because it points to radical decentering.

*Keywords:* Lefebvre; psychosis; seduction.

### ***Resumen***

Proponemos releer el caso Lefebvre, de Marie Bonaparte, con el objetivo redireccionar el vector de explicación de los fenómenos psíquicos de la psicosis, aquel que apunta hacia el descentramiento radical de la constitución psíquica. Así, tenemos como referente la teoría de la seducción generalizada, por medio de la cual trabajamos el texto en el sentido de hacerle rendir sus elementos que conciernen a la seducción originaria. Iniciamos con una presentación general del caso y de las explicaciones bonaparteanas sobre de los principales síntomas psicóticos de la paciente; a continuación, sobre la base de la teoría traductiva de la represión, presentamos los posibles destinos y los fracasos de las seducciones originarias, teniendo como principio la primacía de la seducción del otro en los orígenes de la vida psíquica inconsciente y la ganancia de realidad en la psicosis. El rescate histórico-epistemológico de ese caso tiene interés en el psicoanálisis contemporáneo justamente porque apunta al descentramiento radical.

*Palabras clave:* Lefebvre; psicosis; seducción.

## COMPLEXO DE PERFURAÇÃO: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA<sup>31</sup>.

*Piercing complex: an interpretation from the theory of generalized seduction.*

*Complexe de perforation: une interpretation de la théorie de la séduction généralisée.*

**Resumo:** Abordamos o complexo de perfuração via teoria da sedução generalizada, focando na chamada “sexualidade orificial” e nas fantasias parentais, sobretudo a de arrombamentos dos orifícios, que acabam inoculando na criança o medo de perfuração. Consideramos que o medo da perfuração remete à realidade da mensagem (vinda do adulto) e incita a criança a traduzir o corpo estranho interno que é propriamente intrometido nela, a saber, a excitação do sexual. E é nessa penetração originária (da mensagem do outro) que localizamos a mudança no vetor de explicação do medo paralisante presente no complexo de perfuração, que no pensamento bonaparteano sai da reação protocelular.

**Palavras-chave:** Mensagem; perfuração; sedução; tradução.

### Introdução

Neste artigo, faremos a recuperação histórica de um conceito pouco difundido na teoria psicanalítica: o complexo de perfuração proposto por Marie Bonaparte (1936/1952b). Além de ser capítulo importante na história epistemológica da Psicanálise, a apresentação sistemática do conceito na obra da autora mostra como havia uma relação forte entre a biologia e a teoria psicanalítica. Uma das hipóteses que explicam o esquecimento desse conceito – e também de boa parte da obra de Bonaparte – é justamente essa ênfase no papel da biologia na etiologia dos fenômenos psíquicos. Na leitura que propomos, também criticamos esse biologicismo, mas iremos mostrar como a

---

<sup>31</sup> Artigo publicado: RIBEIRO, S. D.; BELO, R. R. F. (2019). Complexo de perfuração: uma interpretação a partir da teoria da sedução generalizada *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 22(3), 584-605. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n3p584.10>

teoria da autora pode ser relida e redescoberta em diálogo com teorias psicanalíticas contemporâneas.

Nosso propósito é recuperar o conceito de “complexo de perfuração”, de Bonaparte (1936/1952b), interpretando-o a partir da teoria da sedução generalizada (Laplanche, 1992). Veremos que esse conceito pode ser compreendido pela dimensão penetradora ou perfuradora da sedução originária (Laplanche, 1992; André, 1996; Ribeiro, 2016).

Dividimos esse trabalho em quatro seções: na primeira seção, apresentaremos o conceito de “complexo de perfuração” e os argumentos bonaparteanos inspirados na biologia e na psicanálise, cujas referências excessivas à paleobiologia como que colocam “as amebas sobre o divã” (Amouroux, 2012, p. 186). Na segunda seção, discutiremos sobre o papel do outro humano na inoculação do pulsional via teoria da sedução generalizada (Laplanche, 2015; 1992). Trabalharemos também a noção do “orifício” e das fantasias de arrombamento do orifício (Ribeiro, 2017; 2016). Na terceira seção, relacionaremos o complexo de perfuração com a violência da realidade da mensagem do outro (Laplanche, 1999b; Cardoso, 2017). E, na quarta e última seção, realizaremos uma digressão sobre o masoquismo no campo da teoria da sedução generalizada.

### **O que é o complexo de perfuração?**

O conceito de “complexo de perfuração” na obra bonaparteano nasceu em meio aos estudos da autora em torno da sexualidade da mulher (Bonaparte, 1949/1967; 1936/1952b; Ribeiro & Belo, 2017). Tal complexo seria o equivalente ao complexo de castração no menino. No entanto, para a autora (Bonaparte, 1936/1952b; 1948/1952c; 1950/1952d), um complexo não invalida o outro, mas ambos coexistem e coinfluenciam o desenvolvimento psicosssexual da menina, em que, por exemplo, do lado da castração, situamos a inveja do pênis (Freud, 1933[1932]/1976; 1924/1996b; 1924/1996c; 1923/1996d) e, do lado do complexo de perfuração, localizamos o medo da perfuração (que causa a morte). Nas palavras da autora:

O medo da efração da substância protoplásmica se manifesta então no terror de tantas virgens de serem penetradas, e se encontra, sem dúvida, na base de muita frigidez feminina. Sobre ela pode se elevar o edifício imponente, para o qual contribuem então todas as superestruturas do supereu, que nós encontramos sob a forma dos sintomas. (Bonaparte, 1936/1952b, p. 37, tradução nossa).

No trecho acima, os argumentos bonaparteanos apontam para um vetor que sai da célula para o psíquico. Assim, podemos definir tal complexo da seguinte maneira: “a mulher pode temer desse modo a penetração pelo homem [...] Então, a angústia da mulher diante da penetração sexual é uma angústia que se manifesta sobre o modo sadicamente terrificante pelo complexo de perfuração” (Bonaparte, 1936/1952b, p. 21 e 38, tradução nossa). Na elaboração desse conceito, a autora toma duas vias explicativas: a primeira via é a via psicanalítica propriamente dita, que toma a cena originária (cena do coito dos pais) como uma cena de sedução que produz na menina a teoria sádica do coito (Freud, 1907/1974c; 1908/1974b; 1919/1980b), situação traduzida como uma cena de agressão sádica por parte do macho sobre a fêmea, impactando sobremaneira a evolução libidinal da menina, pois nela instaura-se uma angústia de efração (Bonaparte, 1935/1952a). A segunda via de explicação é a paleobiologia celular, sobre a qual a autora afirma que “a efração da substância dos viventes pode comportar sua destruição [...] essas reações celulares prototípicas se transferem em bloco ao psiquismo” (Bonaparte, 1949/1967, p. 68-69, tradução nossa). Ou seja, para a autora, o psiquismo humano está ligado a certas reações biológicas presentes nas células, em um tipo de antropomorfismo celular. Reconhecemos que é no conceito de “complexo de perfuração” que se configura a faceta mais biologizante da psicanálise bonaparteana, daí um cenário fértil para a crítica ao desvio biologizante em psicanálise (Laplanche, 1999a; 2006). Não resta dúvida de que tal conceito é fruto da aliança que a autora realiza entre a psicanálise e a biologia (Amouroux, 2012), estando bem claro o sentido de direção do vetor de explicação: parte-se da célula para o psiquismo. Segundo Lebovici (1983), a formulação bonaparteana expressa de modo quase absoluto os dados da biologia em termos psicológicos.

O conceito de “complexo de perfuração” atravessa importantes textos de Bonaparte (1935/1952a; 1936/1952b; 1948/1952c; 1950/1952d), e, em todos eles, reproduz-se os dizeres que afirmam que a “pequena massa protoplasmática, em virtude dessa misteriosa adaptação da vida ao meio ao qual a envolve, deverá ter aprendido a reagir à qualquer sinal de ameaça exterior” (Bonaparte, 1936/1952b, p. 35, tradução nossa), o que implica que “todo organismo vivo, do micróbio ínfimo aos mamíferos, recua diante dessa ameaça de efração ao interior de seu corpo” (Bonaparte, 1936/1952b, p. 35, tradução nossa). Nessa linha de raciocínio, a autora defende a ideia de que a insatisfação frequente da mulher frente à relação sexual (frigidez) também “se funda sobre o medo vital da penetração ao interior do corpo” (Bonaparte, 1950/1952d, p. 36,

tradução nossa). Em outro trecho, ela continua: “a penetração fecundadora do macho é sentida como uma efração intolerável” (Bonaparte, 1936/1952b, p. 38, tradução nossa).

Não obstante, esquematizando um pouco, ainda segundo a autora, a célula possui três modos de perfuração: o primeiro é a nutrição-defecação; o segundo, a reprodução (sexuada ou por cissiparidade); e o terceiro, a ferida causada por uma ameaça exterior. Os dois primeiros são benéficos, pois estão a serviço da vida: a fome provém da aspiração das células ao assimilar às substâncias do meio ambiente e a defecação, da eliminação daquilo não mais necessário; já do campo do amor (reprodução), provém da aspiração a união das células sexuais (óvulo e espermatozoide); o último, entretanto, a ameaça exterior, pode ocasionar, de fato, a morte (ferimento por arma branca ou de fogo, acidente, dentre outros).

Essas especulações paleo-psicanalíticas retiram do protótipo celular o conflito entre as pulsões sexuais (ou de conservação do eu) e a pulsão de morte. E esse conflito tem sua origem nesses três estados afetivos: o apetite, o amor e o medo (Bonaparte, 1936/1952b). Será por meio desse pensamento que a autora também explicará a fonte do masoquismo (Bonaparte, 1945/1973). Indo do masoquismo celular ao masoquismo feminino, a menina fantasia, ao ser penetrada pelo pênis, que seu corpo estará em situação de risco de dilaceramento e morte. A integridade narcísica de seu eu (Tarelho, 2016) estaria em oposição à possibilidade de efração do corpo gerada pela ameaça do pênis violador.

Notadamente, o complexo de perfuração é o medo, o desconforto ou a ansiedade de penetração, que causam sofrimento clinicamente significativo que pode assumir a forma de um medo paralisante impossibilitando a relação sexual.

Nessa pesquisa, o que nos interessa é a pulsão implantada na criança pela sedução do adulto. Assim, redirecionamos o vetor explicativo (centrífugo) presente no respectivo complexo de perfuração, ou seja, as “reações celulares prototípicas se transferem em bloco ao psiquismo” (Bonaparte, 1949/1967, p. 68-69, tradução nossa), para procedermos outro direcionamento desse vetor (centrípeto), apontando para o pulsional que vem do outro na constituição tradutiva do medo de perfuração.

### **Lanouzière, intérprete da sedução em Bonaparte.**

A primeira articulação entre a teoria da sedução generalizada e a obra bonaparteana foi feita por Lanouzière (1991). A autora realiza um apanhado geral da sexualidade feminina nos estudos bonaparteanos e constata que, para Bonaparte, a



sedução “aparece realmente como uma das causas possíveis de uma fixação a um modo primeiro de satisfação sexual” (Lanouzière, 1991, p. 126, tradução nossa). Isso significa, por exemplo, o despertar do clitóris da menina pelos cuidados do adulto na situação antropológica fundamental. No entanto, do ponto de vista bonaparteano, a sedução não é vista apenas como sedução restrita, mas como “uma sedução biológica... exercida pela ‘Mãe Natureza’” (Lanouzière, 1991, p. 129, tradução nossa), concepção bem distinta da sedução generalizada desenvolvida por Laplanche (1992) anos mais tarde. Entretanto, o ponto curioso de suas formulações é que Lanouzière entende a sexualidade humana como uma evolução filogenética e paleobiológica, indo da célula para o psiquismo, e esse direção do vetor nomeamos de centrífugo. Tal posição é oposta ao que nomeamos por “vetor centrípeto”, a partir do qual, na teoria da sedução generalizada, entende-se que a nossa constituição psíquica e nossa sexualidade são fundadas pelas mensagens comprometidas com o sexual que vêm do outro (Laplanche, 2015).

Nessa nossa escolha de fazer trabalhar a noção de “complexo de perfuração” pela teoria da sedução generalizada, existem mais dois fatores complicadores: o primeiro diz respeito à adoção, por Bonaparte (1951), da tradução do termo alemão *Trieb* por *Instinct* de maneira indiscriminada; outro fator diz respeito ao fato da autora misturar as noções de “inconsciente” de Le Bon (1911; 1875)<sup>32</sup> e de Freud (1915/1980d). A respeito da confusão dos termos alemães *Trieb* e *Instinkt*, Laplanche (2015) afirma que Marie Bonaparte, ao dizer num só sopro “pulsion ou instinct”, acaba “misturando alhos com bugalhos” (p. 29). No intuito de fazer avançar a leitura de Lanouzière sobre a obra bonaparteana, articularemos essa teoria com outros elementos da teoria da sedução generalizada.

### **Complexo de perfuração, passividade originária e sexualidade oficial.**

Segundo André (1996), as origens femininas da sexualidade devem-se à natureza penetrável do corpo, ao gesto da efração originária vindo do outro e, então, tal gesto encontra-se pré-instalado no psicossoma da criança, uma vez que a pulsão (sexual e perversa) que vem do outro (cuidador/adulto) coloniza seu corpo.

---

<sup>32</sup> A teoria do inconsciente orgânico de Le Bon (1911), que irá influenciar enormemente os trabalhos bonaparteanos sobre o complexo de perfuração, implica que “o inconsciente orgânico [...] rege todos os fenômenos da vida: respiratórios, circulares etc. Estabilizado depois de um tempo pelas acumulações hereditárias, ele funciona com uma admirável regularidade e à nossa revelia.” (Le Bon, 1911, p. 40, tradução nossa).

O autor não foi o único a citar textos bonaparteanos nas suas argumentações, mas podemos afirmar que ele foi o primeiro que historicamente cita o conceito de “complexo de perfuração” na tentativa de desvinculá-lo do biologismo. Nesse sentido, Ribeiro (2017) adverte que “o poder enigmático da mensagem como efeito da passividade da criança perante o excesso de significação decorrente da sexualidade inconsciente do adulto, porém, não necessariamente dependente de elementos gestuais ou comportamentais como, por exemplo, a penetração” (p. 116-117). Do nosso ponto de vista, esse último autor tem razão ao chamar nossa atenção para o fato de que a sexualidade inconsciente do adulto coloniza o corpo da criança não somente pelos gestos concretos típicos dos cuidados maternos, mas inclusive, e tão importante quanto, pela realidade da mensagem (composta de elementos verbais e não verbais) (Laplanche, 1999b) comprometida com o enigma do sexual.

É a passividade originária do infante e a inevitável inoculação traumática do sexual<sup>33</sup> pelo adulto (Laplanche, 2015) que provavelmente faz André (1996) relacionar a sedução originária à penetração do corpo e do psiquismo. Esse entendimento é importante para os nossos propósitos porque assim podemos fazer trabalhar o conceito de “complexo de perfuração” na sedução originária, quer seja enquanto resultado do esforço tradutivo do bebê em decifrar as mensagens do outro, quer seja enquanto resultado de intromissões (Laplanche, 2008a) traduzidas por vias facilitadas da cultura como algo penetrante e ameaçador. Sendo assim, podemos aceitar que o medo diretamente relacionado à penetração dos limites corporais não é o resultado das reações celulares primitivas, como acreditava Bonaparte (1936/1952b), mas resultado de uma tradução específica do ataque sexual ao eu, ataque esse sempre presente na situação originária.

Em um dos seus estudos mais recentes, Ribeiro (2017) aponta que é

fundamental admitir que a existência de orifícios penetráveis no corpo, e a possibilidade de que sejam penetrados, estabelecem uma das formas por meio das quais a alteridade pode ser representada e, conseqüentemente, também definem uma das principais vias de representação do ataque pulsional. (p. 117-118).

O autor ainda argumenta que a genitália externa feminina pode ser vista em sua positividade orifical e não em sua negatividade castrativa, “então, a diferença anatômica dos sexos pode encontrar seu lugar no inconsciente, que não comporta nenhum tipo de

---

<sup>33</sup> “O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da Psicanálise. [...] é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo.” (Laplanche, 2015, p. 155).

negação” (Ribeiro, 2016, p. 110). De acordo com o autor, portanto, haveria no inconsciente algum registro positivo do orifício, e, dessa forma, a primazia fálica é colocada em questão. Assim, como os orifícios corporais estão presentes em todos os seres humanos, é “possível propor, em lugar de ‘feminilidade orifical’, uma sexualidade orifical” (Ribeiro, 2016, p. 110).

Desse modo, ao estabelecermos esse entendimento da sexualidade orifical, podemos fazer uma nova interpretação do texto bonaparteano ao analisarmos o medo da penetração como inerente não somente às mulheres, mas a todos os seres humanos, pois a situação antropológica fundamental está inteiramente acomodada na passividade radical do infante perante o caráter involuntário e invasivo do inconsciente (sexual) do adulto (Laplanche, 2015).

Dito isso, podemos não só pensar nos efeitos psíquicos e pulsionais da oposição interno-externo inerente à delimitação e fronteiras do eu com o recalçamento primário, mas, sobretudo, a tradução da penetração vem com o recalçamento secundário. Aliás, o código da penetração, por sua vez inclui-se na série dos cenários ditos originários, quer sejam esses a cena originária, a castração ou o Édipo, e que “se valem, como cenários criados pelo eu sob a pressão da pulsão e do desejo” (Laplanche, 1999b, p. 10, tradução nossa). Ou seja, a tradução da passividade originária se dá, com muita frequência, em termos de penetração, de intrusão, de rompimento de barreiras, de “arrombamentos de orifícios” (Ribeiro, 2016, p. 111), pois há uma via facilitadora da cultura que oferece códigos tradutivos que alimentam as fantasias sadomasoquistas cujo funcionamento convoca, muitas vezes, o penetrar / ser penetrado.

Assim, cabe destacar a “realidade da sedução” (Laplanche, 1999b, p. 10) enquanto prioritária a esses outros cenários ditos originários. Dessa maneira, ninguém escapa da referência à penetração, a penetrabilidade do corpo, principalmente dos orifícios corporais, seja a boca, as narinas, os ouvidos, os olhos, a uretra, o ânus, a vagina, a pele (Anzieu, 1968; 1974) nos cuidados prestados pelo adulto na situação antropológica fundamental.

Segundo Ribeiro (2016) que “a feminilidade seja, desde épocas imemoriais, associada à posição penetrada, pode significar apenas a existência de um vício de tradução” (p. 111), que, por sua vez, em algum momento da história, passou a servir como instrumento de poder e de dominação dos homens sobre as mulheres, no chamado regime patriarcal. De acordo com Laplanche (1988), “a ferida é colocada, claro, como idêntica ao estatuto feminino e como resultado de um ato de agressão, mas também como a

abertura, pelo menos virtual, do corpo: não unicamente como amputação, mas como buraco” (p. 269). Dessa maneira, é promissor pensar o complexo de perfuração via sexualidade orificial na medida em que, na situação antropológica fundamental, o bebê suscita, no adulto, fantasias pré-consciente/conscientes de arrombamento dos orifícios do corpo desse bebê, que são, pela censura moral e outros mecanismos repressores, contidas, e, por sua vez, implanta na criança o desejo, mais tarde metabolizado e traduzido como desejo de ser penetrado e de penetrar.

Podemos encontrar alguma alusão ao orificial nos textos bonaparteanos nos seguintes termos: “um tipo de engrama erótica convexa, pré-formadora da função erótica aparece na mulher, e se fixará dessa forma, em oposição ao engrama erótica côncava, que deverá ser aquela própria da mulher no coito” (Bonaparte, 1935/1952a, p. 32-33, tradução nossa). O termo escolhido pela autora, “engrama”, merece ser destacado: é uma marca duradoura. Por um lado, acreditamos, a partir da teoria laplancheana, que tal marca é proveniente do outro e não do próprio corpo, como a autora pressupõe. Essas marcas são provenientes das fantasias do outro que cuida do bebê.

Freud (1918[1917]/1980c), remetendo às pesquisas antropológicas sobre o ato da defloração em tribos australianas, refere-se a um ritual em que o hímen é perfurado, “o ato se realiza em duas partes, perfuração e relação sexual”, ocasionando a “ruptura do hímen sem relação sexual e a relação sexual com finalidade de efetuar a ruptura” (p. 181). O autor alerta sobre a questão de que “a importância psicológica do ato da defloração é completamente deslocado em favor de suas consequências anatômicas” (Freud, 1918[1917] /1980c, p. 181). Costumeiramente, o ato da defloração geralmente sangra, e o sangue em nossa cultura está associado à ideia de perigo. Assim, podemos pensar que também o sangramento da menstruação pode de alguma maneira ser traduzido ou associado a outros incômodos como a dor e o perigo, alimentando desse modo ideias e fantasias sádicas. Freud (1918[1917] /1980c) afirma: “a primeira ocasião da relação sexual é, certamente, um ato perigoso, sobretudo, se implicar fluxo de sangue” (p. 183), conseqüentemente produzindo na menina o medo dos primeiros acontecimentos relacionados à perfuração do hímen e subsequente defloração. Laplanche (1992) sinaliza que esse é um dos melhores textos freudianos quando o assunto é o papel do outro (o adulto) na constituição psíquica. Então,

a criança, mesmo possuindo certas montagens e aptidões adaptativas que começamos a conhecer bem, continua fundamentalmente destinada à *Hilflosigkeit*; ela precisa necessariamente ser substituída por alguém, tanto para a satisfação de suas necessidades quanto para a prevenção dos perigos. (Laplanche, 1992, p. 108).

Diríamos que a *Hilflosigkeit* (desamparo) do bebê não se limita à incapacidade de se ajudar na procura de meios para manter sua subsistência, como na procura de alimentos, mas também na incapacidade de evitar perigos. Portanto, a instauração do eu é pré-condição para esse discernimento. A propósito da angústia infantil, de acordo com o autor, o medo (*Angst*) é tanto uma reação a um perigo real como uma reação ao ataque pulsional interno inoculado na criança pelo inconsciente (sexual) do adulto, que, no texto freudiano (Freud, 1918[1917]/1980c), explica o desejo de castração pela mulher e pela mãe como sendo a base do tabu da virgindade. Freud (1918[1917] /1980c) oferece pistas de que o defloramento anatômico implica em uma injúria narcísica, em um tipo de diminuição de valor. Em outros termos, o complexo de perfuração é capaz de precipitar um tipo de impotência psíquica que reabre as cenas da passividade originária. Percebemos a relação do complexo de perfuração com o narcisismo na medida em que há uma derivação ou projeção da efração do corpo para a efração egoica, ou, ainda, da defloração para a ameaça de dilaceramento do eu. Veremos com mais detalhes nas seções seguintes a concepção tradutiva deste complexo e, em seguida, sua relação com o masoquismo.

### **Fantasia de penetração e medo da perfuração: uma concepção tradutiva.**

Nessa seção, atentamos sobre a concepção sádica do coito (Freud, 1926[1925]/1996a; 1907/1974c; 1905/1974d) já mencionada anteriormente, para frisar sua importância no campo das fantasias, como uma resposta tradutiva ao ataque pulsional inoculado pela alteridade na situação antropológica fundamental. Para Bonaparte (1935/1952a), a concepção sádica do coito está na base da característica predominante do complexo de perfuração, ou seja, o medo da agressão perfurante. Segundo a autora, a cena originária equivale a uma cena de sedução (Lanouzière, 1991), ocasião em que a criança começa a teorizar sobre o enigma da origem dos bebês, sobre a vinda de um irmãozinho ou mesmo sobre os assuntos próprios do mundo adulto. Nossos esforços se dão no sentido de fazer enxergar a sedução não como sedução restrita, como pensa Bonaparte (1935/1952a), mas enquanto sedução generalizada (Laplanche, 1992). Podemos, então, discutir que as formas do medo, no complexo de perfuração, vão depender da tradução que cada sujeito faz do enigma. Então, com base no que temos trabalhando até aqui, o medo terrificante da efração do corpo pode ser compreendido como uma tradução frente à situação de passividade originária.

Freud (1926[1925] /1996a), referindo-se a um caso clínico de Hans, afirma que “a ideia de ser devorado pelo pai dá expressão, em uma forma que sofreu degradação regressiva, a um terno impulso passivo de ser amado por ele num sentido genital” (p. 127). Isso significa que, no inconsciente, temos um conflito: existe, por um lado, o desejo edípico de ser penetrado pelo pai relacionado ao caráter sádico-anal e à identificação narcísica com a mãe, e, por outro lado, a defesa quanto à ameaça de efração. Desse modo, o medo em jogo no complexo de perfuração pode ser interpretado como sendo o medo de efração, mas também como um desejo de efração, dando origem a traduções possíveis para a fantasia de arrombamento mortífero, tal como postulam Ribeiro (2016) e André (1996).

Na metabolização tradutiva da cena originária as crianças usualmente buscam “a solução do mistério em alguma atividade comum ligada à função de micção ou defecação” (Freud, 1926[1925]/1996a, p. 202), atividades tidas como orificiais, além, é claro, daquelas “fantasias infantis de negar as relações sexuais dos pais e de transformar a mãe em uma virgem ileasa” (Freud, 1926[1925]/1996a, p. 192).

A sexualidade orificial (Ribeiro, 2016), não podemos nos esquecer, no percurso do desenvolvimento psicosexual implica nas atividades masturbatórias aliadas às fantasias que lhe sucedem, e, por exemplo, na organização sádico-anal “é comum a introdução do dedo no ânus, na busca pela obtenção de prazer sexual. Ou seja, a pulsão se apoia (*étayage / Anlehnung*) numa função de autoconservação que passa para o plano da sexualidade.” (Laplanche, 1985, p. 25).

Na fase erótica anal, encontramos uma predominância sádica da pulsão, em que o orifício anal é estimulado, machucado pela atividade masturbatória de retenção e soltura, fenômeno de satisfação passível em outros orifícios corporais também. É na situação antropológica fundamental que as primeiras sensações nos orifícios foram sentidas, seja pelo dedo do adulto, seja pelos lábios do adulto, ou mesmo pelo mais singelo toque. Ribeiro (2016) chama a atenção para o fato de que

enquanto o psiquismo se constitui a partir da ação do outro sobre um corpo inicialmente fragmentado e indefeso, o sexual sempre será dominado por fantasias de penetração (tanto na forma ativa quanto passiva), por pulsões que compelem à penetração e por mecanismos que buscarão conter essas pulsões. (p. 110).

É nessa medida que os orifícios seduzem, que eles são, nas palavras de Freud (1910/1974a), antes de mais nada, encantadores. O adulto encontra-se em face do

“encanto do orifício” (Freud, 1910/1974a, p. 115), despertando nele fantasias de arrombamento. Por outro lado, a criança também é seduzida pelos orifícios do outro, por exemplo, pelo orifício do mamilo por onde sai o leite morno, pelo sorriso que traz os lábios quentes e o beijo terno. Sobremaneira, esse mesmo sorriso, que nos acaricia, pode, ao mesmo tempo, ferir-nos, paralisando-nos de medo. Assim, cabe o alerta de Tarelho (2017), de que o outro é como o sol, pois pode nos queimar na violência das suas carícias.

Dessa maneira, o medo de perfuração é um destes possíveis mecanismos que buscam conter o pulsional transbordante interno que veio do outro na situação antropológica fundamental e inoculou-nos com seu enigma (Laplanche, 2015). Perfuração no sentido da penetração da mensagem percebida como ameaçadora, justamente pelo caráter involuntariamente invasivo do sexual desse adulto (Tarelho, 2017).

A primeira consequência de nossa pesquisa é reiterar que a sedução originária é perfurante e ameaçadora para todas as pessoas, na medida em que “a efração da sedução adulta no corpo da criança é universal, os orifícios são para ambos os sexos uma zona de trânsito libidinal” (Silva, 2012, p. 108). O complexo de perfuração é decisivo para ambos os sexos, pois ninguém escapa da sedução originária, dos efeitos traumáticos das mensagens endereçadas do outro. A segunda consequência é propor uma radical ruptura com o vetor centrífugo de explicação desse fenômeno psíquico, redirecionando o vetor para o sentido centrípeto, ou seja, as mensagens ameaçadoras vindas do outro e estando relacionadas às fantasias de arrombamento dos orifícios (Ribeiro, 2016). Contudo, como dito anteriormente, isso gera não apenas o medo, mas também “o desejo inconsciente de penetração” (Laplanche, 1999b, p. 18, tradução nossa), ou seja, de ser arrombado pelo outro.

Nessa seção, realizamos a inversão do vetor explicativo do complexo de perfuração, em que, em vez de sairmos da célula, partimos da mensagem do outro.

### **Perfuração, masoquismo e teoria da sedução generalizada.**

O complexo de perfuração concerne, de fato, ao tema do sadomasoquismo (Bonaparte, 1945/1973). Iremos aqui privilegiar os trabalhos de Laplanche (2008b; 2008c) em torno do masoquismo reflexivo e do modelo tradutivo do inconsciente (Laplanche, 2015; Tarelho, 2017), para analisarmos o medo da perfuração como uma tradução do ataque do pulsional (sexual) inoculado em nós pelo outro, e traduzido muitas vezes como fantasias de espancamento (Freud, 1919/1980b; 1924/1980a) e/ou fantasias

quase delirantes de que o pênis irá, de fato, penetrar no corpo, causando a morte (Bonaparte, 1948/1952c).

Situamos, assim, o complexo de perfuração na justa medida de uma posição reflexiva entre duas metas: a de penetrar ou a de ser penetrado (Ribeiro, 2017). Quando levamos essa discussão para a problemática sadomasoquista, o penetrar implica no sadismo e o ser penetrado no masoquismo. Tendo em vista o par atividade/passividade, a agressão originária vem do outro para só depois se tornar autoagressão. Primeiro, o sujeito é agredido e pode ter prazer nessa posição, e só depois metaboliza essa agressão, e, então, ela torna-se autoagressão.

Desejar/temer ser agredido, ser perfurado ou ser passivo: tudo isso traduz a realidade sexual da mensagem da situação originária. Tais desejos/temores não são provenientes da biologia celular, como afirmam os postulados bonaparteanos. O que interessa é a dimensão tradutiva que envolve o complexo de perfuração enquanto defesa de uma mensagem (vinda do exterior) que ameaça a integridade do eu. Um domínio de realidade psíquica no limite ou na passagem entre os domínios da autoconservação e da sexualidade, em que o medo se apoia na ferida biológica (sangue, corte, fissura, orifício) para produzir o medo/desejo psicológico da perfuração.

É preciso compreender que “o verdadeiro sentido da noção de apoio vem do fato sedutivo” (Tarelho, 2017, p. 27). Ou seja, “da agressividade em autoagressão que está ligada a aparição do componente sexual, pelo apoio” (Laplanche, 2008d, p. 44, tradução nossa). O masoquismo pode ser considerado como o momento de nascimento da sexualidade humana, o estabelecimento de um circuito pulsional no próprio sujeito de tal forma a fazer circular a sexualidade do outro em si mesmo de forma controlada. Ali onde a sexualidade do outro compareceu como penetrante há, pela via do masoquismo, um tipo de apropriação que constitui o sujeito como penetrado. Tal apropriação não é consciente, mas resultado de um processo de tradução, de elaboração, daquilo que acontece ao sujeito, à sua revelia. Entendemos que essa tradução da passividade originária em termos de penetração/perfuração dá-se também graças aos códigos tradutivos e narrativas subjetivantes presentes na cultura que situam nossos corpos dentro do binarismo de gênero altamente articulado com corpos penetrados/penetrantes.

A tradução entre agressão e penetração já está presente no texto freudiano “Uma criança é espancada” (Freud, 1919/1980b), no qual ele analisa a fantasia inconsciente masoquista: “meu pai me espanca”. Trata-se do segundo momento de uma sequência bem precisa, que se inicia assim com “meu pai espanca um irmão” (ou uma irmã), sendo o



terceiro momento “espanca-se uma criança” (fantasia consciente). Laplanche (2015) desenvolve o momento primeiro, denotando-o com um valor de mensagem, pois o pai espanca o irmão ou a irmã na frente do sujeito que o/a detesta. Ocorre uma conclusão tradutiva, já apontada por Freud (1919/1980b), em que o sujeito acredita que se o pai bate, diante dele, nesse irmão que tanto detesta, é porque o pai apenas o ama. No entanto, “por que isso não funciona, por que o fracasso? Porque debaixo disso há algo que se expressa na conhecida frase: ‘Quem ama demais castiga demais’. Amar é punir.” (Laplanche, 2015, p. 128). Ou seja, no inconsciente do adulto, amar significa também, “para o genitor que espanca” (Laplanche, 2015, p. 128), copular (com a mãe) e sodomizar (o sujeito que assiste a cena de espancamento). Essa leitura do texto de Freud proposta por Laplanche só reforça a ideia de que a característica penetrável dos corpos é proveniente das mensagens dos adultos e não da natureza mesma dos corpos.

André (1996) aponta para a necessidade “de desvincular a articulação feminilidade/passividade do discurso desvalorizador em que ela é habitualmente tomada” (p. 108). Então, quando aqui evocamos as relações entre masoquismo e complexo de perfuração, essa necessidade não diminui. O autor também reconhece que no texto “Uma criança é espancada” (Freud, 1919/1980b) é crucial no debate sobre a feminilidade e o masoquismo. Ele chama atenção para o conteúdo dessa fantasia em ser espancado que fica entre por um lado o desejo de ser amordaçado, e por outro lado, o desejo de ser rebaixado (o *coitus a tergo*). Esse último Freud (1919/1980b) relaciona-o a analidade e acontece paralelamente às outras fantasias como o de ser castrado, de parir um filho do pai, dentre outras. Lembremos que os argumentos de Freud (1919/1980b) se baseiam em seis pacientes, dentre os quais quatro são mulheres. Encontramos neste texto freudiano a hipótese de que feminino é igual a ser castrado. Então, “‘ser castrado’ não inaugura simplesmente a série de conteúdos latentes, mas fornece sua decodificação” (André, 1996, p. 110). Essa decodificação é atribuída à teoria sexual infantil que explica a diferença entre os sexos. Em outros termos, são traduções facilitadas pela cultura.

É importante dizer que o fracasso da tradução ocorre na parte mais sexual da mensagem, aquela que faz a equivalência entre “me espanca” e “me ama”. Em termos metapsicológicos, é esse tipo de tradução que produz a clivagem entre um pré-consciente e um inconsciente (o que foi recalçado da mensagem, não traduzido), permanecendo no primeiro uma cicatriz relacionada ao fracasso desta tradução. Cabe destacarmos que o caráter da mensagem comprometida com o sexual do adulto aparece de forma brutal para o eu. Então, é razoável pensarmos que os casos extremos de medo terrificante da

perfuração (Bonaparte, 1936/1952b) remetem a possibilidade “de que uma mensagem seja radicalmente intraduzível. [...] O intraduzível que nos deixa estupefatos, a perturbação pelo horror” (Laplanche, 2015, p. 129).

Acreditamos que o medo da penetração, no movimento do recalçamento secundário, constitui-se nas primeiras traduções das primeiras agressões dolorosas causadas pelo adulto na situação antropológica fundamental. E, sentida como um estranho interno, enigma intrometido em nós pela intervenção sedutora do adulto. Bonaparte (1936/1952b) aponta que o complexo de perfuração se constitui pelo perigo permanente de sucumbir à efração, mas nossa pesquisa possibilita-nos crer que o medo é o de sucumbir ao ataque pulsional (interno), inoculado pela sexualidade inconsciente do adulto.

Precisamos ter claro que “a sexualidade não aparece como pulsão isolada e discernível” (Laplanche, 2008b, p. 42, tradução nossa), mas é pela teoria do apoio que a função vital se distancia de seu objeto natural e daí se perde e aparece no campo da sexualidade, do pulsional. Com isso, tiramos o véu da ideologia metabiológica do complexo de perfuração, compreendendo-o no campo da sedução generalizada, em que “o primado do outro e seu enigma não termina necessariamente quando desaparece a relação concreta adulto-criança” (Laplanche, 1999b, p. 5, tradução nossa). O sexual que continua em nós, nos ataca e nos faz fracassar na tradução, uma tradução que fracassa (parcialmente) diante do ataque interno. Em certo sentido, o medo da penetração é uma resposta ao ataque da fantasia interna, a qual podemos considerar como uma espécie de inimiga do eu. Por conseguinte, o medo da perfuração remete também a situação de desejo de ser dilacerado, rasgado, arrombado, como assinalamos acima.

Enfim, em termos de sexualidade orificial, podemos afirmar que em cada orifício corporal, inclusive os poros da pele (Anzieu, 1968), “a relação autoconsevadora está infestada, invadida e logo completamente duplicada pelas significações sexuais” (Laplanche, 1999b, p. 133, tradução nossa). Em outras palavras, como consequência, o medo da perfuração é efeito da sedução generalizada.

## **Conclusão**

Nosso percurso permitiu revelar que os orifícios como boca, ânus, uretra, vagina são como zonas de intercâmbio, zonas “de circulação, igualmente zonas de cuidados, isto é, os cuidados particulares e especiais” (Laplanche, 1985, p. 31). Deste modo, os orifícios focalizam as fantasias parentais, sobretudo fantasias de perfuração do outro, e,

paradoxalmente, também nos inocula pelo desejo de perfuração. Serão os orifícios “os pontos pelos quais se introduz na criança este corpo estranho interno que é propriamente, a excitação sexual” (Laplanche, 1985, p. 31). É nesse introduzir originário que localizamos a mudança no vetor de explicação do medo paralisante presente no complexo de perfuração. No pensamento bonaparteano, tal medo vem da reação celular, já a nossa concepção localiza esse medo na situação originária.

É no enigma, enquanto centro da vida psíquica, que encontramos a origem das motivações e dos medos mais fundamentais da vida humana. Essa intromissão violenta do sexual pelo outro é traduzido pelo medo irracional da perfuração. Deste modo, reexaminamos o complexo de perfuração como um medo que reabre a situação de passividade originária frente ao outro. O medo da perfuração constitui para o eu uma tradução defensiva contra a estrangeiridade (do sexual) da mensagem endereçada pelo outro.

As situações originárias de sedução podem ser compostas de elementos de instabilidade, de agressão e de desligamento incluídos na mensagem do outro (Laplanche, 1999b). Assim, a verdade do medo da penetração vem do outro, e não da célula. Por fim, terminamos este trabalho com a sensação que a obra bonaparteana esboça muitas possibilidades profícuas de estudos e pesquisas atuais em psicanálise, nossos esforços foram no sentido de fazer trabalhar a ideia original da autora, a partir de outros pressupostos teóricos. O alargamento explicativo do complexo de perfuração a partir da teoria da sedução generalizada possibilitou a mudança do vetor, da célula ao outro.

Concluimos que estudar o que Bonaparte (1936/1952b) chama de “complexo de perfuração” a partir da perspectiva laplancheana, isto é, histórico-libidinal, e não biológica, abre caminho para repensar fenômenos importantes na clínica, em especial aqueles ligados à problemática da penetração não apenas no campo da sexualidade genital, mas em outros aspectos da vida psíquica.

## **Referências bibliográficas**

Abraham, F. Z. (1931). Genitalumwandlung an zwei männlichen Transvestiten. *Sexualwiss*, 18, 223-226.

Amouroux, R. (2012). *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Anzieu, D. (1968). De la mythologie particulière à chaque type de masochisme. *Bulletin de l' Association Psychanalytique de France*, 4, 84-91.

Anzieu, D. (1974). Le moi-peau. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 9, 195-208.

Bonaparte, M. (1951). Des instincts de mort . In: \_\_\_\_\_. *Introduction a la théorie des instincts*. (pp. 65-85). Paris: Presses Universitaires de France.

Bonaparte, M. (1952a). Passivité, masochisme et féminité. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie* (pp. 26-33). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1935).

Bonaparte, M. (1952b). Vues paléobiologiques et biopsychiques. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie* (pp. 34-41). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1936).

Bonaparte, M. (1952c). De l'angoisse devant la sexualité. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie* (pp. 20-25) Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1948).

Bonaparte, M. (1952d). Psyché dans la nature ou des limites de la psychogenèse. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1950).

Bonaparte, M. (1952e). Notes sur la découverte analytique d'une scène primitive. In *Psychanalyse et Biologie* (pp. 146-152). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1945).

Bonaparte, M. (1967). *Sexualité de la femme*. 10/18. Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1949).

Bonaparte, M. (1973). Some biopsychical aspects of sado-masochism. In H. M. Ruitenbeek (Ed.), *The first freudians* (pp.164-193). New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1945).

Cardoso, M. R. (2017). Repensando o trauma e o intraduzível com Jean Laplanche. In: P. de C. Ribeiro (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 82-104). São Paulo: Zagodoni.

Freud, S. (1976). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 259-282). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).

Freud, S. (1980a). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 199-216). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1980b). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de*

*Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 223-253). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1980c). O tabu da virgindade: contribuições à psicologia do amor III.. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 179-192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1917]).

Freud, S. (1980d). O inconsciente. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 191-239). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (1974a). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 69-141). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1974b). Sobre as teorias sexuais infantis. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 213-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1974c). O esclarecimento sexual das crianças. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 137-147). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (1974d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 129-238). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996a). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 107-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).

Freud, S. (1996b). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 303-320). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996c). A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 217-228). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996d). A organização genital infantil: uma interpretação na teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 179-188). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).

Lanouzière, J. (1991). Marie Bonaparte. In *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud* (pp. 123-153). Paris: Presses Universitaires de France.

- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. (C. P. B. Mourão e C. F. Santiago, trads.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1970)
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração, simbolizações*. (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner e E. Brandão, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1999a). *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Le plessis-Robinson, Institut Synthélabo.
- Laplanche, J. (1999b). Séduction, persécution, révélation. In *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 07-56). Paris: Quadrige / Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques VII: Le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud, suivi de Biologisme et biologie*. Paris, França: PUF.
- Laplanche, J. (2008a). Implantation, intromission. In *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)* (pp. 355-358). Paris: Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2008b). La position originaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle. In *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*. (pp. 37-58). Paris: Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2008c). Masochisme et théorie de la séduction généralisée. In *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)* (pp. 439-456). Paris: Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2008d). Ponctuation: La pulsion et son objet-source: son destin dans le transfert. In *La révolution copernicienne inachevée. (Travaux 1967-1992)* (pp. 227-242). Paris : Quadrige/PUF.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. (V. Dresch e M. Marques, trads.). Porto Alegre: Dublinense.
- Le Bon, G. (1875). *Physiologie de la génération de l'homme et des principaux êtres vivants*. Paris: Alfred Duquesne Éditeur.
- Le Bon, G. (1911). *Les opinions et les croyances*. Paris: Flammarion.
- Lebovici, S. (1983). À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, 47 (4), 1081-1093. Recuperado de <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.
- Marañón, G. (1931). *L'évolution de la sexualité et les états intersexuels*. Paris: Gallimard.
- Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2017). Os 201 clitóris de Marie Bonaparte. *Reverso*, 74 (39), 61-67.

Ribeiro, P. de C. (2017). Gênero, sexo e enigma no sexual de Jean Laplanche. In P. de C. Ribeiro (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 105-124). São Paulo: Zagodoni.

Ribeiro, P. de C. (2016). O sexual, o fálico e o orificial a partir da teoria da sedução generalizada. *Percurso*, 56/57, 105-112.

Silva, M. K. (2012). *A feminilidade originária nas psicoses*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Tarelho, L. C. (2016). A tópica da clivagem e o supereu. *Percurso*, 56/57, 133-142.

Tarelho, L. C. (2017). O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana. In P. de C. Ribeiro (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 15-49). São Paulo: Zagodoni.

(Complejo de perforación: una interpretación a partir de la teoría de la seducción generalizada)

**Resumen:** Abordamos el complejo de perforación vía teoría de la seducción generalizada, enfocando en la llamada sexualidad orificial y en las fantasías parentales, sobre todo, de arramamientos de los orificios, que acaban inoculando en el niño el miedo de perforación. Consideramos que el temor de la perforación remite a la realidad del mensaje (venida del adulto) y que incita al niño a traducir el cuerpo extraño interno que es propiamente entrometido en ella, a saber, la excitación del sexual. Y es en esa penetración originaria (del mensaje del otro) que localizamos el cambio en el vector de explicación del miedo paralizante presente en el complejo de perforación, que en el pensamiento bonaparteano sale de la reacción proto celular.

**Palabras clave:** Mensaje; perforación; seducción; traducción.

(Complexe de perforation: une interprétation de la théorie de la séduction généralisée.)

**Résumé:** Nous abordons le complexe de perforation à travers la théorie de la séduction généralisée, en nous concentrant sur la sexualité dite orificielle et sur les fantasmes parentaux, en particulier les effractions des orifices, qui finissent par inoculer à l'enfant la peur de la perforation. Nous pensons que la peur de la perforation fait référence à la réalité du message (émanant de l'adulte) et incite l'enfant à traduire le corps étranger interne que est proprement intromis en elle, à savoir l'excitation sexuelle. Et c'est dans cette pénétration originale (du message de l'autre) que nous localisons le changement

dans le vecteur d'explication de la peur paralysante présente dans le complexe de perforation qui, dans la pensée bonapartéenne, est provenue de la réaction protocellulaire.

**Mots-clés:** Message; perforation; seduction; traduction.

(Piercing complex: an interpretation from the theory of generalized seduction.)

**Abstract:** We approach the piercing complex through the generalized seduction theory, focusing on the so-called orificial sexuality and on the parental fantasies, above all, of piercing of the orifices, which end up inoculating in the child the fear of perforation. We believe that the fear of piercing refers to the reality of the message (coming from the adult) and that urges the child to translate the internal foreign body that is properly meddling in her, namely, the sexual excitation. And it is in this original penetration (of the message of the other) that we locate the change in the vector of explanation of the paralyzing fear present in the piercing complex, which in the Bonapartean thought comes from the protocellular reaction.

**Keywords:** Message; piercing; seduction; translation.

(Perforationskomplex: Eine Interpretation aus der allgemeinen Verführungstheorie.)

**Zusammenfassung:** In dieser Arbeit geht es um eine Analyse des Perforationskomplexes anhand der allgemeinen Verführungstheorie. Dabei werden die auf die Körperöffnungen bezogene Sexualität und die Urphantasien fokussiert, vor allem in Hinsicht auf die Einbrüche von Öffnungen, die dazu führen, dass das Kind die Perforationsangst verinnerlicht. Da wird diese Perforationsangst als ein Verweis auf die Realität der Botschaft – aus dem Erwachsenen her – betrachtet, was das Kind dazu antreibt, den internalisierten Fremdkörper, der ihm eigentlich zudringlich ist, zu übersetzen, und zwar als Erregung des Sexuellen. In jenem ursprünglichen Eindringen – der Botschaft des Anderen – befindet sich eine Wende in dem Erklärungsmuster der in dem Perforationskomplex bestehenden lähmenden Angst, welche bei Marie Bonapartes Denken von der protoplasmatischen Reaktion hervorgerufen wird.

**Schlüsselwörter:** Botschaft; Perforation; Verführung; Übersetzung.



## CONCLUSÃO

Ao concluir esse trabalho de pesquisa reconhecemos o esforço hercúleo que tivemos ao longo destes anos, primeiro, para encontrar os livros e artigos selecionados em meio ao vasto escopo na obra bonaparteana, segundo, interpretá-la com o método laplancheano. Essas tarefas que só foram possíveis, por um lado, graças à generosidade do orientador Prof. Dr. Fábio R. R. Belo que muitas vezes cedeu seu CPF e cartão de crédito na aquisição das referidas obras, e por outro lado, graças ao empenho da pesquisadora que apaixonada pelas ideias de Bonaparte e pela revolução copernicana em psicanálise não mediu esforços no andamento da pesquisa.

No percurso aqui realizado propusemos uma leitura crítica e interpretativa dos conceitos de falo passivo (Bonaparte, 1967/1949), do caso Lefebvre (Bonaparte, 1952f/1927) e o complexo de perfuração (Bonaparte, 1952c). E sob o auspício do método laplancheano em 'interpretar [com] Freud' (Laplanche, 1988b), ou seja, no enalço da revolução copernicana em psicanálise e também da teoria da sedução generalizada (Laplanche, 1992). A dificuldade de uma tal empresa nos fez emocionar inúmeras vezes. Por esta confissão, o leitor poderá avaliar nosso trabalho, exposto nos três artigos que compõem essa Tese e, então, avaliar se, de fato, nossa empreitada nos faz avançar em psicanálise.

Acreditamos que com essa Tese acerca da sexualidade feminina e da psicose na obra bonaparteana contribuímos nos seguintes aspectos e que também pode ser resumido da seguinte forma: trouxemos postulados psicanalíticos como falo passivo e complexo de perfuração, até então esquecidos da maioria dos psicanalistas, para o campo da psicanálise contemporânea; demonstramos basicamente que o falo passivo não diz respeito somente ao órgão anatômico pênis ou clitóris; que o medo no complexo de perfuração não provém de maneira direta da reação protocelular; que a psicose, pensando o caso Lefebvre, pode ser vista no seu ganho de realidade pelo que foi inoculado em Lefebvre pelo outro via sedução originária, cujos restos não traduzidos permaneceram encravados e ativos no seu psiquismo; contribuímos para a divulgação da obra bonaparteana em meio ao leitor brasileiro seja especializado ou leigo.

Indicamos os seguintes limites metodológicos e científicos desse estudo: não trouxemos uma investigação concernente ao campo clínico e cultural quanto a exaustiva pesquisa sobre a clitoridectomia de mulheres muçulmanas (Bonaparte, 1952d) e sua relação com a passividade fálica; não mapeamos o *status* do clitóris na obra bonaparteana

e a relação entre cirurgia e psicanálise, mesmo que oportunamente já termos levantado essa questão (Ribeiro & Belo, 2017a); não nos foi possível relacionar o complexo de perfuração com síndromes ligadas à cultura como o Koro da Malásia (Sadock & Sadock, 2008), que refere-se a um episódio de ansiedade súbita e intensa de medo de que o pênis irá penetrar no corpo causando-lhe a morte; não exploramos de maneira profunda a influência que o pensamento bonaparteano teve no pensamento freudiano.

Algumas das principais dificuldades na execução da Tese foram: Primeiro, pensar o biologismo de Bonaparte em termos de um mero desvio biologizante (Revolução Copernicana). Para a autora a biologia é o tronco e a psicologia e a psicanálise são os ramos. Sua biologização incessante a leva à criação de termos anfíbio entre psicanálise e biologia (ex. engrama côncava cloacal). Bonaparte propõe uma paleo-psicanálise numa síntese integral entre biologia e psicanálise. Segundo, dificuldade em discernir os termos instinto e pulsão na obra bonaparteana. Não podemos nos esquecer que Bonaparte traduziu inúmeros textos de Freud do alemão para o francês. De acordo com Bonaparte *Instinctus* vem de *instiguere* (excitar, empurrão), seu sentido original latino é impulsão. “Eu prefiro reservar a concepção psicanalítico de pulsão às diversas pulsões parciais (zonas erógenas das diversas partes do corpo), e designo o termo instinto ao conjunto dos dois grandes grupos de forças (instinto de vida e instinto de morte)” (Bonaparte, 1951, p. 65). No vocabulário bonaparteano temos: impulsões, pulsões sexuais, pulsões instintivas (assinala o somático, quantitativo e qualitativo), instinto sexual. Terceiro, na obra bonaparteana ocorre à mistura das noções de inconsciente de Le Bon (1875; 1911) e o inconsciente de Freud (1915), ambas as noções são epistemologicamente muito diferentes. Quarto, fazer uma restauração do pensamento bonaparteano em meio a uma aplicação do método laplancheano (Ler com Freud), o que implica em destacar os avanços (copernicanos) e os recuos (ptolomaicos). O que exigiu enorme esforço metodológico de leitura dos textos bonaparteanos. Quinto, encontrar especialistas sérios e que realmente leram a obra de Bonaparte. A maioria dos trabalhos se preocupam mais com a vida pessoal da princesa do que com a sua obra intelectual. Sexto, o ostracismo e o esquecimento do pensamento de Marie Bonaparte na psicanálise contemporânea. Sétimo, a vastidão da obra Bonaparteana, a qual podemos dividir em produções literárias (entre autobiografia, diários, romances e novelas), estudos sociológicos e os escritos psicanalíticos. Oitavo, o estilo de Bonaparte, misturar elementos da análise pessoal ou da vida pessoal com teoria psicanalítica, uma característica marcante e uma passagem feita

com muita precisão e técnica. Uns críticos amam e outros odeiam esse estilo. Exemplo de obra nesse estilo: *L'Identification d'une fille à sa mère morte*. (1928).

Por fim, damos as seguintes sugestões para as próximas pesquisas que tomem a obra bonaparteana como tema: considerarem a natureza do trabalho analítico abordado por Marie Bonaparte nos seus estudos sobre a clitoridectomia e a frigidez, relacionando-os com as pesquisas atuais no campo das disfunções sexuais e do orgasmo feminino; considerem o falo passivo nas atuais discussões para se compreender as múltiplas expressões de gênero e sexualidade, inclusive as vivências da sexualidade nas transexualidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS:

Abraham, F. Z. (1931). Genitalumwandlung an zwei männlichen Transvestiten. *Sexualwiss*, 18, 223-226.

Assoun, P-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.

Alizade, A. M., & Schust-Briat, G. (1999). Maria Bonaparte, a princesa psicanalista. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, 6(2), 189-203. (Trabalho original publicado em 1990).

André, J. (2016). Laplanche-e-Pontalis. *Percurso*, 56/57, 153-160.

André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Amouroux, R. (2012). *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Amouroux, R. (2010). Marie Bonaparte, her first two patients and the literary world. *The International Journal of Psychoanalysis*, 91, 879-894. Recuperado em 31 de outubro de 2014 da Base de Dados [www.pur-editions.fr/.../1353596779\\_doc.pdf](http://www.pur-editions.fr/.../1353596779_doc.pdf).

Appignanesi, L; Forrester, J. (2011a). Marie Bonaparte e a corte francesa de Freud. In L. Appignanesi; J. Forrester, *As mulheres de Freud*. (N. V. de Castro e S. M. de S. Silva, Trads., pp. 485-513). Rio de Janeiro: Record.

Appignanesi, L. & Forrester, J. (2011b). A feminilidade em Freud: investigações teóricas. In L. Appignanesi; J. Forrester, *As mulheres de Freud*. (N. V. de C. e S. M. de S. Silva, Trads., pp. 573-618). Rio de Janeiro: Record.

Appignanesi, L. & Forrester, J. (2011c). O debate sobre a mulher. In L. Appignanesi; J. Forrester, *As mulheres de Freud*. (N. V. de C. e S. M. de S. Silva, Trads., pp. 619-652). Rio de Janeiro: Record.

Bertin, C. (1989). *A última Bonaparte*. (R. Meneguello, trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1982).

Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. (K. Behr, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Bonaparte, M. (1952a). Les deux frigidités de la femme. In M. Bonaparte, *Psychanalyse et Biologie* (pp. 12-19). Paris: Presses Universitaires de France.

Bonaparte, M. (1952b). Passivité, masochisme et féminité. In M. Bonaparte, *Psychanalyse et Biologie* (pp. 26-33). Paris: Presses Universitaires de France.

- Bonaparte, M. (1952c). Vues paléobiologiques et biopsychiques . In M. Bonaparte, *Psychanalyse et Biologie* (pp. 34-41). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952d). Notes sur l'excision.. In M. Bonaparte, *Psychanalyse et Biologie* (pp. 107-123). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952e). De l'angoisse devant la sexualité. In M. Bonaparte, *Psychanalyse et Biologie* (pp.20-25) Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952f). Psyché dans la nature ou des limites de la psychogenèse. In: M. Bonaparte. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1952g). Le cas de Madame Lefebvre. In M., Bonaparte, *Psychanalyse et Anthropologie*, pp. 05-45 Paris: Presses Universitaires de France. (Obra original publicada em 1927).
- Bonaparte, M. (1952h). Notes sur la découverte analytique d'une scène primitive. In: M. Bonaparte. *Psychanalyse et Biologie* (pp. 146-152). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1951a). De la sexualité féminine. In M, Bonaparte, *Introduction a la théorie des instincts*. (pp. 101-110.) Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1951b). Des instincts de mort. In M. Bonaparte, *Introduction a la théorie des instincts* (pp. 65-85). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bonaparte, M. (1967). *Sexualité de la femme*.10/18. Paris: Presses Universitaires de France. (Obra original publicada em 1949).
- Bonaparte, M. (1973). Some biopsychical aspects of sado-masochism. In H. M. Ruitenbeek (Ed.), *The first freudians* (pp.164-193). New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1945).
- Bonaparte, M. (1924) (sob o pseudônimo de Narjani). Considérations sur les causes anatomiques de la frigidity chez la femme, *Bruxelles-Médical*, 42, 768-778.
- Bourgeron, J-P. (1997). *Marie Bonaparte*. Paris: Presses Uniersitaires de France.
- Bourgeron, J-P. (1993). *Marie Bonaparte et la psychanalyse*. Paris : Genève Champion Slatkine.
- Rousseau, F-O. (2006). *Freud e a princesa Bonaparte: um romance sobre o famoso caso do pai da psicanálise e da fuga que o salvou da ocupação nazista*. (Maria Inês Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: feminism and subversion of identity*. New York: Routledge.

- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge.
- Butler, J. (1997). *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge.
- Capgras, J. & Sérieux, P. (1909). *Les folies raisonnantes, le délire d'interprétation*, Paris: Alcan.
- Cardoso, M. R. (2017). Repensando o trauma e o intraduzível com Jean Laplanche. In: P. de C. Ribeiro (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 82-104). São Paulo: Zagodoni.
- Carvalho, M. T. de M. (2003). As fronteiras do eu na psicose - O trabalho pioneiro de Paul Federn. *Psicologia em Revista*. 9 (13), 43-58.
- Carvalho, M. T. de M. (1996). *Paul Federn: Une autre voie pour la théorie du moi*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Cavalcanti, R., Cavalcanti, M. (2012). *Tratamento clínico das inadequações sexuais*. São Paulo: Roca.
- Checchia, M.; Torres, R.; Hoffmann, W. (Orgs.) (2015). Reunião de 3 de junho de 1908: o sadismo na vida e na neurose (Adler). In M. Checchia; R. Torres; W. Hoffmann, *Os primeiros psicanalistas: atas da sociedade psicanalítica de Viena (1906-1908)*. Vol. 1. (M. M. M., Silva e S. M. de S. Silva, Trads., pp. 578-583). São Paulo: ed. Lab / HEDRA.
- Costa, J. F. (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.
- Eco, U. (1999). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M. (1999). Lacan, o libertador da psicanálise. In Foucault, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (Vera Lúcia A. Ribeiro, Trad.) (pp. 298-299). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1984). "As ciências humanas". *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. (pp. 361- 404). São Paulo: Martins Fontes.
- França, C. P. (2013). *Disfunções sexuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Coleção clínica psicanalítica). (Trabalho original publicado em 2005).
- Freud, S. (1976a). Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 168-224). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]).
- Freud, S. (1976b). Sexualidade feminina. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 259-282). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).

Freud, S. (1976c). Feminilidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

Freud, S. (1996a). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 107-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).

Freud, S. (1996b). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 303-320). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996c). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 217-228). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996d). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 229-238). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1980g). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 199-216). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996e). Neurose e psicose. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 189-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924 [1923]).

Freud, S. (1996f). A organização genital infantil: uma interpretação na teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 179-188). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (1996g). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 23-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1980a). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 223-253). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1980b). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 17, pp. 157-166). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (1980c). O tabu da virgindade: contribuições à psicologia do amor III.. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 11, pp. 179-192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1917]).

Freud, S. (1980d). O inconsciente. In S. Freud *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 14, pp. 191-239). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (1980e). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 14, pp. 297-307). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1980f). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 14, pp. 89-120). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)

Freud, S. (1974a). Parte III: sobre o mecanismo da paranóia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 12, pp. 81-104). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1974b). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 12, pp. 23-104). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1974c). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 11, pp. 69-141). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1974d). Caráter e erotismo anal. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 9, pp. 175-186). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1974e). Sobre as teorias sexuais infantis. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 9, pp. 213-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1974f). O esclarecimento sexual das crianças. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 9, pp. 137-147). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (1974g). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad.,Vol. 07, pp. 129-238). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).



- Freud, S. (1974h). Lembranças encobridoras. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 3, pp. 333-358). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1974i). Casos clínicos: 2- Frau Emmy von N. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 2, pp. 91-152). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1889).
- Freud, S. (1974j). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 350-426). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Garcia, J. R., Lloyd, E. A., Wallen, K., Fisher, H. E. (2014). Variation in Orgasm Occurrence by Sexual orientation in a Sample of U.S. Singles. *J. Sex Med*, 11, 2645-2652.
- Goldschmidt, R. (1932). *Le déterminisme du sexe et de l'intersexualité*. Paris: Alcan.
- Gordon, A. R.(2009). Marie Bonaparte: princesa e psicanalista. *Jornal de Psicanálise*, 42(77). São Paulo, dez, 107-121.
- Iñiguez L. (Coord.). (2005). Capítulo 2: A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In L. Iñiguez. (Coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. (V. L. Joscelyne, trad. pp. 50-104). Petrópolis: Vozes.
- Kaplan, Sadock, B. J. & Sadock, V. A. (2008). *Manual conciso de psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artemed.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra publicada originalmente em 1966).
- Lanouzière, J. (1991). Marie Bonaparte. In: J. Lanouzière. *Histoire secrète de la séduction sous le règne de Freud*. (pp. 123-153). Paris: Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. (V. Dresch e M. Marques, trad.). Porto Alegre: Dublinense.
- Laplanche, J. (2008a). Ponctuation: La révolution copernicienne inachevée. In J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée. (Travaux 1967-1992)* (pp. III-XXXV). Paris : Quadrige / PUF. (Trabalho original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2008b). Implantation, intromission. In J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)* (pp. 355-358). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2008c). Le traitement psychanalytiques des états psychotiques. In: J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*. (pp. 125-130). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1992).

- Laplanche, J. (2008d). La position originare du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle. In: J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*. (pp. 37-58). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1968).
- Laplanche, J. (2008e). Masochisme et théorie de la séduction généralisée. In: J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée (Travaux 1967-1992)*. (pp. 439-456). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2008f). La pulsion et son objet-source: son destin dans le transfert . In J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée. (Travaux 1967-1992)* (pp. 227-242). Paris : Quadrige / PUF. (Trabalho original publicado em 1984).
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques VII: Le fourvoisement biologisant de la sexualité chez Freud, suivi de Biologisme et biologie* Paris, França: PUF.
- Laplanche, J. (1999a). *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Le plessis-Robinson, Institut Synthélabo.
- Laplanche, J. (1999b). Séduction, persécution, révélation. In: J. Laplanche. *Entre séduction et inspiration: l'homme*. (pp. 07-56). Paris: Quadrige / Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner e E. Brandão, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988a). *Problemáticas II: castração, simbolizações*. (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).
- Laplanche, J. (1988b). Interpretar [com] Freud. In: J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (pp. 21-32). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. (C. P. B. Mourão e C. F. Santiago, trads.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1970)
- Le Bon, G. (1875). *Physiologie de la génération de l'homme et des principaux êtres vivants*. Paris: Alfred Duquesne Éditeur.
- Le Bon, G. (1911). *Les opinions et les croyances*. Paris: Flammarion.
- Lebovici, S. (1983). À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, 47 (4), 1081-1093. Recuperado em 03 de fevereiro de 2016 da Base de Dados Gallica: <http://gallica.bnf.fr>
- Lemel, A. (2010). *Les deux cents clitoris de Marie Bonaparte*. Paris: Éditions Mille et une nuits, 2010.
- Lloyd E. A. (2005) The case of female orgasm: Bias in the Science of Evolution. *Twin Research and Human Genetics*, 9(1), 181-184.

Loewenstein, R. (1935). De la passivité phallique chez l'homme. *Revue Française de Psychanalyse*, 8 (1), 36-43. Recuperado em 10 de junho de 2015 da Base de Dados Gallica: <http://gallica.bnf.fr>

Marañón, G. (1931). *L'évolution de la sexualité et les états intersexuels*. Paris: Gallimard.

Martin, R. D. (2016). Intimately Connected : Research sheds new light on the biological origins of women's sexuality. *Psychology Today*. Texto recuperado em 13 de fevereiro de 2016: <https://www.psychologytoday.com/blog/how-we-do-it/201609/intimately-connected>.

Moore, A. (2009). Relocating Marie Bonaparte's. *Australian Feminist Studies*, 24 (60), 150-165.

Narjani, A. E. (1924). Considérations sur les causes anatomiques de la frigidité chez la femme. *Bruxelles-Médical*, 42, 768-778.

O'Connell, H. E., Hutson, J.M., Anderson, C. R., & Plenter, R.J. (1998). Anatomical relationship between urethra and clitoris. *Journal of Urology*, 1(56), 1892-1897.

Pavličev, M. Wagner, G. (2016). The evolutionary origin of female orgasm. *J. Exp. Zool. (Mol. Dev. Evol.)*, 00B, 1-12.

Reich, W. (1975). *A função do orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica*. (M. da G. Novak, trad.). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1942).

Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2019a). Repensando o caso Lefebvre com Jean Laplanche, *Psic. Clin.*, 31(3), 517-576.

Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2019b). Complexo de perfuração: uma interpretação a partir da teoria da sedução generalizada, *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 23 (3), 584-605.

Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2019c). O que é falo passivo? *Reverso*, 78, 55-62.

Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2019d). Edgar Allan Poe: um poeta autossimbólico. *A cor das Letras*, 20 (3), 203-215.

Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2018a). Falo passivo e sedução originária, *Memorandum*, 35, 205-223.

Ribeiro, S. D. (2018b). Algumas questões sobre a adoção a vida e obra de Marie Bonaparte, *Anais do VII Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura*, Belo Horizonte-MG, p. 134-144.

Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2017a). Os 201 clitóris de Marie Bonaparte. *Reverso*, 74(39), 61-67.

- Ribeiro, S. D. (2017b). Psicanálise e antissemitismo: do mito do judeu-satã a alteridade do pulsional, *Anais do VI Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura*, Belo Horizonte-MG.
- Ribeiro, S. D. (2017c). Marie Bonaparte: uma perita em transexualidade?, *Anais do IX Colóquio Mulheres em Letras: cartografias do corpo*, Belo Horizonte-MG.
- Ribeiro, S. D. (2016a). Sobre o papel formador do homem para a identidade sexual da mulher, *Anais do V Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura*, Belo Horizonte-MG.
- Ribeiro, P. de C. (2017d). Gênero, sexo e enigma no sexual de Jean Laplanche. In: P. de C. Ribeiro (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 105-124). São Paulo: Zagodoni.
- Ribeiro, P. de C. (2016b). O sexual, o fálico e o orifical a partir da teoria da sedução generalizada. *Percurso*, 56/57, 105-112.
- Ribeiro, P. C. (2007). Identification passive, genre et séduction originaire. *Psychiatrie Française*, 4, 21-48.
- Ribeiro, P. de C. (2001). O real é sexual: mal-estar na clínica lacaniana das psicoses. *Percurso*, 2, 113-125.
- Ribeiro, P. de C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Roudinesco, É. (1994). *Histoires de la psychanalyse en France. 1*. Paris : Fayard.
- Seixas, A. M. R. (1998). *Sexualidade feminina: História, cultura, família*. São Paulo: Editora SENAC.
- Silva, M. K. (2012). *A feminilidade originária nas psicoses*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil.
- Stouten, H. (2011). *Marie Bonaparte (1882-1962): Freuds Princes*. Zoekt Haar Dode Moeder, Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Thompson, N. L. (2003). Marie Bonaparte`s Theory of Female Sexuality: Fantasy and Biology. *American Imago*, 60 (3), 343-378.
- Tarelho, L. C. (2016). A tópica da clivagem e o supereu. *Percurso*, 56/57, 133-142.
- Tarelho, L. C. (2017). O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana. In: P. de C. Ribeiro (Org.). *Por que Laplanche?* (pp. 15-49). São Paulo: Zagodoni.
- Wallen, K. & Lloyd, E. A. (2011). Female sexual arousal: genital anatomy and orgasm in intercourse. *Hormones and Behavior*, 59,780-792.

Wallen, K. & Lloyd, E. A. (2008). Clitoral variability compared with penile variability supports non adaptation of female orgasm. *Evolution & Development*, 10 (1), 1-2.

## ANEXOS

Anexo 1: ARTIGO 4:

### OS 201 CLITÓRIS DE MARIE BONAPARTE<sup>34</sup>.

*The 201 clitoris of Marie Bonaparte.*

#### Resumo

Apresentaremos um panorama geral sobre a doutrina bonapartista em torno da sexualidade da mulher, por meio do qual daremos destaques especiais ao papel do clitóris no desenvolvimento da psicosexualidade da mulher e a subsequente tese da causa anatômica da frigidez. O pensamento bonapartista obedece a três veios principais de pensamento: o veio biologicista, o psicanalítico e o etnológico. O procedimento de análise sistemática dos textos nos possibilita demonstrar a importância atual que o pensamento bonapartista adquire na psicanálise.

#### Palavras-Chaves

clitóris, frigidez, mulher, psicanálise.

#### Introdução

Para introduzir partiremos de um importante trecho da obra freudiana sobre a sexualidade da mulher, onde o mesmo afirma:

A frigidez sexual das mulheres, cuja frequência parece confirmar esse descaso, é um fenômeno ainda insuficientemente compreendido. Às vezes, é psicogênico e, nesse caso, acessível à influência; em outros casos, porém sugere a hipótese de ser constitucionalmente determinada e, até mesmo, de existir um fator anatômico coadjuvante. (FREUD, [1933] 1976, p. 131).

Essa passagem nos elucida duas principais razões: primeiro, testemunha a influência que o pensamento bonapartista teve no pensamento freudiano; segundo, o mesmo constitui um verdadeiro resumo dos principais pontos de vista bonapartista sobre a frigidez feminina. Sabemos que a princesa Marie fora analisada pelo fundador da psicanálise, o que resultou no surgimento de uma grande amizade entre os dois (BERTIN, 1989), o que consequentemente a levou a assumir a carreira de psicanalista e abraçar a causa freudiana

---

<sup>34</sup> Artigo publicado: Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2017). Os 201 clitóris de Marie Bonaparte. *Reverso*, 74, 61-67.

na sua difusão e propagação, principalmente no território francês. Seu protagonismo não implicou somente na retirada do pai da psicanálise e de parte de sua família da Áustria nazista, e nem em preservar e traduzir inúmeros textos da psicanálise<sup>35</sup>.

Em 1926 juntamente com outros contribuiu com a fundação da *Société Psychanalytique de Paris* (BERTIN, 1989; ROUDINESCO, 1994). A princesa Marie também financiou a criação da *Revue Française de Psychanalyse*, órgão oficial da sociedade, e em 1934 é inaugurado o Instituto de formação, o então, Instituto de Psicanálise, órgão de ensino da sociedade, localizado na época no Boulevard Saint-Germain graças à sua generosidade.

Durante muitos anos a princesa Marie ensina no respectivo Instituto, dentre os principais temas abordados por ela foram: a teoria dos instintos, a frigidez feminina e sobre a interpretação dos sonhos. Feita essa súmula biográfica, afiançamos que o presente artigo tem como principal objetivo esclarecer o principal trabalho escrito por ela sobre a sexualidade da mulher (BONAPARTE, 1967), pois, acreditamos que o mesmo é relevante no cenário contemporâneo dos estudos feministas e de relações de gênero. Essa obra faz parte de um conjunto maior de estudos psicanalíticos da autora sobre o tema (NARJANI<sup>36</sup>, 1924; BONAPARTE, 1952a, 1952b, 1952c). A característica marcante no estilo dos trabalhos bonapartianos é a mistura de termos e conceitos da biologia com os conceitos da psicanálise. A autora constrói um verdadeiro aparato de termos anfíbios que denotam a mistura dos dois campos de saberes (AMOUROUX, 2012). Se remontarmos a época onde se concentra a maior parte da publicação dos seus escritos sobre a sexualidade feminina, somos levados a reconhecer que ela está na contramão do fenômeno chamado de giro lingüístico, ocorrido nas décadas de época 1950 e 1960. O giro lingüístico significou, dentre outros aspectos, que a linguagem adquiriu importância cada vez maior nas ciências sociais e humanas como meio de construção de ferramentas para a realização de pesquisa social, e um exemplo de construção de uma ferramenta desse tipo é a Análise

---

<sup>35</sup> Sabemos que, graças à princesa Marie, o texto do *Projeto para uma psicologia científica* (1889) foi preservado, assim como as correspondências de Freud a Fliess (Bertin, 1989). E grande foi seu esforço em inúmeras traduções, como *Uma lembrança de infância de Leonard de Vinci* (1928), *Minha vida e a psicanálise* (1930), *O futuro de uma ilusão* (1932), *Metapsicologia* (1940), entre outros.

<sup>36</sup> Narjani é o pseudônimo que a princesa Marie utilizou na publicação desse artigo, em que demonstra o papel da distância entre a glândula do clitóris e o meato urinário, e o protagonismo desse fator anatômico no orgasmo feminino.

do Discurso. A partir de, então, ocorre uma quebra na separação hierárquica entre a linguagem cotidiana e a linguagem científica (essa última era até então considerada como possuindo maior valor). "O giro lingüístico foi um giro no sentido de ter sido uma mudança radical graças ao seu questionamento se a linguagem cotidiana é suficiente para explicar o mundo e a vida real." (IÑIGUEZ, 2005a, p. 55). Portanto, esse giro abre caminho para as dimensões onde o trabalho da ciência passa a ser igual a qualquer outra prática social e também para a fundamentação epistemológica da ciência social crítica (IÑIGUEZ, 2005b), por exemplo, aquela empreendida por Rorty.

A psicanálise não ficou imune ao giro lingüístico e Lacan (1998), contrapunha ao caminho que a princesa Marie trilha para a psicanálise, ou seja, a aliança com a biologia. Então, ele abraça com tudo os estudos da lingüística, principalmente os realizados por Saussure e Jakobson, na sua re-leitura de Freud, como atestam seus seminários da década de 50 e 60, o que, anos mais tarde, culminou na invenção de uma 'psicanálise lacaniana'. Laplanche (1992; 1999; 2008; 2015) também é outro exemplo de psicanalista importante na França que sem sombra de dúvidas faz duras críticas ao biologicismo em psicanálise e que ele nomeia como "desvio biologizante" (LAPLANCHE, 1999) e como movimento ptolomaico na chamada "revolução copernicana" em psicanálise (LAPLANCHE, 2008). As críticas laplancheanas em grande parte denunciam o uso mitológico da biologia na obra freudiana. Ponto de vista que, consideramos importante no nosso resgate histórico-epistemológico das obras bonapartianas. O apego a biologia no pensamento psicanalítico bonapartiano pode levar para um caminho onde tudo que é da ordem do simbólico, ou do pulsional fica comprometido com o real do biológico. Não pretendemos nesse artigo esgotar as múltiplas possibilidades de discussão sobre esse tema, mas consideramos não deixar esses fatos alheios a nossa discussão. Assim, a psicanálise e a biologia não são os únicos eixos de pensamento da princesa Marie, o aspecto etnológico e antropológico também é muito importante em suas pesquisas, pois, ela sempre busca dados das pesquisas antropológicas, e sabemos da sua forte ligação e interesse pelas pesquisas do antropólogo Bronislaw Malinowski (BERTIN, 1989), principalmente nos seus estudos sobre os ritos em tribos primitivas de iniciação das jovens, que incluem a excisão do clitóris.

### **Panorama: sobre os 200 clitóris.**

No artigo de Narjani (1924) encontramos a polêmica pesquisa bonapartiana com 200 mulheres, tomadas aleatoriamente na população de Paris, e através de um exame



ginecológico minucioso mediu a distância entre o clitóris e o orifício uretral e constatou uma variação de 1 a 4 cm, e, então, com base no exame e nas entrevistas com essas mulheres em torno do orgasmo, deduz que quanto maior a distância maior a probabilidade da mulher ser acometida de frigidez por causa anatômica. E a solução estaria na cirurgia de aproximação, conhecida como operação Halban-Narjani. Tomadas as devidas críticas e o distanciamento necessário na análise da tese bonapartista sobre a cirurgia da frigidez, pretendemos nessa oportunidade esclarecer que apesar da cirurgia da frigidez ter caído em desuso e não ter prosperado, a sua tese da causa anatômica da frigidez é hoje reconhecida cientificamente por inúmeros trabalhos na área da medicina e das ciências biológicas (WALLEN, LLOYD, 2008; 2011), assunto que retomaremos mais adiante.

No seu longo estudo que vai dos anos de 1929 a 1942, a princesa Marie se interessa particularmente pelos trabalhos que descrevem práticas sexuais exóticas em povos primitivos. Tendo como base os trabalhos antropológicos como os de Géza Róheim, Felix Bryk, Marcel Mauss, dentre outros. Ela focalizará seu interesse sobre a excisão ou clitoridectomia em tribos primitivas, onde procurará se interessar pela sexualidade como pelo psiquismo das mulheres excisadas. No seu célebre texto sobre essa questão (BONAPARTE, 1952c) ela compara e relata vários casos clínicos de mulheres européias que sofriam de masturbação excessiva e cujo tratamento fora feito pela excisão, mas que em muitos casos, esse procedimento não alcançava o objetivo almejado, ou seja, cessar a masturbação na mulher. Ela constata que a sensibilidade erótica das mulheres não é totalmente afetada pela excisão, e que não é mais observado casos de frigidez nas mulheres primitivas ou egípcias ou mulçumanas excisadas do que nas mulheres européias não excisadas. Segundo Amouroux (2012) provavelmente a princesa Marie foi uma das primeiras mulheres ocidentais a poder assistir aos rituais de mutilação sexual praticadas em Djibouti.

Segundo Bonaparte (1952b) com base em Freud ([1905] 1976) podemos traçar a gênese do clitoridismo na mulher e os tipos de frigidez, e as causas podem ser de dois tipos: psíquicas, produzida por uma educação moral rígida e repressora; e anatômica, quanto maior a distância da glândula do clitóris do orifício uretral maior a probabilidade da insensibilidade. Todos os estudos sobre a sexualidade feminina serão condensados na sua obra sobre a sexualidade da mulher (BONAPARTE, 1967), onde desenvolve a tese da bissexualidade dos seres humanos e principalmente como se manifesta na mulher. Sobre a evolução da libido a autora remonta as teses desenvolvimentistas freudianas, onde na menina depois de uma fase comum passiva anal contra a mãe, a filha aborda uma fase

ativa passageira fálica contra ela, depois uma segunda fase passiva (cloacal) contra o pai. Em seguida há o período de latência, e a última fase passiva (genital, vaginal, púbere) com exclusão relativa durável do clitóris e a afirmação da vagina. É nesse livro que ela retoma seu estudo sobre as mutilações físicas das mulheres primitivas e realiza um paralelo psíquico na nossa civilização ocidental moderna.

Podemos considerar a princesa Marie uma autora feminista? Qual o papel do clitóris em sua obra sobre a sexualidade feminina? Incontestavelmente ela fora uma mulher engajada com a causa feminista de sua época (BERTIN, 1989) e que além de cumprir o papel de embaixatriz de Freud na França (APPIGNANNESI & FORRESTER, 2011), apresentou uma vida exemplar de coragem intelectual e de dignidade, pois, em muito contribuiu para o estudo da frigidez feminina, assunto tabu em sua época. Os 200 clitóris encontram lugar no seu escopo teórico no seu célebre estudo (NARJANI, 1924), como dito anteriormente. É daí que surge sua curiosa tipologia feminina levando em conta a distância da glândula do clitóris ao meato urinário, onde as mulheres estariam classificadas em três grupos: as teleclitorídias (> 2,5 cm); as mesoclitorídias (em torno de 2,5 cm); e finalmente as paraclitorídias (< 2,5 cm). Entende que as primeiras seriam anorgásticas e necessitavam de tratamento cirúrgico, enquanto que, as segundas tinham orgasmos eventuais, podendo aumentar a frequência deles com certas posições facilitadoras, e as paraclitorídias seriam as verdadeiramente orgásticas (LEMEL, 2010). De fato, Bonaparte (NARJANI, 1924) via além da tipologia feminina freudiana (FREUD, [1931] 1980).

Hoje a cirurgia Halban-Narjani não se sustenta mais, contudo, sua tese sobre a causa anatômica da frigidez, é atualmente reconhecida por pesquisas recentes sobre esse tema (PAVLIĚEV, WAGNER, 2016; WALLEN, LLOYD, 2011; WALLEN, LLOYD, 2008). É importante dizer que todos esses artigos mencionados citam o trabalho de Bonaparte (NARJANI, 1924) como fonte primária e suas pesquisas além de corroborarem a tese bonapatista, vão além e realizam um estudo comparado com várias espécies de mamíferos e primatas e relacionam a posição anatômica do clitóris com a possibilidade de obtenção de orgasmo por parte da fêmea. (PAVLIĚEV e WAGNER, 2016). Os estudos afirmam que há espécies de mamíferos como o esquilo, o coelho, o porco espinho, dentre outros, onde a obtenção do orgasmo é condição para ovulação, assim a posição do clitóris é dentro do canal vaginal, o que facilita o contato com o pênis do macho durante o coito, e a sensação de orgasmo é obtida mais facilmente. Por outro lado, há animais como a

cabra, o camelo, o cavalo, o golfinho, dentre outros, onde a posição do clitóris é na borda do canal vaginal. E finalmente, nos primatas, nas diversas espécies de macacos, ratos, e no ser humano, o clitóris das fêmeas está localizado anatomicamente distante do canal vaginal, pois evolutivamente nessas espécies o orgasmo foi dissociado da ovulação. Esses estudos servem para nos certificar que a tese da causa anatômica da frigidez apontada por Bonaparte (NARJANI, 1924) possui validade científica comprovada. O ineditismo do trabalho da princesa Marie está justamente em realizar uma pesquisa dessa natureza numa época onde não dispúnhamos de tantos recursos tecnológicos como temos hoje.

### **Somando mais um clitóris**

O mais um clitóris para fechar nossa conta dos 201 clitóris, é justamente o próprio clitóris da princesa Marie. Sabemos que a mesma se submeteu ao procedimento cirúrgico de aproximação do seu próprio clitóris do orifício uretal. Segundo Bertin (1989) ela própria financiou as condições de desenvolvimento dessa técnica cirúrgica junto ao Dr. Halban, importante cirurgião vienense. Esse fato abriu brecha para que muitos críticos acreditassem que a princesa Marie fosse uma mulher frígida. Contudo, temos notícias de inúmeros amantes que ela teve durante sua vida, fato que propiciou a escrita de um livro intitulado *Os homens que amei* (inédito), e que nunca foi publicado<sup>37</sup>. Querelas a parte, preferimos não afirmar que ela era uma mulher frígida.

Disso tudo, a pergunta que achamos mais relevante para fazermos é: qual o *status* do clitóris na teoria psicanalítica bonapartiana sobre a sexualidade da mulher? Segundo Bougeron (1997) o *status* do clitóris na obra bonapartiana marca uma floresta de interpretações e de reflexões clínicas e teóricas que denotam sua pertinência. De fato, o uso do termo clitóris chega a ser abusivo, dotando o mesmo de uma aréola de fetiche.

Segundo sua biógrafa Bertin (1989): "Freud lhe diz um dia (15 de fevereiro de 1927) que ela é realista com às vezes uma *Wildephantasie* (fantasia selvagem). É esse aspecto de seu caráter que a leva a procurar na cirurgia uma resposta fácil para os seus problemas sexuais." (p. 269). Essa operação é apontada como marcando "...o fim da lua-de-mel com a análise. Freud admoesta-a por tê-la praticado "(BERTIN, 1989, p.269). Nesse momento, a princesa Marie chegou a cogitar a largar a psicanálise e fazer medicina. Contudo, isso não acontece. Para outros críticos

---

<sup>37</sup> Faz parte do conjunto de escritos inéditos, arquivados na Biblioteca do Congresso, em Washington, e que será disponibilizado para o público em geral apenas em 2050.

As passagens ao ato cirúrgico da princesa não puderam ser analisado por Freud num momento onde ele mesmo se submetia a numerosas intervenções para seu câncer no maxilar. E ainda, Freud não soube analisar sua contratransferência paternal. (AMOUROUX, 2012, p. 78).<sup>38</sup>

Contudo, sabemos que a amizade entre Freud e Bonaparte nunca fora abalada e os dois se mantiveram amigos até o fim da vida.

## **Conclusão**

Por meio desse estudo foi possível esquadrihar a tese da causa anatômica da frigidez de Bonaparte e como essa ideia influencia o pai da psicanálise sobre a sexualidade da mulher. Apresentamos os aspectos biologizantes e sociais das teorias bonapartianas e a relevância do seu estudo em torno dos 200 clitóris.

Concluimos que há uma considerável relevância da obra bonapartista sobre a sexualidade da mulher nos estudos contemporâneos de gênero. As construções teóricas realizadas pela princesa Marie apresentam uma potência original que verificamos na perpetuação de certas preocupações que estão além de seu tempo e alcançam os trabalhos de uma época futura. Por exemplo, como pensar o prazer sexual das mulheres transexuais? O que se estuda sobre a inadaptação da mulher a função sexual hoje e quais as soluções para a mesma na ciência contemporânea? Como a psicanálise hoje se preocupa com a frigidez nos seus aspectos clínicos e teóricos? E como as construções bonapartianas podem nos ajudar nessa seara? Enfim, identificamos e demonstramos o papel da princesa Marie na história do pensamento psicanalítico, cujos trabalhos transcendem o contexto histórico, intelectual e cultural de seu tempo.

## ***THE 201 CLITORIS OF MARIE BONAPARTE***

### **Abstract**

We will present an overview of the Bonapartist doctrine on women's sexuality, by means of which we will give special highlights to the role of the clitoris in development of the psychosexuality of the woman and the subsequent thesis of the anatomical cause of

---

<sup>38</sup> Tradução nossa do trecho original: “Les passages à l’acte chirurgicaux de la princesse n’auraient pas pu être analysés par Freud à un moment où il subissait lui-même de nombreuses interventions pour son cancer de la mâchoire. De plus, Freud n’aurait pas su analyser son contre-transfert paternel” (AMOUROUX, 2012, p. 78).

frigidity. Bonapartist thinking obeys three major veins of thought: the biologist, psychoanalytic and ethnological vein. The procedure of systematic analysis of the texts enables us to demonstrate the current importance that Bonapartian thought acquires in psychoanalysis

### **Keywords**

Clitoris, frigidity, woman, psychoanalysis.

### **Referências Bibliográficas:**

AMOUROUX, R. *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

APPIGNANNESI, L.; FORRESTER, J. *As mulheres de Freud*. Tradução de Nana Vaz de Castro e Sofia Maria de Sousa Silva. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BERTIN, C. *A última Bonaparte*. Tradução de Rachel Meneguello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BONAPARTE, M. Passivité, masochisme et féminité. In: \_\_\_\_\_ . *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952a, p. 26-33.

BONAPARTE, M. Les deux frigidités de la femme. In: \_\_\_\_\_ . *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952b. p. 12-19.

BONAPARTE, M. Notes sur l'excision. In: \_\_\_\_\_ . *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952c. p. 107-123.

BONAPARTE, Marie. *Sexualité de la femme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

BOURGERON, J-P. *Marie Bonaparte*. Paris: Presses Uniersitaires de France, 1997. 128 p.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_ . *Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-238. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 07).

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: \_\_\_\_\_ . *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 254-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933 [1932]). In: \_\_\_\_\_ . *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.p.113-134. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

IÑIGUEZ, L. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: \_\_\_\_\_. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2005a, p. 50-104.

IÑIGUEZ, L. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: \_\_\_\_\_. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2005b, p. 105-160.

LAPLANCE, J. *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Le plessis-Robinson, Institut Synthélabo, 1999.

LAPLANCHE, J. (2008). Ponctuation: La révolution copernicienne inachevée. In : \_\_\_\_\_. *La révolution copernicienne inachevée. (Travaux 1967-1992)*. Paris : Quadrige / PUF, 2008, p. III-XXXV.

LAPLANCHE, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. Tradução de V. Dresch e M. Marques. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Tradução de C. Berliner e E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio e Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LEBOVICI, S. À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, vol. 47, n. 4, p. 1081-1093, 1983.

LEMEL, A. *Les deux cents clitoris de Marie Bonaparte*. Paris: Éditions Mille et une nuits, 2010.

NARJANI, A. E. Considérations sur les causes anatomiques de la frigidité chez la femme. *Bruxelles-Médical*. Paris, v. 42, p. 768-778, 1924.

PAVLIËEV, M. WAGNER, G. The evolutionary origin of female orgasm. *J. Exp. Zool. (Mol. Dev. Evol.)* 00B, p.1-12, 2016.

ROUDINESCO, E. *Histoire de la psychanalyse en France*. 1. Paris: Fayard, 1994, p. 330-344.

WALLEN, K. LLOYD, E. A. Female sexual arousal: genital anatomy and orgasm in intercourse. *Hormones and Behavior*. v. 59, p. 780-792, dez. 2011.

WALLEN, K. LLOYD, E. A. Clitoral variability compared with penile variability supports nonadaptation of female orgasm. *Evolution & Development*. v. 10, n. 1, p 1-2, jan-feb. 2008.

## O QUE É FALO PASSIVO?<sup>39</sup>

*What is passive phallus?*

### Resumo

Falo passivo é uma noção elaborada por Bonaparte (1967) e Loewenstein (1935) e diz respeito à passividade fálica tanto no homem quanto na mulher. Nosso objetivo é esclarecer o sentido inaugural desse termo e demonstrar sua pertinência para os estudos psicanalíticos na atualidade. Tal noção, até então negligenciada pela maioria dos psicanalistas, mostra-se relevante em nossos dias por ser promissor sob o auspício da teoria da sedução generalizada e subjacente ao entendimento do metabolismo obsessivo.

**Palavras-Chaves:** Falo, Passivo, Obsessivo, Sedução.

### Introdução

Empreender um estudo em que os resultados levem ao necessário reconhecimento da noção de falo passivo na psicanálise contemporânea implica antes de tudo sinalizar para a “função de significante do falo” (LACAN, [1958] 1998, p. 700).

Podemos também atribuir a significação do falo à força com que Lacan (1998) subtraiu “[...] a psicanálise da proximidade da medicina e das instituições médicas” (FOUCAULT, 1999, p. 298). Quando escutamos a expressão “falo passivo”, intuimos que tal noção não está subordinada à doutrina lacaniana, o que está correto.

Tal formulação faz parte das doutrinas bonaparteana e loewensteiniana, cuja característica marcante para ambas é “jamais renunciar à biologização da psicanálise” (LEBOVICI, 1983, p. 1081, tradução nossa).

Sabemos que essa corrente biologicista na psicanálise no final dos anos 1950 e início da década de 1960 disputava o cenário científico e intelectual da época com a corrente oposta liderada por J. Lacan e seus seguidores, que abraçaram as novas ideias resultantes do chamado giro linguístico com as chamadas “ciências humanas” (FOUCAULT, 1984, p. 361-404).

Por outro lado, sobretudo o pensamento bonaparteano permaneceu na contramão desse giro e dentro de uma certa ortodoxia freudiana empreende explicações biológicas

---

<sup>39</sup> Artigo publicado: Ribeiro, S. D.; Belo, F. R. R. (2019). O que é falo passivo? *Reverso*, 78, 55-62.

de determinados conceitos psicanalíticos colocando assim, meio caricaturalmente, as “amebas sobre o divã” (AMOUROUX, 2012, p. 186, tradução nossa).

O pensamento lacaniano e o bonaparteano representavam dois campos doutrinários opostos, numa declarada disputa pelo legado de Freud na França (BERTIN, 1989; ROUDINESCO, 1994), numa época de intensa rivalidade e cisões no meio psicanalítico francês.<sup>40</sup>

A partir desse cenário histórico se configurou o estruturalismo. E é também justamente nesse turbilhão de ideias que surgiu a noção de falo passivo, comprometida com o biologicismo, o que em nossos dias é absolutamente criticável. Então, trazê-lo à baila implica assumirmos a responsabilidade de uma prodigiosa inventividade metodológica que nos permita esclarecer o que é o falo passivo e qual é a sua relevância tendo em vista os estudos atuais em sexualidade (CECCARELLI; ANDRADE, 2018), bem como a pertinência em ser revisitado na atualidade levando em conta toda a crítica já consolidada quanto ao desvio biologizante<sup>41</sup> em psicanálise (LAPLANCHE, 1993; LACAN, 1998).

### **As origens do falo passivo**

Segundo Bonaparte (1967), o termo “falo” se refere ao órgão anatômico pênis e/ou ao clitóris. Entretanto, de antemão, esclarecemos ao leitor que a noção de falo no *corpus* bonaparteano aparece como uma espécie de ícone condutor de uma elaboração científica complexa sobre a sexualidade da mulher e

[...] marca uma floresta de interpretação, de reflexões clínicas e teóricas que denotam sua pertinência (BOURGERON, 1997, p. 58, tradução nossa).

Com isso queremos dizer que o falo adquire muitas nuances nas idealizações bonaparteanas, inclusive “o sentido simbólico fálico” (BONAPARTE, 1952a, p. 26, tradução nossa), como consta no dossiê clínico sobre Léfèbvre, um dos primeiros casos de psicose relatados na literatura psicanalítica, além de ser a maior contribuição de Bonaparte à clínica das psicoses. Esse sentido metafórico não remete à doutrina lacaniana,

---

<sup>40</sup> Sabemos da intensa amizade do fundador da psicanálise com a princesa Marie Bonaparte. Ela ficou mundialmente conhecida por ser responsável juntamente com E. Jones por convencê-lo a sair da Áustria nazista e retirá-lo dali (BERTIN, 1989; ROUDINESCO, 1994). As disputas de ideias entre Bonaparte e Lacan não somente refletiam o espírito da época, mas também uma grande peleja política no seio da Société Psychanalytique de Paris (SPP), financiada e sob a patronagem da princesa Marie, que sempre fora veementemente contrária às ideias lacanianas e à possibilidade de que ele assumisse a presidência da SPP.

<sup>41</sup> Entendemos por desvio biologizante a tentativa de explicar o funcionamento psíquico atrelando-o a causas biológicas e não à história libidinal do sujeito.



mas serve para nos alertar que a noção de falo na perspectiva bonaparteana não obedece a uma dedução tão direta e simples ao órgão anatômico.

As origens do falo passivo remontam à compreensão das fases pré-genitais da organização da libido conforme postuladas por Freud ([1905] 1980), em que a pré-história passiva do falo está localizada nos cuidados maternos com a higiene do corpo do bebê pelo adulto. Nesses cuidados ocorrem carícias provedoras essenciais de excitações provocadas pelo toque ora intencional, ora involuntário, podendo inclusive ser direcionado ao pênis ou ao clitóris do bebê.

Brevemente, temos o seguinte entendimento: a sedução maternal nos cuidados com a *toilette* do infante causa-lhe sensações de prazer, pois,

[...] a menina, bem como o menino, são lavados, cuidados e acariciados por todas as partes, involuntariamente, por sua mãe, que é quem desperta a sensualidade cloacal-fálica passiva da criança (BONAPARTE, 1967, p. 72-73, tradução nossa).

Nessa perspectiva a passividade fálica é uma etapa necessária do desenvolvimento libidinal da criança, preparando-a para a sexualidade adulta.

A psicanálise veio nos mostrar que “[...] o caráter de erogeneidade pode se ligar a algumas partes do corpo de forma particularmente marcante” (FREUD, [1905] 1980, p. 188), e quão complexa é a evolução das manifestações da sexualidade infantil até chegar ao estado acabado no adulto. Nessa evolução, a pequena criança aprende a dissociar dois tipos de prazeres, por exemplo, pela boca: um relacionado à alimentação (saciedade da fome) e outro ligado a satisfação de sugar.

Segundo Laplanche ([1970] 1985), essas satisfações são de essências diferentes: uma fisiológica, relacionada à sobrevivência (plano da autoconservação), onde a outra encontra apoio (*étayage*) no corpo (no caso, a boca) a fim de passar para o plano da sexualidade. Ou seja, “[...] o que é pervertido é sempre o instinto, mas é, enquanto função vital que ele é pervertido pela sexualidade” (LAPLANCHE, [1970] 1985, p. 30).

O falo passivo remete não somente ao prazer sentido pela primeira vez no pênis ou no clitóris provocado pelo toque do adulto, mas também envolve toda a situação em que o bebê busca o prazer “[...] tomando qualquer parte do corpo [...] como sendo sua erogeneidade. [...] como uma característica geral de todos os órgãos” (FREUD, [1914] 1976, p. 100).

Essa tese nos possibilita entender, entre várias coisas, a abrangência que o domínio da sexualidade perversa polimorfa do bebê pode tomar, que por fim engloba o erotismo via a passividade fálica.

### **Que é falo passivo?**

É o falo compreendido como o pênis ou o clitóris que deve seguir a lei geral que rege os fenômenos orgânicos, começando pela passividade e passando em seguida para a atividade ou ainda uma mistura desses dois estados.

Nessa concepção, a distinção entre o falo passivo e o falo ativo é:

Que nós entendamos por falo ativo aquele que espontaneamente, por excitação nervosa central, na visão ou no pensamento, por exemplo, do objeto amado, é capaz de entrar em ereção e de desejar penetrar. O falo passivo, ao contrário, tem necessidade de excitações periféricas localizadas e pode, mesmo assim, em certos casos extremos de passividade, chegar ao orgasmo sem ereção (BONAPARTE, 1967, p. 72, tradução nossa).

Nesse trecho é nítido o embaralho entre a biologia e a psicanálise como já salientamos, fato que nos sugere realizar algumas críticas. Contudo, guardemos a ideia de que o falo passivo conserva a estreita relação com as fases pré-genitais da organização da libido e os fatos relacionados à intervenção do adulto sobre o corpo do bebê nos cuidados de higiene e carinho. Esses cuidados podem provocar impactos inclusive acidentais de erupção de excitação difusa ou localizada sob a pele ou o órgão anatômico da criança. Então, temos o seguinte entendimento: há uma pré-história do falo, predominantemente passiva, antes da fase fálica (ativa) propriamente dita. Isso significa de maneira precisa e sistemática que o falo é ativo e passivo, e mesmo passivo, ele é investido libidinalmente. Em outros termos, “é passivamente que ele é antes de tudo vivo” (BONAPARTE, 1967, p. 71, tradução nossa).

Nessa mesma linha de pensamento, Loewenstein (1935, p. 38, tradução nossa) com muita pertinência nos esclarece que a função genital com metas passivas

[...] aspira às carícias que vêm de fora, que esta seja de uma outra pessoa ou da mão do próprio sujeito. [...] as primeiras manifestações da fase fálica são representadas pelas tendências, pelos desejos e pelos atos com objetivos passivos: fazer ver, fazer tocar ou tocar sua própria vara. Essas manifestações genitais iniciam desde a primeira infância.

Os autores concebem esclarecimentos e indagações sobre as manifestações clínicas do falo passivo no homem e na mulher. Seus textos são elucidados por vários casos clínicos que mostram a relevância do falo passivo nas disfunções sexuais.

Em Bonaparte (1952b) há uma forte articulação dessa noção com a frequente inadaptação da mulher à função erótica (frigidez) e em Loewenstein (1935) no entendimento da impotência masculina.

### **Distinções do falo passivo na atualidade**

O falo passivo, compreendido para além do primado do genital, rende mais compreensão aos fatos da sexualidade, pois

[...] no ser humano, o impulso sexual (*Sexualtrieb*) é composto por impulsos parciais (*Partialtrieben*) que não servem originalmente à reprodução, mas, antes, à obtenção de prazer em partes do corpo, para além dos genitais (CECCARELLI; ANDRADE, 2018, p. 235).

Em outras palavras, podemos pensar que as excitações periféricas

[...] desenham na superfície do corpo uma geografia da excitação que desconsidera qualquer primado do genital (ANDRÉ, 2016, p. 116).

Então, entendemos por sexualidade os destinos do sexual.<sup>42</sup> Nesse sentido, o falo passivo compreendido para além da genitalidade reflete, a nosso ver, justa relevância em ser retomado ou revisitado. Sobretudo, em vista da contemporaneidade com que certas demandas e sofrimentos psíquicos têm chegado aos nossos consultórios: transtorno do orgasmo feminino, ejaculação prematura (precoce), as transexualidades. Esse último, segundo Ceccarelli (2013; 2017), com o movimento pela despatologização decorrente dos interesses sociopolíticos e econômicos do nosso atual momento histórico e cultural, tem requerido mais do clínico do que os meros laudos para a cirurgia de readequação sexual ou hormonioterapia, que muitas vezes se mostram insuficientes no tratamento. Queremos apenas indicar que é nessas situações clínicas que o falo passivo deve ser situado em nossos dias.

Por meio da noção de falo passivo lançamos mão de outras maneiras de compreensão da sexualidade, às vezes além, outras vezes na contramão da corrente

---

<sup>42</sup> Definimos assim o sexual: é múltiplo e polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele se fundamenta no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise (LAPLANCHE, 2015, p. 155). Em outros termos, se manifesta nas fantasias, nos devaneios, nos atos falhos e nas ocasiões quando somos surpreendidos pelo estranho (*Das Unheimlich*) (CECCARELLI; ANDRADE, 2018, p. 236).

estruturalista da psicanálise, movimento que em nossos dias não está tão em alta como na época da cisão entre Lacan e Bonaparte, ou mesmo, Laplanche e Lacan no famoso Colóquio de Bonneval<sup>43</sup>. Nessa direção, faz todo sentido a pergunta:

No mundo contemporâneo existem lugares, ainda que pontuais, para uma simbolização aberta? (LAPLANCHE, 1981, p. 34, tradução nossa).

Entendamos por simbolização aberta a manutenção do caráter subversivo com que psicanálise em seus primórdios sublinhou em algumas de suas mais importantes postulações. Em outras palavras, em vez de procedermos dogmaticamente, deveríamos nos interrogar sobre qual maneira a noção de falo passivo pode estar em

[...] consonância com as rupturas de pensamento que se fizerem necessárias para compreendermos melhor o mundo em que vivemos (FRANÇA; MAZZINI, 2018, p. 218).

Ao retomar a noção do falo passivo, reivindicamos uma psicanálise que aceite melhor aquilo que escapa ao funcionamento estrutural e quebra a compreensão estereotipada das vivências da sexualidade, por exemplo, as apontadas pelas transexualidades, uma vez que, “[...] escapam à lógica fálica sustentada pelas fórmulas de sexuação” (CECCARELLI, 2017, p. 85).

Não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que o fazer teórico e clínico da psicanálise é neutro ou isento de qualquer implicação política ou das relações de poder. Nesse sentido, a psicanálise corre o risco de se envolver na produção de discursos que reconhecem certas práticas como legítimas e outras como abjetas, “[...] produzindo uma nova ordem repressiva” (CECCARELLI, 2017, p. 86).

Por que a concepção de falo passivo é importante em nossos dias? Certamente essa ideia pede para ser revista. Há nessa noção algo que de fato é extraordinariamente

---

<sup>43</sup> No Colóquio de Bonneval, em outubro de 1959, J. Laplanche e S. Leclaire travaram uma batalha com J. Lacan em torno da concepção de que o sintoma ou mesmo o inconsciente “é estruturado como uma linguagem” (LACAN, [1953] 1998, p. 270). Isso implica também dizer que “[...] nada do que diz respeito ao comportamento do ser humano como sujeito [...] não pode escapar de ser submetido às leis da fala” (LACAN, [1955-1956] 1988, p. 102). Portanto, “[...] o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado tecido de linguagem” (LACAN, [1955-1956] 1988, p. 142). Os primeiros propõem um litígio entre inconsciente e estruturalismo, argumentando que a origem do inconsciente deve ser procurada no processo que introduz o sujeito no universo simbólico pelas etapas da simbolização e do recalçamento primário e que o estatuto do inconsciente assim constituído, se é um estatuto de linguagem, essa linguagem não pode, em absoluto, ser assimilada à nossa linguagem verbal (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1992, p. 255). Esse fato acabou sendo responsável pelo rompimento entre Laplanche e Lacan, o que levou mais tarde Laplanche a afirmar que “o inconsciente não tem uma *estrutura* de linguagem” (LAPLANCHE, 1992, p. 96, grifo do autor), que os elementos de linguagem que há no inconsciente são apenas restos, restos de fonemas, restos de palavras, sem organização alguma, mas compostos de elementos separados, o caos.

propício para ser investigado. Para quem quer se aprofundar, vale indicar apenas dois caminhos. O primeiro é o da relação desse pressuposto com a noção de sedução tal como foi desenvolvida no sentido ampliado na chamada teoria da sedução generalizada (LAPLANCHE, 2015).

Essa teoria laplancheana nos ajuda a ampliar a noção de sedução envolta na pré-história passiva do falo, reconhecendo que os inelutáveis encontros do bebê com os cuidados dos adultos estão permeados de modalidades diferentes de mensagens a ele endereçadas. Essas mensagens vão enchendo o seu corpo de materiais discursivos e não discursivos, comprometidos com a sexualidade inconsciente desses adultos. Essas mensagens possuem um efeito traumático no bebê por causa da sua imaturidade na organização psíquica, que é incapaz de tratar o excesso de excitação.

De acordo com Laplanche (1992), esses excessos traumáticos serão esquecidos e farão parte do seu inconsciente pelo efeito do recalçamento originário. Acreditamos que uma investigação nesse sentido possa nos mostrar que a teoria da sedução generalizada vem ampliar a noção de sedução a qual o falo passivo envolve, distinguindo-o do biológico, mas, localizando-o na história libidinal do sujeito, isto é, de que o pulsional tem infinitas formas de se arranjar.

E nisso está a potência conceitual do falo passivo,

[...] ali onde se esperava uma associação intransponível (falo/atividade/virilidade), foi possível mostrar outro funcionamento (RIBEIRO; BELO, 2018, p. 219).

O outro caminho indicado para se aprofundar nessa noção é perguntar se é possível entrever a influência do falo passivo no horizonte das formulações lacanianas. Lacan ([1957-1958] 1999, p. 219) fez observar com muita pertinência a passagem do falo para o plano do significante, inclusive “[...] ao que se denominou de estados de passividade do falo”.

Nesse sentido, os prazeres preliminares dos quais são retiradas às satisfações da passividade fálica passariam pela “elaboração significativa do prazer” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 312). Não vamos enveredar por uma aproximação que possa parecer forçada, mas nos afiguram sugestivas as observações lacanianas sobre o obsessivo e sua relação com o falo, ou seja, a recusa do falo e a mortificação do desejo. Sabemos que na neurose obsessiva se tem a sensação de estar sendo observado o tempo todo, ou seja, a onividência do Outro pelo olhar, que remete ao pai onipotente, pai morto, pai da dívida (simbólico).

Lembremos no caso do *Homem dos Ratos* (FREUD, [1909] 1976) a visão da irmã morta, das mulheres nuas e a fala do pai enquanto voz imperativa, reproduzida pela própria voz interna do obsessivo, nos faz pensar na fase pré-genital vivida nesse tipo de estrutura clínica, onde a pulsão escópica e a pulsão anal fazem o obsessivo se investir pulsionalmente pelo olhar numa linguagem codificada, num tipo de idealização e espetáculo, onde ele recebe a permissão do outro para gozar. Só que ocorrem a mortificação do desejo e a falência do falo, inclusive na sua dimensão de desetumescência.

Lacan ([1961-1962] 2003, p. 132) afirma:

[...] o falo, objeto no cofre da demanda, é um falo morto. Pesquisar no obsessivo o que se passa no tipo de amor que ele cultiva; isso se assemelha a um rito funerário, honra ao falo embalsamado.

Essa ideia de falo morto em Lacan ([1961-1962] 2003) nos parece ser articulável com as demais indicações que ele faz a respeito da passividade fálica (LACAN, [1957-1958] 1999). Certamente, a noção de falo passivo deve ser inspecionada pelos psicanalistas, não procedendo pedantemente, mas preservando seu caráter subversivo.

## **Conclusão**

Por meio desta pesquisa foi possível examinar a noção de falo passivo segundo Bonaparte (1967) e Loewenstein (1935), retomando seus postulados iniciais permeados por aspectos biologizantes, para em seguida mostrar sua pertinência na atualidade. Notadamente tal noção pode ser articulada à teoria da sedução generalizada (LAPLANCHE, 2015) e ao significante (LACAN, [1957-1958] 1999; [1958] 1998; [1961-1962] 2003).

Tal percurso nos exigiu um esforço notável para visualizar a passividade fálica além do genital, mas relacionada às diversas dinâmicas pulsionais que auxiliam as múltiplas expressões da sexualidade.

Concluimos indicando que a passividade do falo simboliza uma realidade que seria a presença desviril de um objeto que pode ser viril, aquilo que marca por sua presença e sua ausência ao mesmo tempo, ou seja, em sua “polivalência significante” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 422) presente na articulação inconsciente do sujeito.

Por outro lado, é importante continuarmos a desenvolver pesquisas que tomem a “teoria do falo passivo no campo da teoria da sedução generalizada” (RIBEIRO; BELO,

2018, p. 210), distinguindo o pulsional e localizando-o na exata medida da inversão do binarismo (fálico/castrado) pela diversidade que lhe é própria.

### **WHAT IS PASSIVE PHALLUS?**

#### **Abstract**

*Passive phallus is a notion elaborated by Bonaparte (1967) and Loewenstein (1935) and concerns phallic passivity in both men and women. Our aim is to clarify the inaugural sense of the term and demonstrate its relevance to current psychoanalytic studies. Such a notion forgotten by most psychoanalysts is relevant today is sometimes promising under the auspices of the generalized seduction theory and on the other, underlying the understanding of obsessive metabolism.*

**Keywords:** *Phallus, Passive, Obsessive, Seduction.*

#### **Referências**

AMOUROUX, R. *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

ANDRÉ, J. Nascimento da sexualidade humana. In: \_\_\_\_\_. *Sexualidade: três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

BERTIN, C. *A última Bonaparte*. Tradução de Rachel Meneguello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BONAPARTE, M. Le cas de Madame Léfèbvre. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952a, p. 5-45.

BONAPARTE, M. Les deux frigidités de la femme. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952b. p. 12-19.

BONAPARTE, M. *Sexualité de la femme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

BOURGERON, J.-P. *Marie Bonaparte*. Paris: Presses Uniersitaires de France, 1997.

CECCARELLI, P. R. Transexualidades e mudanças discursivas. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, v. 47, p. 151-158, 2017. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

CECCARELLI, P. R. *Transexualidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

CECCARELLI, P. R.; ANDRADE, E. L. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 229-250, 2018.

FOUCAULT, M. As ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1984. p. 361-404.

FOUCAULT, M. Lacan, o “Libertador” da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 298- 299. (Ditos e escritos, 1).

FRANÇA, C. P.; MAZZINI, C. de A. Encontros e desencontros entre Laplanche e Lacan: abordagens psicanalíticas das questões sociais. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 211-228, 2018.

FREUD, S. O homem dos ratos (1909). In: \_\_\_\_\_. *Dois histórias clínicas (o pequeno Hans e o homem dos ratos)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 159-258. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). In: \_\_\_\_\_. *História do movimento psicanalítico*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-120. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-238. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

LACAN, J. A significação do falo (1958). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Campo Freudiano do Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 9: a identificação (1961-1962)*. Coordenação do projeto de tradução e editoração por Letícia P. Fonsêca. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos



Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife).

LAPLANCHE, J. El estructuralismo, ¿sí o no? *Trabajo del psicoanálisis*, v. 1, n. 1, p. 15-34, 1981.

LAPLANCHE, J. *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Le plessis-Robinson, Institut Synthélabo, 1999.

LAPLANCHE, J. *Le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud*. Paris: Synthélabo, 1993.

LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o id: seguido de: O inconsciente: um estudo psicanalítico* / Jean LAPLANCHE, S. LECLAIRE. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Estante de Psicanálise).

LAPLANCHE, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. Tradução de V. Dresch e M. Marques. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise (1970)*. Tradução de C. P. B. Mourão e C. F. Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LOEWENSTEIN, R. De la passivité phallique chez l'homme. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 8, n. 1, p. 36-43, 1935.

RIBEIRO, S. D.; BELO, F. Falo passivo e sedução generalizada. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 35, p. 205-223, 2018.

ROUDINESCO, E. *Histoire de la psychanalyse en France*. 1. Paris: Fayard, 1994. p. 330-344.